

Stadium

N.º 53 / 8 de Dezembro de 1943



O "ARDINA"

Trabalhador infatigável, quer chova ou o sol escale, semi-descalço mas de cara alegre, o pequeno vendedor corre a cidade, com o seu eterno dinamismo, desde que um dia rompe até que outro nasce. Ao comemorar um aniversário, «Stadium» afirma-lhe o seu reconhecimento com esta sincera homenagem!

(foto Nunes d'Almeida)

PARA a realização dos dois encontros de futebol entre as seleções de Lisboa e Sevilha, foram escolhidas em definitivo as seguintes datas: 27 de Fevereiro, em Lisboa, e 16 de Abril em Sevilha. Há portanto maior intervalo entre os dois jogos.

Enquanto não se fizer nenhum desfecho com seleções nacionais, os dois encontros Lisboa-Sevilha servirão para matar saudades... Não é tudo, evidentemente. Mas pode ser o recanço do princípio... Quem que concorre para elevar a tradição das grandes partidas internacionais.

TERMINOU, há dias, um interessante cruzeiro de propaganda velocipedica — a «Volta a Portugal» em standers, efectuada pela equipa composta por António Pereira Colção e Ernani Ribeiro de Sousa.

Todos os dois «cruzeiros» de grandes quilómetros não têm outra para o ciclismo. São pretendo para a festa de propaganda na recepção dos ciclistas e mostrar a vantagem da bicicleta no excursionismo.

HÁ pouco tempo, numa cidade da província, realizou-se um jogo particular de futebol, com certa afluência de público. Por qualquer razão, não houve banheirinhos para os juizes de linha. Tiveram por isso que desempenhar as funções — com um lance.

No final, um espectador volta-se para o juiz de linha do seu lado e diz-lhe:

— O sr. juiz: não metá a bandeira no bolso!...

O ciclismo é um desporto que entra nos clubes como que em resaca... Uns clubes voltam-se para o ciclismo — e há outros que se afastam. Varia um pouco segundo a simpatia de alguns dirigentes — e conforme se aparecem, ou não, sócios que o querem praticar.

Cabe agora a vez de ingressar no ciclismo ao Clube de Futebol Benfica. É uma boa aquisição, por se tratar de clube localizado em zona citadina propensa à expansão do ciclismo. O Futebol Benfica organizou uma Secção Velocipedica e vai promover uma prova de ciclismo: o «Rallyes Natal. Começa, pois, bem.

O impulso da «Stadium» no renascimento da luta gregoriana vai produzindo seus efeitos, em alguns clubes lisboenses. O Ginnásio Club Português reorganizou a sua equipa. É o Ateneu Comercial, de gloriosas tradições no mesmo desporto, vai efectuar o torneio «Vasco Ribeiros», em m. l. idênticos aos de algumas temporadas disputadas há anos, ou seja em condições propícias à revelação de novos lutadores.

Para a taça «Vasco Ribeiros», de homenagem ao presidente da direcção do Ateneu, está prometida a inscrição de atletas das seguintes clubes — Ateneu, Ginnásio, Lisboa Ginnásio e Inten'ente.

Trata-se de uma iniciativa digna do melhor estilo. Os clubes interessados devem dispensar ao torneio uma colaboração que não seja apenas tórica. Não basta organizar provas. É preciso dispor-nos com entusiasmo. Ao Ateneu ofereçamos, de já, espontaneamente, a nossa melhor cooperação.

UM ANO DE TRABALHO

PREFAZ hoje um ano que, cheios de entusiasmo, plenos de vontade, eivados de confiança, lançámos o primeiro número desta nova série do Stadium.

Antecipamos já dificuldades de várias ordens e formámos o nosso espírito para o que pretendíamos, para o que se nos impunha — estimular o desporto, aconselhar os desportistas, animá-los e corrigir-lhes possíveis defeitos, quer sob o ponto de vista técnico, quer sob o ponto de vista disciplinar.

Para isso não nos furtámos a todos os esforços que as circunstâncias permitiram.

Quisemos retirar à nossa volta críticos que fôssem técnicos desportistas, fomos isentos de parcialidade e esforçamo-nos por dar ao público tudo quanto de bom se fez, em matéria de desporto, durante o primeiro ano da nossa acção — que se tornasse, em suma, digno de figurar nas nossas colunas.

Repudiámos intrigas e maldizentes, não originámos conflitos, não alimentámos vaidades e, fiéis aos princípios que proclamámos, fomos sempre, sem a menor interrupção ou dúvida, cem por cento pró-desporto, cem por cento pró-desportistas.

Não aceitámos colaboração a esmo, antes a procurámos escolher criteriosamente, mesmo quando demos lugar a alguns novos; não cedemos a influências ou partidarismos e aliámos sempre a crítica pura e rígida a noções de dignidade, civismo e delicadeza; não alardeámos serviços ou idéias que tivéssemos apresentado ou lançado; demos o nosso desinteressado concurso a todos os que, pequenos ou grandes, no lo solicitaram; fizemos jornalismo desportivo servindo apenas o desporto; e esforçamo-nos por ser comentadores imparciais, independentes — honestos.

Deficiências que o estado de guerra acarretou e que a outrem trariam o desânimo, todas vencemos, não como desejaríamos, talvez, mas como os recursos do presente no-lo permitiram, no seu máximo.

E quando se dissipar a névoa de pólvora que envolve o Mundo, quando a Paz voltar à superfície tão devastada da terra, quando as lágrimas se substituírem por sorrisos confiados; quando os navios singrarem os mares e os aviões cortarem o espaço em mensagens de amizade e confraternização; quando as indústrias voltarem ao seu progressivo e humano ritmo de trabalho confiado, — daremos cabal cumprimento à promessa que formulámos e na qual nos empenhamos: «mais e melhor»!

GUILHERMINO DE MATOS

ANO XII — LISBOA, 8 DE DEZEMBRO DE 1943 — II SÉRIE N.º 53

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS, L. DA

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ENCONTRAM-SE concluídos quasi todos os campeonatos regionais de futebol. Encontram-se já em curso os que int'essam à selecção para o campeonato de Portugal da I Divisão. Os outros, com interesse limitado ao campeonato da II Divisão, vão terminando a pouco e pouco, agora uns, depois outros.

Com os últimos jogos, acentuam-se muitas desigualdades. Em alguns pontos do país, tais desigualdades foram tremendas. Vireu-se de mais a aspiração de um triunfo que seria legítimo. O desgosto é por isso maior...

A propósito do campeonato de Braga, quando ainda o Vitória de Guimarães tinha de derrotar o Famalicão, a dúvida que havia, fora dos meros atletas dos dois clubes, não era sobre o resultado — mas sobre os efeitos do resultado.

O Vitória era e é um clube em franco progresso. A derrota, se a isso, representaria, para os vimarense, um certo número de dificuldades a vencer durante o ano. O Famalicão era um clube que procurava ganhar o campeonato á custa de sacrificios materiais. A derrota pô-lo-a ante este problema — me cederá a pena gastar dinheiro para tentar uma vitória que não se alcança? A resposta tanto pode constituir incentivo — como provocar desalento.

ANALISANDO os resultados dos campeonatos regionais de futebol, vêem-se coisas que mostram com o desporto, a vida se faz por vezes aos altos e baixos, com soluções de continuidade que devem corresponder a crises de certa gravidade, se é que não triduem apenas um colapso accidental.

É este o caso que tem a propósito do torneio disputado no distrito de Aveiro. A Associação Ovarense, que teve anos de excelente comportamento em vários desportos, caiu na cauda da classificação, de parceria com o Beira Mar, um grande clube nos desportos náuticos. Mas este campeonato teve outro facto digno de registo — o resurgimento do Sporting Clube de Espinho.

GREGÓRIO, o excelente médio centro do Atlético, tem sido um jogador muito discutido — principalmente com prova do valor do futebol como jogo de conjunto. Gregório começou a distinguir-se na União Lisboa, que deu o Atlético, pela sua fusão com o Caravelinhos. O Sporting reparou nele — e levou o valeroso jogador juntar-nos para a sua equipa. Gregório, porém, não se adaptou à toada de jogo que é característica nos clubes. Regressou, por isso, ao ponto de partida. Agora voltou a brilhar. Isso que é certamente dizer que todo o jogador tem de ser aproveitado — no ambiente próprio, ou dentro da toada imposta pela sua propensão para o jogo. E quer também dizer que o treinador não pode importar-se apenas com o jogador que brilha — mas com aqueles que são susceptíveis de adaptação em determinada equipa.

A piscina de inverno do Alge's entrou já em funcionamento. Os festivais má cada para o Estoril espionavam a actividade de vários clubes da capital. E alguns deles começaram a fazer os seus treinos na piscina do Alge's.

JACK DEMPSEY contra JOE LOUIS

ou o resultado de um combate hipotético

Crônica de RAFAEL BARRADAS



idade de ambos, nas duas épocas, era igual: 25 anos.

Seria, no entanto, indispensável empregar a famosa máquina de explorar o tempo, de H. G. Wells, para recuar ou avançar os dezanove anos que separam essas duas épocas e poder, assim, opôr na sua melhor forma os dois atletas.

De outro modo, só por esforço de imaginação e de raciocínio se conseguirá imaginar o que teria sido esse combate, verdadeira batalha do século XX.

A lista de vitórias, de ambos, mostra que, aos 25 anos, Dempsey tinha ganho 45 lutas por K-O, em 65 combates, e que Louis, em 44 matches, conseguiu abater 37 adversários.

Considerando o número de encontros de Dempsey em que o limite de rounds era demasiado baixo para que a vitória se consumisse por «fora-de-combate», podemos dizer que os dois jogadores têm carreiras semelhantes e de curva ascensional congênere.

Fisicamente, Jack Dempsey era um tipo mais perfeito do jogador de *boxing*, com o péso distribuído acentuadamente na parte superior (tronco e braços), ao passo que Louis o tem igualmente distribuído pelo corpo inteiro. Geometricamente falando, o campeão branco é do tipo triangular, enquanto que o pugilista negro pertence ao tipo quadrangular.

Isto mesmo se deduz das medições respectivas:

	Dempsey	Joe Louis
Idade.....	25 anos	25 anos
Péso.....	87,5 k.	91 k.
Altura.....	1,86 m.	1,88 m.
Peseçoço.....	44,5 cm.	40,5 cm.
Peito.....	1,05 m.	1,02 m.
Bicipite.....	35 cm.	35 cm.
Palmo.....	24,5 cm.	20 cm.
Clava.....	80 cm.	85 cm.
Coxa.....	52 cm.	55 cm.
Tornozelo.....	24,5 cm.	25 cm.
Perna.....	35 cm.	37,5 cm.

As vantagens, nestas medições, pode dizer-se que não pendem para lado nenhum ou, quando muito, seriam prejudiciais ao campeão negro.

Entremos então, decididamente, no terreno da técnica e da tática.

Poder de Golpe — Qual dos dois teria maior poder de golpe? Suspeitamos que Dempsey. Este lutador, no dia em que derrotou Jess Willard, praticamente ao primeiro sóco, confirmou a série de encontros sensacionais dos anos anteriores, durante os quais pôs K-O, ao primeiro assalto, 25 adversários — e, de entre eles, Jim Flynn, Fred Fulton, Carl Morris, Artur Pinky e Gunboat Smith!!!

E, toda a sua carreira, Louis só conseguiu 10 vitórias no round inicial, uma sobre John H. Lewis (que estava praticamente cego) e outra sobre Max Schmelling, (graças a um golpe irregular — sem contestação).

Poder de encaixe — Max Schmelling venceu Louis por *knockout* e James Braddock pô-lo no chão, o mesmo fazendo Tony Galento e Buddy Baer.

Dempsey foi pôsto *knockout* uma vez, em 1917, por Jim Flynn, mas sabe-se que esta vitória foi muito duvidosa — e discutível. O argentino Luis Firpo atirou-o fora do ring e Tunney desceu-o à lona por dois segundos, em Chicago. Nenhum destes *knockdowns* pode comparar-se, em tempo e preparação, com os sofridos por Louis. Foram antes quedas acidentais.

A maioria dos actuais jornalistas americanos acha que, embora quanto a poder de golpe tanto Dempsey como Louis estejam iguados, o poder de encaixe do branco era nidamente superior.

Uma análise do *record* de Louis, um pouco demorada, mostra-nos que muitos dos seus adversários estavam retardados do ring, ou em franca decadência, tais como Paolino Uzcudun, Jack Sharkey, Jack Roper, John H. Lewis, etc.

O próprio Max Schmelling, de 1938, era um jogador com 14 anos de ring, isto é, bem no final de longa carreira...

Técnica — Jack Dempsey foi um batalhador. Os seus golpes potentes da «querda», mesmo nos últimos tempos, explodiam como dinamite. Bastará recordar o 7.º assalto do seu encontro com Tunney, em Chicago, quando o campeão foi atraído ao solo por cerca de 14 segundos.

Tunney era um pugilista científico e poderoso — mas não pôde evitar a rapidez e a surpresa daqueles golpes. Como o poderia fazer Louis que, tecnicamente, é inferior a Gene Tunney por mais de uma... milha de intervalo?

A nossa opinião é que Louis deveria perder por *knockout* num encontro com Dempsey. A capacidade de encaixe do preto era sem dúvida menor do que a do branco, em qualquer período da sua vida desportiva. O que Carpentier nem Tunney puderam evitar, com toda a ciência de ambos, é muito pouco crível que o conseguisse um jogador com uma defesa fraca como Joe Louis. Tony Galento, vulgaroso «va-gon de carga», tocou-o no queixo mais de uma vez — e desceu-o. O chileno Godoy, durante 15 assaltos, burlou-se de Louis e dos seus golpes, apenas usando o *crouch* (guarda com o tronco dobrado para a frente e muito baixo). Billy Conn, durante quinze rounds, evitou os potentes golpes de Louis e foi vencido dificilmente por *knockout*...

O que teriam estes homens feito com Dempsey, o Dempsey de 1919 ou 1920?

Que estapupendo «enterra» para qualquer deles antes do 4.º round!

Ainda com-iderando Louis um admirável jogador e campeão, bem como desportista integral e pessoa de grande seriedade, estamos convencidos de que perderia com Dempsey se fosse possível opôr ambos no pináculo da forma.

E não só Jack Dempsey. O próprio Tunney jogava demasiado o *boxing* e era robusto e suficiente para neutralizar os fortes sócos de Louis — um homem lento de pernas e que, nas situações confusas, não dá boa conta de si, por falta de raciocínio ou por outra deficiência mental.



HÁ muitos anos que as raças negras e caucásica disputam entre elas a supremacia desportiva. A constante e portuada emulação que persiste entre os atletas de cor escura e os brancos, tanto no atletismo como nos jogos de força e destreza, transformou as pistas e as arenas noutros tantos locais de desafio racial, firmando-se, ora a vitória efêmera de um competidor africano, ora a submissão passageira do mesmo lutador.

Não podemos negar, infelizmente, que o aspecto desportivo do problema fica a perder e se encontra diminuído com a rivalidade entre pretos e brancos...

Mas como não é possível neutralizá-lo por completo, a menos que das competições desportivas se excluíssem os atletas de qualquer cor — acto este contrário à índole universalista do próprio desporto — ter-se-á, como recurso, apenas, contrariar toda a iniciativa que tenda a fomentar a emulação, dando-lhe o carácter de luta entre raças.

É oportuno dizer que a raça branca não tem motivo para fomentar essa luta. Tão forte como as outras raças, possivelmente, até, mais destra e adaptável por motivos de ordem intelectual, que derivam do grau de civilização atingido, criador de tanto género variado como atrante de jogos, a posição culminante que ocupa está solidamente firmada no desporto.

A sofreguidão e esse sentimento elevado que incitam os negros e os amarelos a pro-urarem ultrapassar os brancos nas vitórias desportivas e nos «records», juntamente com a alegria desproporcionada de certas multidões, que festejam as temporárias façanhas dos seus campeões com louco frenesi e histerismo, é que têm dado a impressão de rivalidade racial, latente e intolerante.

Estas divagações vêm a propósito de discutido combate imaginário (já se calcula...) entre Jack Dempsey e Joe Louis, famosos jogadores de sóco norte-americanos. A imaginação popular, apesar da impossibilidade de opôr um homem de 48 anos e outro com 29, delira com a análise demorada deste combate irrealizável, porque, precisamente, os dois atletas, além das características particulares que são comuns a ambos, são todos como símbolos idolatrados das duas raças a que pertencem e que julgam espelhar-se neles todas as virtudes e méritos físicos de que se supõem proprietárias.

Quem teria ganho, nos seus tempos aureos: Dempsey ou Joe Louis?

Antes de mais nada, quando foi que estes dois atletas atingiram a sua forma máxima? A esta pergunta é fácil contestar: o campeão branco estava na culminância em 1920 e o actual campeão preto alcançou-a em 1939. A

Recordações filhas da saudade...

GRANDES ESTÁDIOS, GRANDES EMOÇÕES

CENÁRIOS ONDE VIBROU A ALMA DO DESPORTO

Evocação de SALAZAR CARREIRA

As imagens fotográficas, jazendo sepultadas nos álbuns onde as colecionamos, bastam muitas vezes para despertar da memória — por uma instintiva ligação de idéias — emoções e saudades vivas, que dormiam na sombra do passado e nos pareciam olvidadas para sempre.

Por esta razão me apraz, nas noites intermináveis e agrestes do inverno, instalar-me na minha biblioteca, deixando vaguear os olhos, intérpretes do pensamento, pelas prateleiras que cobrem as paredes e onde se alinham livros e álbuns que, todos eles, encerram uma parcela da vida revoluta.

Aa sabor do acaso, o olhar fixa-se neste ou naquele volume e, colhendo-o, passo as páginas com a emoção crescente do namorado que desfolha um malmequer: ressurgem factos perdidos, recordam-se dias e horas em que a vida foi mais intensamente vivida, volto a sentir entusiasmos ou máguas que o tempo esbateu, mas não conseguí destruír.

Partindo de um pormenor, a imaginação desenvolve quadros gerais, anima as imagens inertes; perde-se a noção da amarga hora presente para mergulhar profunda e totalmente na atmosfera reconstituída pela saudade, que a impressão visual libertou do esquecimento e a distância amenizou com encantos remoçados.

Desta vez, o álbum que o acaso me fez sacar da estante contém velhas fotografias, algumas já amareladas ou desbotadas. Representam campos de desporto, tribunas

negras da multidão aglomerada, cenários onde vibrou a alma dinâmica do desporto e onde pulsaram corações arrastados pela paixão — que eu também senti e que revivo agora, no regresso tumultuoso das recordações, embelezadas pelo suave reflexo da saudade...

Dezembro de 1921 — está escrito sob a primeira. Representa um campo de terra batida, sem tribunas, escasso anel de público a determinar-lhe o contorno; ao fundo, as trazeiras dos prédios vizinhos, a espreitarem também. Parece um campo da segunda divisão... Afinal, é o terreno do Atlético, em Madrid, onde se joga o primeiro Portugal-Espanha em futebol!

O nosso baptismo internacional... Um misto de esperanças e incertezas... O nervosismo ilimitado dos portugueses, sentindo de início o peso da responsabilidade e a influência reflexa do prestígio dos grandes nomes do desporto espanhol: Zamora, Alcantara, Meana... A derrota que se desenha, o receio crescente do descalabro e a reacção enérgica, gerada na confiança progressiva

dos jogadores lusitanos, que nos afastou do espirito os nuvens negras e gerou o justificado orgulho do estreante que fez boa figura em despique com o mestre.

E volta-se a fôlha...

Agora é um autêntico estádio que temos na frente: Paris, 1924, esclarece a legenda. Os meus primeiros Jogos Olímpicos; a pista onde desfilei, num impressionante cortejo de Nações, atrás da bandeira de Portugal, empunhada pelo saudoso e modelar desportista que foi António Martins... Parece-me ouvir outra vez, com o mesmo pasmo de há vinte anos, o sonoro «Vivent les portugais!» que partiu isolado do elmo da gradaria, quando lhe passávamos pela frente, e que mais tarde, já em Lisboa, vim a saber que fora proferido por um industrial francês estabelecido aqui, se encontrava de viagem ao seu país para assistir aos jogos e que manifestava assim a sua gratidão pela nossa hospitalidade... Colombes, onde anos mais tarde voltei para sofrer uma das minhas mais amargas desilusões, num encontro de futebol que merecíamos ter ganho folgadoamente e vimos a perder pela incapacidade dos nossos avançados...

Passemos adiante...

(Continua na página 10)



A travessia a nado do canal da Mancha sempre se considerou uma admirável proeza e, durante dezenas de anos, julgou-se fora das possibilidades humanas.

A distância que separa o continente europeu das Ilhas Britânicas, não sendo demasiado grande para um nadador de fundo de largos recursos, é, mesmo assim, respeitável. Em linha recta, de um lado ao outro, não passa de 20 milhas. Mas o famoso estreito é agreste e rebelde... As águas, longe de se mostrarem tranquilas, giram constantemente revoltas e insubmissas. As marés alteram o seu curso, seis vezes nas vinte e quatro horas de cada dia. E para cúmulo, correntes marítimas, impetuosas e variáveis, surpreen-



Matthew Webb

(Reprodução de uma gravura antiga)

dem e afastam da terra firme os objectos flutuantes mais chegados a ela.

Contra tudo isto terá um nadador de se bater. O tempo que o sol dura acima do horizonte é insuficiente para executar a travessia, sendo preciso durante a noite continuar a tentativa. Hoje, felizmente, a Mancha, dominada pela superior vontade do Homem, já não é o «Gigante Admator» da natação. O número dos que a navegavam, tanto aqueles, que, vindos da costa das ilhas, chegaram ao continente europeu, como os outros que da França passaram para o lado oposto, é eloquente. Mas há 50 anos, por exemplo, só um homem podia reclamar a glória de o haver conseguido. Esse homem audacioso e de invulgares qualidades náuticas, que anos depois, precisamente pelo seu valor excepcional, havia de perder a vida tentando vencer as impetuosas águas dos rápidos do Niagara, chamou-se Matthew Webb.

No dia 24 de agosto de 1875 o capitão Webb metia-se à água em Dover Sands e no dia imediato punha o pé nas areias de Sangatte. Testemunharam o acontecimento cinco representantes da imprensa londrina, nomeadamente dos jornais «Times», «Daily Telegraph», «London Standard», «Daily News», etc., convidados a seguir a prova.

O nadador foi acompanhado pelo lugre *Anna*, onde seguiam, além dos jornalistas, um primo de Webb e pessoas das suas íntimas relações. Se o testemunho insuspeito dessa gente não garante a autenticidade do facto, ninguém hoje lhe daria fé.

Webb era um nadador de primeira ordem. Doze dias antes, a 12 de agosto, lançara-se pela primeira vez à água para cruzar o estreito. Durante 6 h. e 49 min. conservou-se lutando contra os elementos súbitamente revoltados. Vagas alterosas fizeram-no aban-

A conquista do canal da Mancha

Resumo das travessias e tentativas efectuadas

donar depois de ter percorrido 13 milhas e meia — mas fê-lo a instâncias dos que o acompanhavam.

Calcula-se que o capitão Webb, na tentativa que foi coroada de bom êxito, tivesse percorrido umas 40 milhas, em zigue-zague, durante as 22 horas e 45 minutos que esteve dentro de água.

No dizer de um cronista espirotozoso, a travessia da Mancha que o capitão Webb levou a cabo pode considerar-se como que a *magna carta* da natação, à semelhança daquela que, em 1215, os barões ingleses revoltados contra João Sem Terra lhe impuseram contendo as suas liberdades.

Foi a travessia do capitão Webb a primeira? Tudo leva a crer que sim, mesmo referindo-nos à mais remota antiguidade. De tal facto teria ficado, ao menos, a tradição oral — mas nada chegou aos nossos dias. Só mais tarde é que dois nadadores ingleses, Davis Dalton e Fred Cavill, pretendiam, em 1877 e 1890, terem repetido o feito de Webb, mas sem um só testemunho sério a confirmar tais proezas.

Webb foi, portanto, o primeiro autêntico e indiscutível triunfador. Antes d'ê-lo só se conhece a tentativa de J. B. Johnson, que a 24 de agosto de 1872 esteve dentro de água 1 hora e 5 minutos, desistindo em seguida e não voltando a tentar a experiência.

Desde 1875 até que, em 1911, outro nadador pudesse repetir tão notável façanha, as tentativas são em grande número. Em 1890, F. Holmes permanece 10 horas na água e desiste por causa do nevoeiro. Em 1900, o mesmo nadador faz outra tentativa infrutífera. Em 1901 aparece Monta de Holbein, que desiste a 8 km da costa inglesa. Em 1902, a 28 de agosto, chega a menos de uma milha da mesma costa, depois de nadar 22 horas e 2 minutos e ter percorrido mais de 50 milhas — mas as correntes afastam-no de terra impetuosamente! Nesse ano, Holmes fracassa mais duas vezes. Em 1903 e 1904 Holbein tenta de novo e



Burgess

em pura perda. Os ingleses Burgess, Haggerty e Grea-by também fracassaram nesse ano. Durante 1905 e 1906, Burgess Mew, Holbein e Lafarque redobram de esforços inúteis para atravessarem o canal. Em 1908 aparece Wolff; depois de percorrer 38 milhas em 15 horas e 16 minutos, desiste a 3/4 de milha da costa francesa... Nesse ano, James

Mearnes abandona, por seu turno, a 4 km. da meta.

Foram precisos 36 anos de interlúdio para que o feito do capitão Webb se repetisse.

Coube também a um inglês o mérito de conseguir atravessar o Canal da Mancha em segundo lugar. Desde 1904 que se viu homem, habitando há 35 anos o solo francês, onde negociava em pneumáticos, sofria sucessivas desilusões. Os seus fracassos elevam-se já a onze — e por isso não julgava que valésse a pena tentar mas que outra vez, para completar a dúzia. No dia 5 de agosto Thomas Wil-Burgess atira-se à água em Dover (na praia de Deal), pelas 16 horas e 50 minutos da manhã. No dia imediato, depois de uma travessia muito prejudicada pelo nevoeiro, «aterra» em Catelet, a 2 km. do



Sullivan

Cabo Gris Nez. Estava liquidada a *fataltura* do famoso canal.

Burgess não era nadador vulgar, pois em 1906 ganhara a corrida náutica das 24 horas, organizada em Joinville, percorrendo 44.600 km., e derrotando Holbein Wolfe, Paulus, Heaton, etc.

O feito extraordinário de Burgess não teve o êco que merecia. A Mancha apresentava-se tão inacessível, mesmo depois da segunda conquista, que ninguém julgava poder vencê-la sem a boa ajuda da sorte... E, por isso, os anos sucederam-se também sem que nadadores de envergadura ousassem, sequer, igualar, na pertinácia e na resistência, os fracassos antecedentes.

Havia tombado no esquecimento. Mas eis que, de repente, um *yanket*, sem fanfarras nem trombetas, surge das águas no dia 6 de agosto de 1923, na mesma praia do cabo Gris-Nez onde Burgess pôs pé em terra. Partindo, na véspera, de Dover, do Cais do Almirantado, donde Burgess também se lançara, Henry Sullivan, de Lowell (Mass), percorrerá a distância de 45 milhas em 27 horas e 23 minutos. Seis dias depois, aproveitando a época propícia, o tritão argentino Sebastião Tirabocchi recorre o mesmo trajecto desde o cabo até ao cais, no tempo fenomenal de 16 horas e 23 minutos, — em grandes mudanças de direcção no percurso. Pela primeira vez, portanto, o canal era atravessado do continente europeu até às ilhas da orgulhosa Ilíope.

A embriaguez do canal começa então. A época do ano já não favorece muito os nadadores.

Mesmo assim há um que consegue — e esse é norte-americano. Tem em mira o fabuloso negócio que será mostrar-se pelos circos, percorrendo o território da república americana, aureolado de pomposo rótulo, que o compare a Neptuno!...

Chama-se Charles Toth e nasceu em Boston (Mass.). É da terra do famoso pugilista John Sullivan e os homens daquela cidade atlântica não deixam «crédito» por mãos alheias. Realmente, no dia 8 de Setembro, o nosso homem entra dentro das águas no cabo Gris-Nez e sai, no dia imediato, em Dover Sands. Calcula-se que tenha navegado (é bem o termo...) 28 milhas e estivesse dentro do elemento líquido 16 horas e 54 minutos. Não bateu o *record* do argentino, mas isso não lhe importa, pois também andou algo mais do que aquê. Triunfara da matéria líquida que, incensurável barreira, sempre se opôs, com sabida persistência, à vitória da vontade do Homem. Só isso interessava — e lhe poderia proporcionar uma chuva de dólares... O seu regresso a Boston foi triunfal e temos de confessar que esse triunfo, ruidoso e também lucrativo, foi realmente justo.

(Continua)

«A VOZ DESPORTIVA»

Completo 17 anos de existência o nosso presado colega «A Voz Desportiva», de Coimbra, de que é distinto director o Dr. Amadeu Rodrigues, figura de relevo no meio desportivo da Lusitânia. Para um semanário da província, dezessete anos de trabalho constituem legítimo motivo de satisfação. Em tão largo período de tempo, a «Voz Desportiva» tem realizado notável obra de doutrina, auxílio e movimentação em vários desportos.

Ao Dr. Amadeu Rodrigues apresentamos afectuosos parabéns, com sinceros votos de muitas prosperidades para o seu jornal.

ECOS

O Clube Nacional de Natação não descansa na realização do seu projecto de construção da piscina de 25 metros, no lado parque de São Bento. As coisas encontram-se encaixilhadas agora no sentido de tornar viável aquela construção dentro de um prazo relativamente pequeno. Há apenas que encontrar solução rápida para o problema da água. O caudal é agora pequeno e por isso necessário procurar outro. Vem a propósito anotar que o Nacional tem recebido precioso estímulo, por parte de algumas entidades oficiais. A obra em projecto, natural complemento de trabalho notável no ensino de natação e salvamento, tem encontrado, em certas esferas superiores, um acolhimento que é motivo de satisfação — para o clube e para todo o desporto. Registamo-lo com muito prazer.

ESTE NÚMERO ESPECIAL DA «STADIUM» CUSTA QUINZE TOSTÕES

Uma síntese do desporto algarvio

O ALGARVE ocupa lugar de destaque no desporto nacional.

Todo o seu litoral é profundamente desportivo. Lá se encontram alguns importantes clubes, como o Sporting Clube Olhanense, Sporting Clube Farense, Lusitano de Vila Real, Glória Sporting Clube, Louletano Desportos Clube, Sport Lisboa e Faro — e muitos mais, como o Portimonense, Glória ou Morte, Boa-Esperança, Sport Lisboa e Lagos, Silves Sporting Clube, Esperança de Lagos, Imortal de Albufeira, Clube Naval de Faro, Ginásio Naval de Olhão, etc.

Qualquer lugar onde haja pelo menos onze rapazes tem o seu grupo de futebol, o seu campo, os seus entusiastas.

Devem contar-se por milhares os desportistas algarvios e, se fosse possível fazer o seu cadastro exacto, o número atingido deveria causar surpresa.

Queira o leitor seguir-nos na peregrinação que vamos fazer pelas suas principais terras, aonde o desporto está enraizado — o que se compreende, visto ser aí onde existem os maiores núcleos populacionais.

Em Faro, a capital do distrito, praticam-se várias modalidades: o futebol, o ténis, o «basketball», a patinagem, a vela, etc. O «hockey» em patins, desporto que foi tão movimentado nesta cidade, parou; o mesmo acontece com o ciclismo e a natação. Há dois campos de futebol («estádio de S. Luís e Senhora da Saúde»), dois «courts» de ténis, pertencentes à Câmara, três «rink» de patinagem, do Sport Lisboa e Faro, do Liceu de João de Deus e o da Alameda, este dos melhores do país, mandado construir pela Câmara Municipal.

Dois clubes se salientam: o Sporting Farense e o Sport Lisboa e Faro — o primeiro várias vezes campeão regional de futebol e «basket» e uma vez campeão da II Divisão do Campeonato Nacional. O Sport Lisboa e Faro, que disputa também o campeonato regional da I Divisão, possui uma bellissima sede (antigo teatro), onde há óptimas dependências.

O Liceu de João de Deus tem uma boa secção desportiva.

O Clube de Futebol «Os Bonjoanenses» e o Futebol Clube S. Luís, filiais, respectivamente, do Belenenses e do F. C. Porto, e ainda os Clube Desportivo Monte-Negro e Estrela Farense, são verdadeiros viveiros para o movimento desportivo da cidade.

Olhão é o segundo centro desportivo do distrito. O Sporting Clube Olhanense e o Clube Futebol «Os Olhanenses» evidenciam-se. O primeiro em futebol, uma vez campeão de Portugal e duas vezes da II Divisão, tem sido ultimamente representante do Algarve na I Divisão do Campeonato Nacional, onde já se classificou brilhantemente em 5.º lugar, à frente dos representantes do Porto, Coimbra e Setúbal. O segundo distingue-se na prática do «basket-ball».

A seguir vem Vila Real, onde o Lusitano Sport Clube possui o melhor campo de futebol da província. Em contra-partida, o simpático Glória Sporting Clube não tem campo de jogos, e para disputar o campeonato regional vai a Olhão fazer os seus jogos no estádio «Padinho». O Lusitano, duas vezes campeão regional de futebol, iniciou-se este ano na prática do «basket».

Em Loulé destaca-se o Louletano Desportos Clube, com uma actividade em relevo: ciclismo. No «desporto-rei» disputa o campeonato regional da I Divisão. Também se joga o «basketball» com interesse, com supremacia do Atlético Louletano, que já conseguiu óptimas vitórias sobre equipas de valor.

Portimão tem em actividade três clubes de futebol, dispondo de um campo. Os clubes são: Portimonense Sporting Clube, Boa Esperança e Glória ou Morte Portimonense. Os primeiros foram várias vezes campeões da zona de Barlavento e o Portimonense uma vez campeão do Algarve. A vela é também um desporto que e tá em voga na cidade; oxalá não se perca o entusiasmo...

A dois passos, surge a bela Praia da Rocha, com os seus «courts» de ténis, nos quais se realizam, nas épocas balneares, campeonatos



ciclismo

A ORGÂNICA DA VELOCIPEDIA

e a projectada remodelação

SABEMOS, por experiência própria, que nos assuntos de ciclismo nem sempre são os critérios mais indicados às necessidades do desporto, ou a razão dos factos, que presidem a muitas deliberações. Há circunstâncias — a principal das quais é o desinteresse — que obrigam as pessoas encarregadas de ordenar, por exemplo, a regulamentação, a trabalhar quasi involuntadamente, sem indicações que possam facilitar-lhes a espinhosa missão de que foram incumbidos. Sucede então que as primeiras idéias apresentadas são quasi sempre aceites, sem se aprofundar, de maneira geral, se encerram proveito para a modalidade.

Normalmente, os clubes e os organismos regionais alheiam-se da discussão dos assuntos ligados à velocipedia, deixando «correr o marfim». Quando surgem as dificuldades é que brandam aos céus, clamando que são prejudicados, que não atendem as suas necessidades e que são perseguidos...

Tem havido ocasiões (como naquêlê célebre congresso em que a votação de três grandes clubes impôs a sua vontade para se aprovar a mais arbitraria das resoluções — rotular corredores que recebiam dinheiro com a categoria de «internacionais»...) em que a «razão da força impera sobre a força da razão».

Nunca gostámos de adoptar, ou sequer defender, determinado critério, sem verificar, pelo menos teóricamente, se poderá servir ou não os interesses da velocipedia. Assim, embora saibamos que já estão mais ou menos assentes em definitivo quais os princípios a seguir na próxima remodelação — não queremos deixar de sugerir, como seqüência de outros artigos aqui publicados, mais algumas idéias — que julgamos aceitáveis.

Assim, de acordo com o nosso critério, não concordamos que continui a manter-se o sistema de duas regiões — embora haja de facto algumas dificuldades em estabelecer outra di-

regionais e algumas vezes nacionais, além de vários torneios a que concorrem os melhores tenistas da província e da capital.

Em Lagos e na sua formosa baía, o desporto está limitado... ao futebol, Esperança e Sport Lisboa e Lagos são eternos rivais. O primeiro foi campeão da II Divisão do campeonato regional.

Albufeira orgulha-se do seu Imortal algumas vezes campeão do Algarve de «basketball», praticando também o ténis de mesa.

Devemos ainda acrescentar S. Braz de Alportel, a terra do clima milagroso — com o seu desporto predilecto — a caça; Tavira em cuja escola de milicianos se pratica atletismo, «basketball» e natação; Quarteira, com dois clubes de futebol; Algôs, onde há um clube, o Sport Lisboa e Algôs, campeão popular numa prova organizada pelo jornal «O Século» para clubes não filiados.

E Silves, a mais antiga cidade do Algarve, em que existiram dois grandes rivais — o Nacional e o Silves Sporting Clube. Este ainda vive, mas como sociedade recreativa. Para fechar esta lista, em outras localidades, como Lagoa, S. Bartolomeu de Messines, Monchique, Armação de Pera, Alcantarilha e Aljezur, joga-se futebol e ténis de mesa, e pratica-se natação, vela, etc.

Muito mais há para dizer desta linda província das amendoeiras em flor, mas o espaço obriga-nos a deixar para outra ocasião algumas considerações sobre a vida desportiva desta região.

visão. Todavia, tais dificuldades não são insuperáveis.

A extensão da categoria de sócios individuais da Federação também poderia evitar-se. A Federação Espanhola de Ciclismo e a actual Federação Francesa continua a ter daqueles sócios, embora em alguns casos sem direito a voto. Além disso, é necessário pensar que na futura federação nacional existirão, a par dos corredores inscritos e representados pelos clubes, também os individuais — que em caso de qualquer divergência de ordem técnica não têm quem interceda por eles junto dos poderes federativos. Assim, os sócios individuais poderiam ser nessas emergências os legítimos representantes dos corredores sem filiação clubista.

Há ainda o propósito de atribuir à Federação a incumbência de organizar além dos campeonatos nacionais, a clássica prova Porto-Lisboa. Não concordamos igualmente com semelhante propósito, pois ao organismo máximo só deve pertencer a obrigação de efectuar as corridas em que se disputem os títulos nacionais. Mas se o fim daquela resolução é o de angariar fundos para a futura federação, provado como está que o Porto-Lisboa é prova susceptível de dar receita, então torne-se a iniciativa mais ampla e promova-se, anualmente, além daquela competição, também um Lisboa-Porto, à semelhança do que se faz em França com o Paris-Brest-Paris.

Quanto à intensão de adoptar entre nós a fórmula de classificação de corredores seguida pela federação espanhola, que possui estradistas de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª categorias, não vemos que tal método tenha muitas probabilidades de êxito, isto porque não há em Portugal, por agora, número suficiente de praticantes que comporte tamanha sub-divisão.

Mas este propósito sugere-nos uma ideia que daria viabilidade à fusão daquelas associações distritais cuja organização está dificultada pela falta de actividade em certas regiões. Consiste tal ideia na criação de nova categoria de corredores regionais, idêntica à estabelecida em alguns departamentos franceses e belgas, e que é atribuída pelas associações respectivas. Divulgadas as qualidades atléticas de tais estradistas em seqüentes competições, mas sem se «queimarem» em luta com homem já experientes, essa categoria proporcionava determinadas receitas às ditas associações e servia admiravelmente a expansão do ciclismo nas zonas distantes dos grandes centros desportivos.

Com o natural estímulo que adviria deste processo de trabalho, era possível que começasse por todo o país o almejado movimento renovador — de que a velocipedia tanto necessita.

GIL MOREIRA

Gráfica
SANTELMO

ARTES
GRÁFICAS

R. de S. Bernardo, 84 - Lisboa

Crónica de Ricardo Ornellas

Modalidades sem progresso por falta de iniciativa

DIZIA-NOS há poucos dias um conhecido desportista: «É inacreditável que no Barreiro, terra onde o desporto ocupa lugar de valia, não se pratique atletismo em larga escala, ténis de mesa, «hockey» em campo, «volley-ball» e tantas outras modalidades...»

A opinião deixou-nos pensativo. E imediatamente deliberámos tornar mais conhecido o reparo daquêlê nosso amigo, julgando que poderíamos encontrar alguém disposto a acompanhar-nos.

Futebol e «basket ball», nomeadamente o primeiro, são os desportos que «tudo mandam...» O resto — parece não interessar. Esse alheamento, porém, abrança até a capital do distrito. Setúbal também enferma da mesma anomalia...

«Mas?» Desconhecê-mo-las... Encargos de ordem financeira? Falta de praticantes? Ausência de dirigentes? Nada disto. Cremos, antes, não existir um pouco de iniciativa.

O atletismo e o ténis de mesa ainda dão um ar da sua graça, mercê de mais de meia dúzia de entusiastas, mas tão limitada é a sua prática que passa quasi ignorada. No atletismo — um dos princípios basilares da formação de indivíduos para todos os ramos do desporto — pode contar-se com simpatias. E, no entanto, já alguma coisa se viu. Em provas oficiais, que nos conste, exceptuando as corporativas, somente o Barreirense tem participado, para o que se filiou na Associação de Atletismo de Lisboa. A fraca inscrição de treze atletas alcançou êxito, traduzido pela conquista do título máximo na estafeta 3x1000, no ano findo. O facto poderia ter servido para forte incentivo — mas nada adiantou ao que já estava feito.

Do ténis de mesa, então, temos saudades. A Liga de Ping-Pong do Barreiro chegou a organizar, durante três épocas, interessantes torneios. Hoje, não existe...

Outras cidades são absolutamente nulas em toda a área distrital, como o «hockey» em campo e o «volley-ball», êste último considerado do excelente exercício respiratório e de simples execução.

A dois passos do maior centro desportivo do país, deverá continuar esta indiferença?

Não é admissível e não tem lógica. Urga, portanto, reunir os valores dispersos, interessar propriamente os dirigentes das colectividades desportivas, que são muitas e não cair no marasmo.

Se alguma coisa se fizer para o maior ergandimento desportivo do distrito de Setúbal, «Stadium» estará connosco, não regateará a sua ajuda.

Mãos à obra, pois, os de boa vontade. Nêste posto receberemos quem de nós se abeirar...

JOÃO DIAS

com um pau e tirou-lhe a lança que tinha na mão, e com esta mesma lança o matou. Estas coisas fez Banaías, filho de Jojada...

O caminho a seguir...

De modo que apetrechados, todos nós, com a ideia de Henrique Cochet e as alusões da Bíblia, o melhor que temos a fazer é continuar a respeitar os «records» de agora, fazendo circular as notícias sobre êles, juntando-lhes porém tudo da nossa ignorância sobre o que fizeram os homens que viviam a sua vida — sem juizes de partida nem de chegada, nem crómometristas nem agencias telegráficas nem jornalistas e, talvez, nem confitantes...

Como consequência poderão ser um tanto mais parcimoniosos os que glorificam «esses» com um pouquinho de exagero. Em dia de aniversário da «Stadium» «poucochinhas» pode equivar a tolerância — mas justifica-se a atitude...

NOTA — As transcrições da Bíblia foram feitas da tradução do Padre Matos Soares, editado pela Tipografia Porto Médico Lda, do Porto. Outros livros referidos: Henri Cochet — Sports (été), ed. Corrêa, Paris; Poterda's Isthm in the Bible, Triangle Books, Nova York.

Num excelente livro sobre desportos de verão de autoria do famoso ténista francês Henrique Cochet, lêmos em tempos, os seguintes períodos:

«Nos nossos dias, não se faz ideia dos esforços dos nossos antepassados, que partiam à procura duma peça de caça mais ou menos problemática. O homem pré-histórico fazia exercícios naturais que exigiam esforços musculares particularmente duros. Quando êle seguia a cola dum animal, tinha de andar, correr, saltar, nadar, trepar e lançar; e tudo isso no meio duma natureza hostil, que se aproveitava do mínimo desfalecimento do caçador. Em semelhantes circunstâncias os mais encontros não eram raros e o homem tinha de sustentar contra animais ferozes combates que não terminavam sempre com vantagem dêle; felizmente, tinha aprendido a defender-se e, em caso de necessidade, encontrava no trepar a uma árvore um refugio momentâneo.

Era verdadeiramente fazer desporto e todos os nossos «records», de que somos tão orgulhosos, pareceriam talvez bem modestos, comparados às proezas cometidas, há milhares de anos, por êsses campeões desconhecidos que foram os primeiros homens.»

É assim, de facto — e Cochet não precisará por certo desta nossa concordância... Na verdade, nós, agora, estarrecêmo-nos com os máximos mundiais que periódicamente os despachos telegráficos entre os vários continentes anunciam uns para os outros — e no entanto: que valem êles em comparação com os de antanho? — com aquêles a que Cochet se refere?

E a falta de termos de comparação dá-nos orgulho, porque nêsses tempos não havia nem crómometros nem juizes de partida, nem de chegada (quando se chegava!), nem telegrafia... nem críticos. Vantagem da direita — como se diria em «tennis»...

Ainda que — vá que não esqueça! — há records portugueses glorificados de tal maneira que os homens dos comêços do mundo nem estão em inferioridade por falta de crómometros nêsses tempos... Mas isso é outro assunto...

A ideia espendida por Cochet neste livro é, assim, ideia generalizada. Mas, apesar de se ter já chegado à mesma conclusão, um pouco por toda a parte, a referência aos homens dos princípios (diferente de homens de princípios) feita pelo célebre desportista, torna-lhe o membro de jornais e de livros, é sempre oportuna — e curiosa.

Esta oportunidade e esta curiosidade fazem porém redundar em mais interessante ainda a ideia dum escritor americano, Charles Francis Potter, A. M., S. T. M., que publicou recentemente um livro em que reúne uma colecção de notas raras e invulgares sobre referências de interesse para os homens de agora, ao que na Bíblia se contém a respeito de coisas comuns a toda a gente e a todos os actos.

Pois Mr. Potter diz no «qu» na Bíblia há também alusões a coisas desportivas — de atletismo, de pesca e de proezas!

Sigãmo-lo, portanto.

O espírito desportivo de antanho

Sabe-se acaso onde Paulo se mostra um propagandista de... desportos atléticos?

E na 1.ª Epistola aos Coríntios, IX, 24/27 — onde se lê:

Não sabeis que os que correm no estádio, correm sim todos, mas um só é que alcança o prêmio? Correi, pois, de tal maneira que o alcancéis. E todos aquêles que combatem na arena, de tudo se abstêm, e (sujeitam-se a isto) para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível. Quanto a mim, cõrro, não como à ventura; combato, não como quem açouta o ar; mas castigo o meu corpo, e o reduzo a escravidão, para que não succeda que, tendo pregado aos outros, eu mesmo venha a réprobo.

No princípio da Crístandade foram tão grandes os esforços humanos que não devemos exagerar a grandeza dos «records» de agora.

E aonde se alude a heróis que esmagaram leões?

No Livro dos Juizes, XVI, 5-6:

Sansão, pois, com seu pai e sua mãe, foi a Tamnata. E, quando chegaram às vinhas da cidade, apareceu um leão novo feroz, e que rugia, e arremeteu contra êle. Mas o espirito do Senhor apossou-se de Sansão, e êle despedaçou o leão, fazendo-o em bocados, como se fôra um cabrito, sem ter coisa alguma na mão; e não quis contar isto a seu pai nem a sua mãe.

E também no Livro Primeiro dos Reis, XVII, 34-36:

E David disse a Saúl: O teu servo apascentava o rebanho de seu pai, e vinha um leão ou um urso, e levava um carneiro do meio do rebanho. E eu corria atrás dêles, e feria-os, e arrancava-lhes (a presa) da guela; e êles levantavam-se contra mim, e eu agarrava-os pela guela, e os estrangulava e matava. Foi assim que eu, teu servo, matei um leão e um urso...

E, ainda, no Livro Segundo dos Reis, XXIII, 20:

E Banaías de Cabsel, filho de Jojada, que foi um homem valentissimo, e de grandes feitos; matou os dois leões de Moab, e êle mesmo desceu e matou um leão no meio duma cisterna, em tempo de neve.

E onde se descrevem, de passagem métodos diferentes de pesca?

Em Isaías, XIX, 8-10:

E ficarão desolados os pescadores, e chovirão todos os que lançam anzol ao rio, desmaiarão os que estendem rêdes sobre a superfície das águas. Ficarão confundidos os que trabalhavam em linho, frisando e tecendo teias delicadas. E ficarão as suas terras de regadio fracas; e todos os que faziam lagoas para apanhar peixes (serão confundidos).

E onde Jehovah é assemelhado a uma pela?

Em Isaías XXII, 17-18:

Eis que o Senhor te fará transportar (tão facilmente) como se transporta um galo e como um vestido assim te levará. Êle te coroarà com uma coroa de tribulação, atirará contigo como pela a um campo largo e espaçoso; ali morrerás e a cisco se reduzirá o carro da tua glória...

E também há alusões a nadar de bruços:

Em Isaías, XXV, 10-11:

Porque nesta noite repousará a mão do Senhor; e Moab será pisado debaixo dêle, assim como se pisam as palhas debaixo de um carro. E estenderá as suas mãos por baixo dêle, como as estende o nadador para nadar; (porém Deus) abaterá o seu orgulho, quebrando-lhe as mãos.

E repetãmo por fim, que o citado Banaías era capaz de abater um adversário de 2m.30 de estatura.

É o Livro Primeiro dos Paralipômenos, XI, 23-24, que nos relata:

Matou também um Egipcio, cuja estatura era de cinco côvados, e tinha uma lança como o órgão do tear dos tecelões. Foi contra êle

BILHAR

O torneio de qualificação na modalidade «por tabelas»

As melhores médias gerais registadas são, por enquadramento, as de 2.283 e 2.247, do dr. Francisco Branquinho e Alfredo Alinho, respectivamente

NAS salas do «Bilhar do Rossio», «Brasileira» e «Portugália», prossegue, com entusiasmo e a presença de numerosos aficionados, a disputa do torneio de qualificação, de jogo por tabela, prova que se destina a apurar, através das médias obtidas, as possibilidades normais dos concorrentes, com vista à sua arrumação nas três categorias em que deverá disputar-se o Campeonato de Lisboa, na mesma modalidade. Convém lembrar que essa arrumação se fará segundo as seguintes médias: igual ou superior a 2,5 para a 1.ª categoria; igual ou superior a 1,5 e inferior a 2,5, para a 2.ª; inferior a 1,5 para a 3.ª. Adiante se dão os resultados feitos até agora.

Bilhar do Rossio—Série A. Concorrentes: Alberto Costa, António Abreu, António Figueiró, Artur Nobre, Joaquim Pantoja, Rogério Paulo, Santos Henriques, Timóteo Moreno e Vasco Albuquerque. O jogador indicado em primeiro lugar é o vencedor. As partidas são disputadas às 100 carambolas.

Jogadores	Carambolas do vencido	Médias	Maiores séries
Rogério-Nobre	98	0,840 0,823	6 5
S. Henriques-Pantoja	47	1,492 0,701	14 5
Albuquerque-Figueiró	75	1 0,730	5 3
Nobre-Pantoja	66	1,041 0,697	5 3
S. Henriques-Nobre	99	1,304 1,102	8 11
A. Costa-Figueiró	90	0,704 0,613	5 4
S. Henriques-Moreno	74	1,008 0,813	6 7
Abreu-S. Henriques	97	1,250 1,212	9 7
Figueiró-Pantoja	93	0,714 0,664	4 4
Abreu-Rogério	45	1,298 0,584	6 3
S. Henriques-Albuquerque	81	1,562 1,266	10 6
Abreu-A. Costa	71	1,234 0,876	9 4
S. Henriques-Rogério	80	1,075 0,860	6 5
S. Henriques-Figueiró	33	1,428 0,757	9 4
S. Henriques-A. Costa	75	1,176 0,847	8 9
Abreu-Albuquerque	75	1,282 0,961	10 6
Albuquerque-A. Costa	77	0,822 0,687	6 6
Rogério-Moreno	99	1,020 1,010	7 6
Moreno-Nobre	93	0,934 0,858	5 5
Albuquerque-Rogério	95	0,840 0,805	6 8
Moreno-Abreu	67	1,219 0,817	5 5
Moreno-Pantoja	72	0,900 0,648	7 4

Médias gerais: S. Henriques, 1.259; Abreu, 1.173; Moreno, 0.967; Albuquerque, 0.864; Nobre, 0.902; Rogério, 0.830; A. Costa, 0.761; Figueiró, 0.703; Pantoja, 0.671.

Série B. Concorrentes: António de Brito, Armando Reis, Eduardo Ribeiro, Fernando Carvalho, Henrique Monteiro, Luiz Aquino, Mário Matos e Mário Pereira.

F. Carvalho-Pereira	85	1,562 0,988	10 6
Mantero-Ribeiro	99	1,176 1,164	7 6
Matos-Brito	90	1,538 1,384	11 6
Aquino-Ribeiro	84	1,250 1,050	8 7
Matos-F. Carvalho	85	1,502 1,328	9 7
Pereira-Matos	85	1,350 1,205	8 8
Matos-Reis	91	1,215 1,197	9 6
F. Carvalho-Mantero	86	1,028 0,945	6 4
Ribeiro-Reis	92	0,924 0,850	12 8
Aquino-F. Carvalho	60	1,612 0,967	9 7
Matos-Mantero	70	1,470 1,020	10 5
Brito-Ribeiro	83	1,428 0,900	13 6
Mantero-Reis	78	1,020 0,804	10 5
Pereira Reis	88	1,265 0,734	7 6
Matos-Ribeiro	73	1,562 1,140	8 6
Aquino-Reis	81	1,250 1,012	8 5
Mantero-Pereira	68	1,388 0,944	12 9
Aquino-Pereira	79	1,315 1,039	6 10

Médias gerais: Matos, 1.434; Brito, 1.407; Aquino, 1.341; F. Carvalho, 1.138; Pereira, 1.119; Mantero, 1.104; R. Reis, 1.032; Reis, 0.911.

«Brasileira»—Série A. Concorrentes: Alvaro Carvalho, capitão Rodolfo Bogonha, Cunha e Costa, dr. Francisco Branquinho, dr.

Cartões de livre-transito

Recebemos os habituais cartões de livre-transito do Grupo Desportivo Estoril-Praia e Aten- Ferroviário, cuja oferta agradecemos reconhecidamente.

«Stadium» saúda a sua distinta colaboradora Anabela, cujo estro poético exuberantemente se mostra no soneto que publicamos.



VITÓRIA!...

*La a mulher correndo p'ra o levante
Olhar furtivo, o gesto de gazela,
Mas avançando sempre, em frente dela,
Corria o homem lesto, triunfante.*

*Há tanto tempo já!... Há tanto... tanto...
Foi sempre assim, desde que o tempo existe,
Que a mulher é mais frágil e mais triste
De o não acompanhar no mesmo canto.*

*Mas a «Stadium» veio e deu-lhe vida,
Ajudou a Mulher, deu-lhe guarida
No cantinho vedado do desporto*

*E hoje corre ao vento da glória
Prende a brisa frágil da vitória,
E' sonho vivo, o sonho que era morto.*

ANABELA

Jacome Delfim; dr. Moniz Pereira, dr. Oliveira Jardim e Salvador Azancot.

Branquinho-Azancot	49	2,631 1,281	15 7
Branquinho-Moniz	45	0,925 1,050	15 6
A. Carvalho-C. e Costa	82	1,350 1,481	8 8
Moniz Jardim	82	1,140 0,912	6 8
Delfim-Bogonha	52	2,472 1,181	16 6
Delfim-Jardim	87	1,265 1,101	10 11
Azancot-Bogonha	60	2,127 1,445	14 8
Branquinho-C. e Costa	61	2,173 1,326	13 8
Azancot-C. e Costa	86	1,513 1,561	7 7
A. Carvalho-Jardim	45	0,940 0,918	10 4
A. Carvalho-Delfim	64	2,564 1,641	10 6
Bogonha Jardim	48	1,6 2 0,777	11 10
Azancot-Jardim	56	1,023 1,076	8 5
Bogonha-A. Carvalho	49	0,777 1,111	18 6
A. Carvalho-Moniz	81	1,624 1,372	8 7
Branquinho-Bogonha	71	2,173 1,548	13 9
Branquinho Delfim	37	2,173 0,824	18 4
Azancot-Moniz	56	2,702 1,513	8 8

Médias gerais: dr. Francisco Branquinho, 3.283; Salvador Azancot, 1.980; Alvaro Carvalho, 1.856; cap. Rodolfo Bogonha, 1.663; Cunha e Costa, 1.464; dr. Jacome Delfim, 1.447; dr. Moniz Pereira, 1.252; dr. Oliveira Jardim, 0.966.

Série B. Concorrentes: António Sarzedas, Armando Gomes, Belo Redondo, coronel Moraes Pinto, D. Tomaz de Almeida, Fernando Sarzedas e Hermann Baruch.

A. Gomes-D. Tom. Alm.	69	1,162 0,802	10 5
Baruch-A. Sarzedas	54	0,847 0,457	6 3
F. Sarzedas-M. Pinto	59	1,420 1,373	7 10
A. Gomes-Baruch	66	1,210 0,824	7 6
M. Pinto-A. Sarzedas	78	1,250 0,975	7 7
B. Redondo-D. Tom. Alm.	89	0,840 0,747	8 5
Baruch B. Redondo	97	0,920 0,920	6 7
Baruch-D. Tom. Alm.	95	0,809 0,826	8 7
F. Sarzedas-A. Sarzedas	57	1,250 0,712	7 8
F. Sarzedas-A. Gomes	63	1,734 1,105	9 6
F. Sarzedas-Baruch	46	1,639 0,754	9 13
B. Redondo-A. Sarzedas	74	0,920 0,732	7 6

Médias gerais: F. Sarzedas, 1.509; A. Gomes, 1.168; Belo Redondo, 0.925; Baruch, 0.863; D. Tomaz de Almeida, 0.806; A. Sarzedas, 0.693. O coronel Moraes Pinto desistiu.

«Portugália». Concorrentes: Alfredo Alinho, Américo Torres, Carlos Vivaldo, Ernesto Silva, Jorge de Oliveira e Nelson Pereira.

Alinho-E. Silva	58	1,724 1	11 9
E. Silva-Vivaldo	50	1,080 0,543	7 4
Alinho-J. Oliveira	50	2,272 1,136	10 7
A. Torres-E. Silva	55	2 1,120	10 9
Nelson-Vivaldo	74	1,050 1,078	11 6
Alinho-Nelson	51	1,050 1	14 8
A. Torres-Vivaldo	65	1,262 0,883	15 6
Nelson-J. Oliveira	66	1,562 1,041	8 5
J. Oliveira-Vivaldo	86	1,265 1,088	7 5
Nelson-E. Silva	85	1,176 1	7 7
Alinho-A. Torres	87	0,777 0,416	22 11
A. Torres-J. Oliveira	47	2,173 1,021	9 4
A. Torres-Nelson	43	2,777 1,104	15 6
Alinho-Vivaldo	42	0,911 1,205	14 11
Alinho-M. Pereira	43	2,272 0,977	18 5
A. Torres-M. Pereira	51	1,408 0,718	12 6

Médias gerais: Alfredo Alinho, 2.247; Américo Torres, 1.851; Ernesto Silva, 1.649; Nelson Pereira, 1.190; Jorge de Oliveira, 1.128; Carlos Vivaldo, 0.835.

Na sala «Portugália» falta apenas, para concluir, a partida Jorge de Oliveira Ernesto Silva. Nas outras salas ainda realizar vários encontros para terminar.

Os resultados técnicos que acima se enunciaram podem não revelar a existência, em quantidade notável, de grandes valores na especialidade da carambola por tabela. É preciso pensar, porém, em que disputante do torneio se iniciam, todos eles, na modalidade, e que, na sua maioria, desconhecem ou conhecem insuficientemente o bilhar grande. Trata-se de um primeiro passo dado no caminho de alargar a prática do bilhar a todas as especializações que ele comporta, com vista ao aproveitamento de muitos bilharistas que ficariam sem futuro, nessa qualidade, se tivessem de aplicar-se exclusivamente ao jogo livre. Não nos permite a falta de espaço fazer todos os comentários que sugere a prova em curso. Eles aparecerão, na primeira oportunidade que se oferecer.

O "Belenenses" de hoje!

Reportagem de Jorge Monteiro

Às vezes os grandes acontecimentos nascem de factos aparentemente sem importância! Não é este o "caso" — mas a verdade é que a idéia da reportagem acerca das actividades belenenses na hora presente teve como fulcro um encontro fortuito e uma conversa simples... Foi há dias, de manhãzinha, mal começava a nossa faina diária.

No Rossio. As gentes passavam, apressadas, a caminho das suas ocupações.

À porta do "Nicola", uma cara conhecida: o eng.º Reis Gonçalves, figura de grande relêvo no meio desportivo, nome respeitado e ilustre entre as hóstes belenenses, palestra com alguns amigos. Um cumprimento. Dois dedos de conversa. E assim nasce uma reportagem...

...

Não há dúvida de que o Belenenses é um grande clube de desporto. Grandeza afirmada pelo trabalho produzido — que é "qualquer coisa"! Mas não interessa o passado, que toda a gente conhece. O momento actual, talvez o melhor período da vida dos "azuis", é que importa focar nas suas linhas gerais.

Nunca a simpática colectividade de Belém — embora tivesse tido épocas de muito fulgor — "viveu" com tamanho brilho a existência de um ano de trabalho produtivo. E a atestá-lo está a circunstância (grande entre todas) de haver reconquistado um título preciosíssimo e

Pôrto), "volleyball", (3.ªs), "rugby", e natação (Ana Pinheiro, principiante). Ao todo: 18 campeonatos: 106 campeonos. É bonito!

Arquidem-se alguns nomes, os de maior voga nos desportos respectivos: Amaro, Simões, Francklin, Rafael, Eloi, Quarasma e José Pedro, em futebol; Francelina, Natália, A. Pereira e Rodrigues, no atletismo; Esteves, Car-



Um encontro casual no Rossio...



Os atletas treinam uma partida na pista das Salesias



A escola de "basket"



Um treino de "hockey"



Bela fase de um treino de "rugby"



A preparação física pela



Treino de "basket"



gimnástica ao ar livre



No volley-ball...

de que andava arredio: o campeonato de Lisboa de futebol. Mas outros troféus ilustram a sua carreira brilhante e aureolada de triunfos: o clube ostenta, também, outros títulos de glória em várias modalidades. Possui campeões em atletismo, ténis de mesa, "basketball", "handball", "rugby" e "volleyball". Isto é um sintoma claro de bem orientada actividade.

Quem assim apresenta uma obra tão valiosa quão benéfica para a comunidade desportiva — merece realmente o respeito e o carinho de toda a gente. Volte a afirmar-se: o Belenenses é, de verdade,

um grande clube de desporto, que não se limita a cumprir a sua missão mas ainda procura impôr-se o mais que pode. Honra lhe seja.

Poder-se-ia dar este título à reportagem: — Que é o Belenenses na actualidade? Porque afinal é isso mesmo que mais importa saber. Veja-se, portanto:

Campeão nacional em atletismo (por intermédio de Francelina Moita — "recordwoman", também — Natália Gomes, Judite Rodrigues, Elizabet Rodrigues António Pereira e António Rodrigues) e de Lisboa: em futebol (categorias de honra e reserva), ténis de mesa (1.ªs e 2.ªs cat. da Promoção), "basketball" (4.ªs cat. e feminino), "handball", (1.ªs) finalista do campeonato nacional, com o F. C. do

e Vagueiro, no ténis de mesa; Ana Pinheiro e Maria Helena, em natação; Hermengarda, Natália, Maria Júlia, Judite, Isaura, Lucinda, Cremilda, Maria Helena e Antonieta, no "basketball"; Délio, Natividade, Esteves, Tomás, Tiago, Mácara e Ceia, em "handball"; Pimentel e Mendes, no "volleyball"; Jacinto, Barcinio, Giesteira, Buisson, Alvarez e Arlindo, em "rugby". Isto quanto a campeões...

Mas há outros, que não o são actualmente, e merecem, também, citar-se — pelo seu valor: Lucília Silva, a maior atleta que o Belenenses já teve, José Rosa, um fervoroso propagandista da natação; Rómulo Trindade, Afonso Domingues, Natálio, Seia e Valério, representantes de Lisboa no "Torneio dos oito", em "basketball", cuja final está marcada para o dia 8 de Março em Lisboa, contra o F. C. do Pôrto; Maia de Loureiro, Veloso e Esteves, no "volleyball"; Marques Sério, Herrera e os irmãos Cabritas, no "hockey" em campo.

(Continua na página 31)



Característica fase de um treino de "hand ball"



Quando a STADIUM pergunta...

LUÍS HOWORTH

fala-nos da sua carreira, dos seus triunfos e da modalidade que pratica

O grande torneio de tiro organizado pelo antigo «Grupo Pátria», comemorando as suas «Bódas de Ouro», veio confirmar a «presença» de um valor no tiro nacional, a quem o futuro deve reservar brilhante posição entre os atiradores civis portugueses: Luís Howorth.

As suas classificações nas provas desse torneio impuzeram-no definitivamente, completando os bons triunfos conseguidos nas carreiras de tiro reduzido, onde se iniciou na prática da modalidade. A sua estrela no tiro com espingarda de guerra representou magnífico êxito.

Luís Howorth refina qualidades especiais para se elevar. Interessa-se pelo desporto uni-



LUÍS HOWORTH

camente pelo prazer que nele encontra. Estudou na sua mais preciosa pormenor, para assim conseguir bons resultados. — sempre de esperar quando o desportista auxilia a sua habilidade com as indicações que o cérebro lhe dita.

O desportista, compreendendo assim a sua verdadeira preparação encontra mais facilmente, e com maior segurança, o desejado caminho da vitória.

Luís Howorth tem sido um entusiasta do desporto.

Nadou no Clube Nacional de Natação. Fêz remo no Clube Naval e jogou «hocky» no antigo Cercavelinhos. Actualmente é um dos alunos de patinagem de Xavier de Araújo, no «Cric» do Jardim Zoológico. Mas estas modalidades têm sido praticadas por prazer, desinteressando-se sempre das provas de competição.

Luís Howorth falou-nos da sua posição no desporto do tiro, ficando-nos algumas interessantes opiniões.

«Nunca julguei — disse-nos — quando disputei o meu primeiro torneio, a prova «Aniversário», no Clube Naval de Lisboa, que me classificasse também. Fiquei surpreendido com as minhas possibilidades e admirado de me colocar ao lado de atiradores da categoria de Antero Lopes Ramalho Sampaio, Pedro Andrade Costa, R. de Bastos e Dionísio Magalhães. Entre 300 concorrentes classifiquei-me em 5.º lugar. Foi um estímulo que me deu ânimo para prosseguir a minha preparação. Pensei então que talvez pudesse chegar junto dos que considerava impossíveis ven er...»

«Este estímulo foi reforçado na prova «Pereira da Rosa», representava já o Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. A minha equipa, formada por mim, Almeida Santos e Mário Tavares, todos iniciados, conseguiu ganhar o título quando já se considerava vencedora outra equipa concorrente.

—Depois...

—Dediquei-me com grande entusiasmo. Pouco a pouco, e amparado pelos ensinamentos do atirador Alvaro Leitão, fui progredindo. Na prova inter-bancários «Several Carmona» conquistei um 1.º lugar. Atravessei depois largo período em que só obtive segundos lugares...

«A época passada foi a melhor da minha carreira. Ganhei sete primeiros prémios, entre eles os das provas «Manuel Castelo Branco», «Pereira da Rosa» e «José P. ntes», e triunfei no campeonato da F. N. T. de 1943.

—O seu ingresso na S. T. n.º 2?

—Deve-se ao meu desejo de querer experimentar a modalidade do tiro de guerra. Quando as carreiras reabriram com provas exclusivamente destinadas às sociedades de tiro, inscrevi-me. O meu propósito era o de colher ensinamentos — e, no entanto, fiz melhor do que sabia...

«As provas do aniversário são de facto de bela recordação para mim. A minha primeira vitória nesse torneio não foi encarada bem a sério. Talvez levada à conta de um acaso... Procurei então destruir a ideia de que fora simples «chance» e tentei colocar-me entre os primeiros. Afinal, venci! Satisfez-me este resultado, duplamente, convencendo-me de que o meu triunfo anterior fora conseguido com perfeita consciência».

TIRO REDUZIDO E TIRO DE GUERRA

Luís Howorth, aparecendo de repente nas provas de tiro de guerra, tem no entanto uma actividade valiosa no tiro reduzido. Interes-

(Conclui na pág. 28)

É preciso que o

CASA PIA A. C.

volte à 1.ª divisão da A. F. L. I.

diz-nos Carmen Rodrigues a quem os jogadores casapianos homenagearam há dias

EM todos os jogos que o Casa Pia A. C. faz, seja onde for e com bom ou mau tempo, lá está a assistir, com a sua presença e as suas entusiásticas palavras de incitamento, uma figura de mulher, adepta dedicada do des-



CARMEN RODRIGUES

porto e muito em especial do clube casapiano.

Carmen Rodrigues é bem um exemplo de dedicação e interesse pelo clube. A vida do Casa Pia merece-lhe desvelado carinho e, sempre que é necessário, conta com a sua carinhosa colaboração. Assim pudesse contar com todos os casapianos dispersos e afastados da vida da colectividade!

A sua presença tornou-se conhecida do público da bola que segue o campeonato da 2.ª divisão. À sua volta reúne-se sempre grupo animada de casapianos que ela ajuda nos aplausos, com fervor durante os 90 minutos do jogo.

(Conclui na pág. 28)

SILVA LOPES

fala-nos do «boxing» amador e da necessidade da sua expansão

QUEM é Silva Lopes? Um desportista, amador puro, praticante antigo da modalidade (antigo de há... sete anos) e amigo devotado do «boxing». Recebeu as primeiras lições de Francisco Brito, no então União Clube Rio de Janeiro. Mas nunca entrou em competições, a pesar de ser um verdadeiro entusiasta do desporto, pela simples razão de não ter havido, por essa altura, quaisquer organizações de pugilismo amador. Foi, mais tarde, administrador do semanário «O Pugilista», uma iniciativa de Albano Martins. Presidiu ao conselho técnico do Lisboa Clube Rio de Janeiro, tendo



SILVA LOPES

a seu cargo a secção de «boxing», de que Eudólio Silva era instrutor. Mas a sua actividade não ficou por aqui... Atendendo ao longo e deplorable marasmo em que se debatia o pugilismo amador, Manuel da Silva Lopes tomou a iniciativa de, numa reunião de delegados de clubes da especialidade, por ele próprio convocada, promover um torneio no seu antigo clube a fim de movimentar a modalidade. Nessa mesma reunião, de a órdo com o Ginnásio e o Lisboa Ginnásio, resolveu-se officiar à F. P. de Box para tomar as necessárias providências junto da Associação de Lisboa atinentes a integrar aquele organismo na devida normalidade. Desse diligência resultou uma assembleia extraordinária e a consequente eleição de corpos gerentes. Querre dizer: o «boxing» amador passou a caminhar em ritmo certo! E Silva Lopes foi também director. Entretanto, e devido a desinteligências, transferira-se para o Lisgás, cuja secção de pugilismo, de que é instrutor Tavares Coutinho, orienta com proficiência e carinho. Eis, a traços largos a actividade de Manuel da Silva Lopes, praticante e dirigente do «boxing» amador — que acêrca dêste desporto fala para os leitores de «Stadium».

—O pugilismo é, a meu vêr, um desporto que requiere condições especiais: de educação e civismo, de cultura física e aplicação ao estudo — porque o «boxing» é um estudo permanente...

«Claro que o amadorismo é a base de tudo, por assim dizer a instrução primária do des-

(Conclui na pág. 35)

DE UNIÃO VELOCIPÉDICA

a Federação Portuguesa de Ciclismo

A velha União Velocipédica Portuguesa, o mais antigo organismo federativo de Portugal, pois completaria, no próximo dia 14, quarenta e três anos de existência, teve no passado sábado, com semelhante denominação, o seu último congresso. De futuro, é-se organismo, fundado mercê do carinho de alguns devotados propagandistas da modalidade, tais como Anselmo de Sousa, Luís Trigueiros e Conde de Caria, passou a denominar-se Federação Portuguesa de Ciclismo, daí do cumprimento ao estabelecido no último decreto que rege a prática dos desportos entre nós.

Será assim o nosso país o terceiro em que o ciclismo é superiormente orientado por um organismo que se intitula e funciona como federação, pois em todas as outras nações, excepto o Luxemburgo e a França — esta há cinco anos apenas — esses organismos têm o nome de clubes, uniões ou ligas. Não deixamos, no entanto, de concordar em absoluto com a nova designação dada à velha U. V. P., tanto mais que a sua estrutura interna era mais a de uma federação de que a de uma união de clubes.

A reunião de sábado, em que foram aprovados, quasi sem emendas, os regulamentos da nova federação, decorreu, não queremos deixar de o citar, em ambiente de agradável entendimento, sendo digna de registo a maneira como os delegados e sócios individuais presentes aceitaram o trabalho da comissão encarregada de elaborar os citados regulamentos.

Em todos se notou o firme desejo de, salvaguardando os veteranos da modalidade, contribuir com boas ideias e alvites tendentes ao progresso da mesma.

Hav-a, é certo, que atender às necessidades e à situação especial em que vive o ciclismo, conjugando-as com o espírito da lei. Neste pormenor — adaptação à lei vigente — tudo se conseguiu. Todavia pelo que respeita às possibilidades de vida mais próspera para a velocipedia, queremos parecer que passaram algumas falhas. Como por exemplo a de agregar à futura associação do centro só os distritos de Coimbra e Leiria. Quanto a nós, como deixamos aqui exposto noutra lugar, dever-se-iam criar maiores possibilidades de existência a outros

A homenagem do Belenenses aos seus campeões de futebol

O banquete de homenagem às equipas do Belenenses, campeãs de Lisboa, efectuou-se no Hotel de Paris, em Lisboa, e constituiu vibrante manifestação de regozijo pela magnífica vitória alcançada.

Mais de 300 pessoas de ambos os sexos quiseram associar-se à festa, patenteando a sua enorme alegria por verem — finalmente — realizada uma das maiores aspirações do clube. E foi de tal maneira comunicativo o entusiasmo que manifestaram desde o começo do banquete, que em breve se tornou difícil distinguir os sócios dos convidados, confraternizando uns e outros como se de velhos amigos se tratasse.

Na mesa de honra tomaram lugar os srs. comandante Reis Gonçalves, capitão Santos Romão, Francisco Méga, comandante António Maria Ribeiro, dr. Coelho da Fonseca, Armando Felipe, comandante Rodrigues Tomás, dr. Constantino Rosa, capitão Alvaro do Carmo, capitão Radl Martinho e Radl Oliveira.

Indistintamente sentaram-se muitas outras individualidades e os representantes dos jornais diários e desportivos.

Leram-se numerosos telegramas de felicitações, proferiram-se discursos de fé no futuro do clube. Mas o espaço escasseia-se, por isso, vimos-nos obrigados a registar apenas os nomes dos oradores, que foram os seguintes: comandante Reis Gonçalves, actual presidente do clube; capitão Santos Romão, delegado da A. F. L.; Raul Oliveira, pela imprensa; Jean Dorizas, subditto grego, partidário entusiasta do Belenenses; José Simões, comandante António Maria Ribeiro; dr. Joaquim Cardim, presidente do Estoril Praia; Alexandre Peixes, Acácio Rosa, Carlos Florêncio e António Sequeira.

Bem desejáramos alongar esta referência, dando aos discursos o desenvolvimento merecido. Mas o espaço escasseia-se, por isso, vimos-nos obrigados a registar apenas os nomes dos oradores, que foram os seguintes: comandante Reis Gonçalves, actual presidente do clube; capitão Santos Romão, delegado da A. F. L.; Raul Oliveira, pela imprensa; Jean Dorizas, subditto grego, partidário entusiasta do Belenenses; José Simões, comandante António Maria Ribeiro; dr. Joaquim Cardim, presidente do Estoril Praia; Alexandre Peixes, Acácio Rosa, Carlos Florêncio e António Sequeira.

núcleos que não fossem Lisboa e Pôrto, porque estes, sendo afinal os que melhores facilidades naturais possuem — maior número de clubes e corredores — são também os que ficam, logo de princípio, com áreas mais vastas e «produtivas» a seu cargo.

São pormenores que poderão, no entanto, remediar-se de acordo com a experiência prática a colher no futuro.

Interessante — e bem vista — a questão dos sócios individuais, que há tantos anos auxiliavam a U. V. P. Esses pioneiros e grandes entusiastas do ciclismo, desde que as suas inscrições sejam anteriores a 1940, passarão a ser sócios de mérito, com a possibilidade de exercerem cargos directivos.

Poderá a futura federação ser constituída apenas por duas associações, o que torna de le já viável a sua organização; quanto a atribuições de carácter técnico, serão fixados em documento especial: o regulamento de corridas.

Todos os assuntos de ordem disciplinar estão regidos pela própria doutrina do regulamento geral do desporto.

Eis a traços largos o que foi a última reunião da U. V. P., competentemente presidida pelo dedicado união-ta Basílio de Oliveira e assistida por delegados de 7 colectividades e 14 sócios individuais. Não houve, é certo, nesta derradeira assembleia, nem o entusiasmo nem o interesse e verificado noutras ocasiões, com assuntos de sensação a tratar. Todavia, verificou-se elevado espírito de compreensão e desejo forte de acertar, o que julgamos mais proveitoso.

G. M.

BILHAR NO PÔRTO

480 CARAMBOLAS

numa só tacada

A novel Associação portueuse, que conta apenas um ano de existência, acaba de fechar com todo o brilhantismo a sua actividade desportiva na época de 1943. Iniciou os seus trabalhos com a disputa do importante troféu que é a taça «Dr. Neto Cabral», fomentou a propagação do bilhar, animando as diversas salas a promoverem torneios entre os seus frequentadores, e encerrou o ano desportivo com a mais importante prova do seu calendário — o «Campeonato Portueuse de partida livre».

A prova, que despertou entusiasmo enorme entre os praticantes e admiradores deste científico desporto, concorram cerca de 70 praticantes, distribuídos por cinco categorias e representando os seguintes sócios colectivos: Clube Fenianos Portueuses, Clube Desportivo de Portugal, Orfeão do Pôrto, Sala de Bilhares «Paladium», Sala de Bilhares «Sport» e Sala de Bilhares «Leão de Ouro». Foram apurados campeões os seguintes senhores: Joaquim Rebêlo (C. B. de Portugal), 1.ª categoria; Manuel Braga (S. B. Paladium), 2.ª categoria; José Alves Júnior (S. B. Sport), 3.ª categoria; Francisco Soares (C. D. de Portugal), 4.ª categoria; Alexandre Urbano (S. B. «Paladium»), 5.ª categoria.

O campeonato de 1.ª categoria

Apurados os campeões das categorias inferiores, procedeu-se à disputa do título máximo, prova realizada no excelente salão de festas do Clube dos Fenianos Portueuses, gentilmente cedido pela direcção desta prestimosa colectividade. O estado de saúde de Portugal Mata, velho admirador das ideias nobres, reduziu a inscrição dos concorrentes a duas: Joaquim Rebêlo, pelo Desporto de Portugal, e Américo Teixeira, dos Fenianos.

A prova, que teve a presença da numerosa público, derriu-se em três partidas, às 500. No primeiro encontro, que Rebêlo venceu brilhantemente em 6 tacadas, com média de 55,55 e 256 carambolas, na série maior, ambos os concorrentes mostraram estar possuídos de grande nervosismo. No entanto, na tacada final, Rebêlo já se mostrou mais à vontade, terminando a partida com as bolas bem colocadas na série americana.

No segundo dia, Rebêlo venceu de novo e Teixeira continuou pouco afortunado. Nesta partida, em que Rebêlo voltou a perfurar a conta das 500, deixando as bolas em série, a tacada máxima foi de 488 e a média de 100, pois foi finalizada à 5.ª tacada.

No terceiro e último dia, Rebêlo, já apurado campeão pelos resultados anteriores, conseguiu deliciar a assistência variando constantemente o jogo. Executou magistralmente a série de linha, em posição particularmente difícil, brilhou no jogo largo, bem sucedido nos «travessas» e em algumas «massas», foi de rapidez desconcertante na condução da série americana, tendo sido admirável nas viragens aos cantos. Nota a salientar: Rebêlo terminou os três encontros deixando sempre as bolas em série e nem uma só vez as colou. Arbitrou com muito saber o sr. Sampaio de Carvalho.

As mais interessantes passagens dos encontros, bem como o final do campeonato, foram bastante aplaudidos pela assistência. A última partida, finalizada à 2.ª ta-

De praticante e monitora

ALEXANDRINA PINTO

campeã de natação do F. A. C.

ouvida pela «Stádium»

Há já algum tempo conversámos com Alexandrina Pinto, nome conhecido nos ba-tidores da natação nacional. Foi no intervalo de uma lição que ministrava às alunas do Feminino A. C., no tanque que a Companhia de Fiação de Tecido — põe todos os anos, por amável concessão, à disposição do F. A. C. para treino das suas associadas.

Conhecemos Alexandrina há anos, desde os tempos em que ela nadava «pelos seus próprios conhecimentos», ainda sem o estilo de campeã, embora vencendo.

Da conversa saiu inevitável entrevista. Ei-la: — Quando começou a entrar em provas? A primeira que venci tinha eu 14 anos, foi disputada no percurso Esteiro de Campanhã-Prata do Aurélio. Envergava então a equipa do F. C. do Pôrto.

— Treinava com algum professor? — Não! Aprendi a nadar como todas as raparigas da beira-rio... Unas boas, um pouco de disposição, ausência de medo e pronto: eis-nos a «patinar na água».

— Mas foi aluna de Maria Gourinho, não é verdade? — Sim, mais tarde. Quando o Feminino foi inaugurado, transitei do F. C. do Pôrto para a minha actual colectividade, onde me tenho mantido e manterei, porque não encontrarei ambiente mais acolhedor no meio desportivo. Maria Gourinho veio para o Pôrto, como professora de natação do F. A. C. e recebi então as suas conscienciosas lições, dadas por uma nadadora exímia, campeã nacional e «recordman», como sabe.

— Boas impressões? — As melhores. Maria Gourinho tinha vastos conhecimentos; pela teoria e pela prática, ensinava bem.

— Depois... — ...depois passei a receber indicações do professor Brito, técnico ex-ciente, com quem me tenho dado bem; tão bem que fez de mim uma «monitora», como vê... De facto, um bónio garulo de pequerruchas engraçadas lançava-se daí a pouco à água, para receber uma lição de brucos, de baixo do olhar vigilante e conhecedor de Alexandrina Pinto. Com D. Helena Sousa Martins completa — e a «trindade» dos que se dedicam, dentro do Feminino à difícil tarefa de ensinar a nadar.

Todas as alunas são pacientemente seguidas nos seus progressos, nos seus receios — e até nas suas «brincadeiras»... É um que quer dar um salto à «Tyronne», outra que pretende uma «corrida», mais uma que de momento, inexplicavelmente, tem receio de ir para a água.

Por isso, os resultados são lisongeiros. A dedicação do professor Brito e das «monitoras» faz maravilhas. São já centenas as alunas aptas a nadar.

A nossa entrevistada, em cuja camisola brilham medalhas — prémios da sua tenacidade — é um nome a juntar a tantos outros que à causa da natação e dos desportos femininos está dando o melhor do seu esforço.

Mas havia uma pergunta a fazer ainda... — Ou ros desportos?... — Sim... Pratico outras modalidades além da natação. Jogo «basket-ball», «volley-ball», «hockey» em campo e fô também um pouco de atletismo; neste último, treino em velocidade pura, lançamento de peso e dardo.

Deixamos a campeã do F. A. C. entregue às suas lições, enquanto o nosso Hermann faz uns «clichés» de surpresa... para terem maior sabor...

FLOREANO BASTO

O Campeonato de bilhar, partida livre, da Associação

Portueuse dos Amadores de Bilhar cada, com uma média de 29 e 486 na maior série, foi seguida de uma demonstração de jogo de fantasia, por Américo Teixeira e Joaquim Rebêlo.

A prova, constituída por 1500 carambolas, executadas em 16 tacadas, dá ao campeão a média internacional de 93,8.

Joaquim Rebêlo não tem presentemente adversário no Pôrto; Teixeira, conhecedor profundo do jogo, é atraído pela idade — e os novos ainda estão muito «verdes».



RAFAEL BARRADAS — Enciclopédico e poliglota. Sabe de tudo — de «box» como nenhum! Também discute xadrez...



TAVARES DA SILVA — Temperamento de jornalista — e uma fera a escrever... a realidade do futebol português!... Há quem lhe chame «o académico da bola». Quem desdenha...



RICARDO ORNELLAS — Faz belas «notícias» e é muito «popular». O *Casa Pia A. C.* tirou-lhe anos de vida... mas é sempre casapiano! Muito talento e maior carácter! Doutor em futebol — com capelo e borla!



Dr. GUILHERMINO DE MATOS — A cultura e o fino espírito personificados. Coração de ouro e a mesma vivacidade dos gloriosos dias de Coimbra... Um director a quem todos queremos com verdadeiro enternecimento!



REINALDO MONTEIRO — Conforto, paz de espírito, calma... Constipações, boas maneiras e prosa bem temperada... Natação, futebol, esgrima — e não o massem mais! Mas sabe da arte...



NUNES DE ALMEIDA — O rei da Leical Arte. Gosto. Oportunidade. O expoente da dedicação. O laboratório parece a confusão materializada mas tem tudo quanto faz falta... Um mestre — e um amigo!



LANÇA MOREIRA — Leva uma vida «mundial» entre a Parede e o Chiado. Embora não queira, há-de ser sempre remador, lutador, orador, locutor... e jornalista, porque não há mais coisas em «ôr»... Um mundo de actividades...



AVELAR MACHADO — Um chefe que sabe o que quer. Um amigo como os que o são. O cavaleiro andante da esgrima... Consegue ter tempo para tudo: escritório, «Stadium», «Diário de Lisboa»... E sempre a horas!



MÁRIO AFONSO — A Exchange... o «Diário de Lisboa»... a «Stadium» — mas o Pôrto acima de tudo... Amigo dos fixos — e camarada como poucos!



ABREU TORRES — Letras... e «mocidade»... O Nacional e a nação... Educação e boas maneiras... «Stadium» acima de tudo!



ÁLVARO GASPAS — Desaparece dentro do sobretudo — e talvez porisso não há quem o veja... Vai publicar um livro no qual reunirá todos os artigos semanalmente... prometidos!



CLAUDINO MADEIRA — Retratos e mais retratos... Se tivesse uma máquina como a do Nunes de Almeida era o melhor do mundo... É capaz de fazer todos os serviços ao mesmo tempo!



CARLOS MANUEL — Prefere o atletismo. Há tanto tempo que não aparece que quasi já o não conhecemos... Mas logo que tiver mais tempo — cá o temos para tudo que...



HERMANN VITORINO — O Nunes de Almeida do Porto... e arredores! Cortou as barbas — mas conserva-as na fotografia...



JOSÉ MANIQUE — Um «leão» com a garra no disparador... Um ouvido rebelde, mas um coração de ouro! Sempre pronto — e sempre resignado quando o chefe mete poucos bonecos dos seus...



AMADEU SEABRA — Como «ás» do volante, conduz tudo sem tormentas... «Stadium», «Iluminante», «Flecha»... Iniciativas... Negócios... E um amigo certo — para quem não há dificuldades!



CARLOS CORREIA — O nosso querido... «el sordo»... Escreve pouco — por falta de assunto. Três paixões distintas — o Sporting, o casino do Estoril e o teatro — e uma só verdadeira: a seiva do pinheiro... em resina!



Dr. SALAZAR CARREIRA — Mestre em atletismo. Inclemente... a dizer e escrever todas as verdades, por muito amargas que sejam! Sporting... Sporting... Sporting...



MÁRIO DE OLIVEIRA — Decano dos jornalistas desportivos em actividade — e a sombra negra dos compositores... Tem uma escala misteriosa que lhe proporciona sempre a conta justa de original...



JOSÉ SOARES — Faz às vezes cara de mau... de administrador... Mas afinal remove todas as dificuldades... Um companheiro fiel de todas as horas.



DIAMANTINO DIAS — Ténis, golf, hipismo... tudo desportos de elegância... Não admira: é um «diamantino» rapaz!



JORGE MONTEIRO — Tem menos dois cabelos desde que trabalha para cá... Faz tudo — mas sempre tarde... Muitos projectos! Bom companheiro. Amigo particular de uns senhores da rua da Palma...



GIL MOREIRA — Um antigo campeão de ciclismo, que d'ele escreve como poucos — com o saber de experiência feito... Viva o Benfical! Uma frase que fez carreira: «A comissão agradece!» Catapum! Catapum!



JOÃO DIAS — Se o Barreiro não existisse tinha de se inventar — para haver um Barreirense... A delicadeza em pessoa — e pontualidade — como não pode haver melhor!



FERNANDO SÁ — Amisado e simpático. Campismo, vela e muitas coisas mais... Prende-se-lhe às vezes a fala — mas tem sempre solta a caneta!



VASCO SANTOS e J. CASIMIRO VINAGRE — Não se trata de uma firma comercial mas de um compadrio no xadrez... Dois amigos inseparáveis — e dois companheiros fiéis. Da sua união nascerá a força do xadrez nacional... Quando houver mais espaço na «Stadium»... fazem quatro páginas!



ALBERTO SILVA VIANA — Educação física... Encerra um verdadeiro tratado — como mestre diplomado que é!



EDUARDO SOARES — Atletismo! Atletismo! Atletismo! Punhamos mais três vezes «Stadium» — e está dito tudo... →



JOSÉ PARGANA — Tarde e más horas — mas sempre fez os honcos... E estavam parecidos! →



...todos estes fazem a **STADIUM!**

(Conclusão da pág. 5)

Outro grande estádio, abarrotado de gente, à beira de um canal de água espelhana e cercado por campos menos imponentes. Amsterdão, 1928.

Volveram quatro anos e nesta fotografia apercebo de novo, no topo do retângulo relvado, um mastro filiforme, de onde pende uma bandeira branca: é a insígnia olímpica, hasteada outra vez na sua infinita peregrinação quadril.

Desperta esta imagem mais emotivas recordações; a equipa portuguesa de futebol é a primeira a pisar a relva da arena olímpica, em tarde memorável: defronta os chilenos, aos quais derrota depois de parecerem perdidas todas as esperanças... O confrangimento dos primeiros pontos adversários, a promessa da nossa primeira bola, a esperança do empate, a alegria da vitória, o entusiasmo da confirmação... Nunca mais, nunca mais esquecem os momentos de tão contraditórios sentimentos... Não é esta, porém, a grande recordação da gloriosa aventura de 1928, aquela que todos os peregrinos que a acompanharam invocam sempre em primeiro lugar: o ponto de Augusto Silva, no encontro contra a Jugoslávia, a três minutos do fim, na perspectiva do prolongamento que não permitia ilusões; o raço individual que agiganta o jogador e o transforma em autor do destino comum. E-seis três minutos derradeiros vivemo-lo em centuplicado e nunca — sim, nunca, talvez — senti maior explosão de júbilo do que a provocada então pelo último apito do árbitro... As lágrimas do Waldemar, expulso do terreno e chorando a sua forçada deserção no momento crítico... Os sons abafados da «Portuguesa» que, ante a surpresa comovida dos estranhos presentes no vestiário, tod's entoámos em cântico, sem explicação plausível ou iniciativa determinada, depois de acabados os abraços congratulatórios!

Sempre, sempre viva na ideia esta emoção!... Turva-se a imagem; voivamos a fôlha...

Esta vem logo a seguir; meses apenas de intervalo — mas, de uma para outra, atravessamos um oceano e mudamos de hemisfério... Rio de Janeiro, estádio do Fluminense, as camisoladas listradas do Sporting atraindo todas as atenções e no topo da arquibancada circundante e de dois andares, em mastros vizinhos, as bandeiras irmãs do Brasil e de Portugal, adjeando alegremente na satisfação de se abraçarem no dinamismo das suas mocidades desportivas... Tudo quanto a imagem desperta do passado é lembrança de carinhosa hospitalidade, de simpatia espontânea, de generoso acolhimento... Inesquecível a visita feita ao escritor Coelho Neto, quasi uma hora de conversação que considero dos mais fundos prazeres espirituais de toda a minha existência... Saúde, a mais profunda e vivente saúde...

Gira um ano. Dezembro de 1929; gigantes murallas de gente limitam cada face do retângulo e pelos intervalos angulares o olhar perde-se em paisagem risonha. O campo de jogo é um atoleiro imundo, misto de negra terra vegetal e de serradura empapada, que espalham no solo para absorver a água sobrenadante.

Dolorosa lembrança... Milão, linda cidade de um belo país, ficou para os futebolistas portugueses de pouco saudáveis recordações... A confrangedora incapacidade dos nossos rapazes, vencidos pelo terreno antes de o serem pelo adversário... Os clamores triunfais da multidão a ecoarem aos nossos ouvidos como dobres fúnebres de ilusões desfeitas. Depressa, escondamos a fôlha...

Continuam a decorrer anos na vida e páginas do álbum. Estamos perto do fim. Esta, agora, é a mais imponente visão: Berlim, 1936, cento e vinte mil pessoas abraçando a arena onde se inauguram os últimos Jogos Olímpicos, ilusório simbolismo da fraternidade dos povos.

Aqui vibrámos nas mais puras emoções des-

Uma pergunta para que não se encontrou ainda resposta...

MUITO se tem dito e escrito acerca da origem do «hockey». Mas não há ainda duas opiniões conformes, porque os historiadores da modalidade divergem quanto ao ano em que primeiramente ela se praticou e quanto ao país originário do desporto. Marcel Vitry, por exemplo, diz no seu livro «Le Hockey»:

A origem dos jogos remonta à maior antiguidade e parece até que nos tempos de Homero havia já uns laivos de jogo da bola; o jogo é desporto quando, exigindo um grande dispêndio de forças, opõe jogadores de regiões vizinhas ou efins, de modo que façam triunfar um nome ou uma ideia. Afigura-se-nos mesmo que o mais antigo dos desportos é o «hockey», que se praticava com uma bola e uma espécie de bengala.

No ano 148, os súbditos de Cathair Mor, primeiro rei da Irlanda, divertiam-se com um jogo análogo ao «hockey» actual, utilizando 50 bolas de couro... E em 754, nos domínios do califa Mansour, os árabes praticavam um genero de «hockey» a cavalo, que era a diversão favorita dos monarcas da época, segundo Pausanias (1910) quasi garante que o jogo da «kouras» existiu durante muito tempo na Arábia, sendo depois importado para Espanha e para a Gaulia

pelos povos berberes, vencidos dos sarracenos.

A «kouras» — que se jogava com uma pequena bola feita de fibras de palmeira e uma bengala estraiada de madeira de árvores exóticas — deve ter sido, sem dúvida, a base do polo equestre e o «goure» (a semelhança dos dois jogos é típica) que os antigos gaulenses praticavam. Os documentos mais importantes que encontramos a este respeito remontam ao século XIII; nesse tempo jogava-se o «mail», com uma bengala ferrada e uma bola de madeira. As variedades do «mail» produziram o «croquet» e o polo, e, reunidas à «kouras», à «crosses» e ao pequeno «mail», deram o «golf» actual.

A Normandia foi a provincia francesa onde mais se jogou a «crosses», apelidada de «crosseries» ou «la passe», que teve a sua maior popularidade do XIV ao XVI séculos. O historiador Leboeuf refere-se a partidas d'este desporto entre povoações rivais de Avranches. A mais antiga gravura que possuímos data do século VIII e representa dois homens exercitando-se no jogo da «crosses». No século XIV encontramos na Escócia um jogo análogo, chamado «shinty», que teve grande desenvolvimento; uma gravura da mesma época mostra-nos uma partida de «crosseries» jogada em França. A transformação do «maillet» em



Como se jogava o «hockey» na Idade Média

portivas; aqui sentimos com maior intensidade o portuguesismo arrastado pelo destino dos nossos representantes, na corrida sudorosa e heróica do imprevidente e abandonado Manuel Dias, no comportamento entusiástico e tenaz do esgrimista Henrique da Silveira, no esforço animoso e triunfante dos cavaleiros que conquistaram para nós a orgulhosa satisfação de ver tremulante no mastro de honra a rubra e verde bandeira de Portugal.

Aqui compreendemos toda a beleza e todo o vigor empolgante da luta desportiva... A final dos 1.500 metros e a embalagem irrisível de Lovelock; as «baladas» vertiginosas do negro Owens; os vãos dos saltadores em altura, por cima da barra a dois metros; o duelo titânico dos americanos e japoneses no salto à vara; a cadência infatigável dos finlandeses; a pungente e inútil tenacidade de Murakoso — pormenores da festa apoteótica do atletismo na sua máxima expressão...

São em excesso as recordações que fluem. Atropelam-se, confundem-se, são mais velozes do que a memória que as pretende fixar...

Chegamos à última página: um estádio deserto, refugindo na alvorã virgem da escadaria, magestoso, harmónico e digno da Nação activa em cujo povo revivem as virtudes fiscaes de uma raça que desbravou o mundo a golpes de audácia e confiança nos seus recursos.

Não tem passado, esta fotografia final; olhá-la é enfrentar o futuro e sonhar no relvado do campo, ou no anel negro da pista, uma mocidade estuante de ergia, preparada e disciplinada, colhendo os louros que há vinte anos os seus antecessores cultivam em luta árdua e incerta, mas sempre com honra e brío infectível!

«crosses» fize-se sem diferenças sensíveis. O jogo da «crosses», que é praticado actualmente no norte da França (Marcel Vitry escreveu isto em 1930), é uma deformação da «crosseries» e joga-se com uma bengala ferrada.

No século XVIII, os soldados de Montcalm, que fizeram parte da expedição ao Canadá importaram a «crosses» para o seu país; mas na actualidade, os canadianos praticam a «crosses» sem analogia nenhuma com o nosso «hockey»; a «crosses» é outro desporto, que se executa lançando a bola ao ar, como no ténis, e foi implantado no Canadá pelos colonos de Saint-Malo (diz Weber) e transformada gradualmente.

Noutro estudo mais completo das origens do «hockey», feito por Eac Thomson, director do «Hockey World», de Londres, e critico desportivo do «Daily Telegraph», diz-se que o «hockey» moderno é um derivativo do «gouret». Neste ponto, Maxime Lanet (que foi campeão de França, 25 vezes internacional e duas vezes olímpico), está inteiramente de acordo com a opinião de Thomson, o qual, por seu turno, afirma a sua convicção de que o «hockey» existia já na Ásia há milhares de anos, mas sob uma forma mais que rudimentar; os gregos e até os romanos praticavam um jogo muito semelhante ao «hockey», cuja origem deve ter sido, porém, na antiga Pérsia...

Do que não resta dúvidas é de que o «hockey» foi implantado na Europa, na era moderna, pelos britânicos, que muito contribuíram para a sua propagação. Mas o país onde maior é a expansão da modalidade é a Índia, que detem o título de campeão do Mundo e tem sido sempre vencedora nos torneios dos Jogos Olímpicos. Por alturas de 1928 havia na Índia mais de um milhão de jogadores, repartidos por seis mil clubes. Os asiáticos parecem ter o privilégio do jogo, pois até no Japão e na China, principalmente entre os japoneses, teve grande repercussão antes da guerra.

O ESTORIL PRAIA

ganhou o campeonato da II Divisão da A. F. L. sem ter sofrido uma única derrota

PARA abreviar a conclusão do seu campeonato da II Divisão, a A. F. L. fez disputar no dia 1 do corrente (feriado nacional) os encontros da décima terceira jornada da prova. Arquivamos, para sua história, os resultados desses encontros:

Operário, 2 — Marvilense, 3
Chelas, 2 — S. L. Olivais, 3
Estoril, 8 — Casa Pia A. C., 0
S. L. Sacavenense, 2 — Operário, 1

Segundo informação que temos, este último encontro foi anulado e será repetido hoje no terreno do Marvilense.

No domingo, disputaram-se os encontros da última jornada, mas, a confirmar-se a informação a que atrás aludimos, o campeonato não está completamente concluído. Os resultados da décima quarta jornada foram os seguintes:

F. Benfica, 1 — Chelas, 0
Casa Pia, 0 — Sacavenense, 3
Marvilense, 2 — Estoril, 3
Olivais, 3 — Operário, 2

Em relação aos encontros da primeira volta, verifica-se que o F. Benfica e o Olivais, desta vez, jogando em casa, tiraram bom partido de sua vantagem, pois desferiram, a seu favor, os empates então registados; o Estoril e o Sacavenense, em casa dos seus adversários, obtiveram resultados mais expressivos.

A luta entre benfiquistas e chelenses decorreu equilibrada, o que aliás se compreende pelo resultado de 1-0. Por acaso, foi até na primeira parte, quando os visitantes se mostraram ligeiramente melhores do que os donos da casa, que se marcou o único «goal». O empate não ficaria mal. Era até a mais justa compensação para o trabalho das duas equipas, que, sentindo a importância do desafio, se empenharam ao máximo pelo resultado, relegando para segundo plano o mérito da exibição.

Foi tão grande a superioridade dos caspalanos na primeira parte do desafio de domingo, contra os sacavenenses, que o resultado é extremamente ilustre para os últimos. Mas, como os desafios só se ganham fazendo «goals», está o caso. Os antigos jogadores do Realdeio demoraram; mas a linha avançada da equipa, para não fugir à regra, foi cerimoniosa em rematar à baliza, preferindo desnecessárias passagens de bola, facilitando a acção enérgica da defesa do Sacavenense. E os avançados deste grupo evidenciaram melhor sentido prático. Freitas foi o autor dos três «goals», o que revela que tinha o pé afinado.

Se a vitória do Estoril era o desfecho que se poderia esperar, já o mesmo se não pode dizer do «score». E, no entanto, os 2-3 justificam-se. Dir-se-ia que os locais entraram em campo já batidos; mostraram apatia enervante, deixando que os estorilenses ganhassem sem precisarem empenhar-se a fundo.

O Operário fez notável para fugir ao último lugar da classificação o que só seria normal ganhando o desafio. Fez realmente tudo para o alcançar, mas apenas lhe fica a compensação de se ter exibido melhor do que o adversário. Uma primeira parte equilibrada e a segunda de vantagem para os visitantes davam-lhe direito à vitória. Mas a sorte não esteve pelo lado dos rapazes de S. Vicente...

Depois dos jogos de domingo a classificação ficou assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	Score	P.
Estoril	14	14	—	—	95-11	42
Chelas	14	6	3	5	20-36	30
F. Benfica	13	7	2	4	27-30	29
Marvilense	14	5	3	6	37-34	27
S. L. Olivais	14	5	2	7	28-24	26
Casa Pia A. C.	14	4	1	9	20-43	23
Sacavenense	13	4	1	8	28-44	23
Operário	14	3	3	8	25-41	22

Vai repetir-se, como já dissemos, o encontro Sacavenense-F. Benfica, o notável que o resultado, a posição dos contendores, que não será a indicada acima, está de antemão esclarecida: o F. Benfica será sempre segundo classificado — se perder terá o mesmo número de pontos que o Chelas, mas o «score» dos jogos entre ambos favorece-o; o Sacavenense será sempre sexto — se ganhar, ficará com menos um ponto do que o quinto; se perder, totalizará a mesma pontuação que o Casa Pia A. C., mas o meio de desempate é-lhe favorável, pois tem duas vitórias. — ZÉ DO PLÁO.

NA III DIVISÃO

DO FUTEBOL LISBONENSE

CONTINUOU no domingo a disputa do torneio da 3.ª Divisão da A. F. L., prova que pelas suas características próprias apresenta, todos os anos, vários motivos de agrado, proporcionando, em regra, luta equilibrada e movimentada, durante perto de quatro meses, elevado número de agremiações, modestas, é certo, mas nem por isso menos merecedoras de aplauso nos seus bons esforços.

Pelo que já vimos esta época, não podemos dizer que o nível do jogo tenha melhorado na 3.ª Divisão. Quando muito, estabilizou. Temos, no entanto, de atender às fracas possibilidades de maioria de que os respectivos clubes dispõem. A preparação dos jogadores não pode atingir o nível que seria para desferir A falta de recursos é, na quasi totalidade dos casos, contrabalçada por soma de sacrificio incalculáveis, quer por parte dos próprios praticantes, quer por parte dos dirigentes — que os têm mais dedicados.

Esta época, no núcleo de Lisboa, três colectividades se apresentam com fundadas pretensões ao título: Palmeira, Desportivo dos Olivais e Desportivo de Arroios.

TÉNIS DE MESA

A TAÇA «STADIUM»

vai disputar-se pela 6.ª vez

FOI em 1938-39. A taça «Stadium», que era disputada desde os primeiros tempos da Associação estava definitivamente ganha. Os tempos não corriam muito de feição para a modalidade e a crise que o ténis de mesa atravessava não podia co-siderar-se totalmente debelada. «Stadium» que à modalidade dedicava sempre especial carinho e atenção, resolveu oferecer um tofo para ser disputado no começo da época... para suceder à taça «Stadium». Fez-se o regulamento da prova, que vigora ainda hoje determinando que a taça só seja para sempre arrebatada quando uma equipa consiga três vitórias seguidas ou cinco alternadas.

Estamos na época de 1943-44. E até agora nenhum clube alcançou a prova pretendida. Entretanto a taça «Stadium» vai ganhando fóros de tradição no ténis de mesa lisboita, servindo sempre para abertura da época, e disputada, de ano para ano, com maior entusiasmo.

Presentemente, a A. T. M. L. prepara a efectivação do torneio que vai ser efectuado pela sexta vez. Será a última? Não será? Uma equipa — a do Sport Lisboa e Benfica — está à beira de levar a taça para a sua opulenta sala de troféus. Basta ganhar a «edição» da prova que começará dentro de poucos dias.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O «Clif» promoveu um torneio entre sócios, com os vencedores seguintes: Júlio Bastos (80 metros em 9 s. 5/10; 150 metros em 19 s. 2/10; 300 metros em 57 s. 9/10); Gerárd d'Alexandre (altura, 1 m. 60; peso, 14 m. 42; disco, 27 metros) e Fernando Frade (700 metros em 2 m. 2 s. 5/10).

O Benfica foi punido com a multa de dois mil escudos por não ter participado nos últimos campeonatos nacionais de seniores.

«BOXING» — No Estádio Mayer efectuou-se uma reunião popular, de homenagem a Francisco Brito, na qual se registaram os resultados seguintes: Eduardo Alves-Costa Negus, nulo em 5 «rounds»; Diamantino Gama venceu Pedro Isatti (espanhol), pontos em 6 assaltos; José Luis e Figueiredo II bateram, respectivamente, Germano Martins e Manuel Cândido, ambos por abandono ao 5.º «round»; e Valente Rocha derrotou Alfredo Oliveira, por pontos, em seis assaltos.

A Hungria venceu a equipa B de Espanha, por 10-6, num «match» de amadores disputado em Madrid.

CICLISMO — Em resultado de uma campanha do semanário «Sport Lisboa e Benfica», disputou-se o primeiro «cross» ciclo-pedestre entre sócios e simpatizantes do Benfica. A prova, que reuniu avultado número de concorrentes, foi dividida por cinco categorias, das quais saíram vencedores: D. Edith Rodrigues, na de senhoras; José Rodrigues, na de veteranos; António Correia, na de homens dos 21 aos 30 anos; Marcel Loureiro, na de homens de mais de 30 anos; e José Coelho, na de rapazes.

FUTEBOL — Apuraram-se, mais os seguintes campeonatos regionais: *Aveiro*, Sporting Clube de Espinho; *Beja*, Luso Sporting Clube; *Viseu*, Sport Lisboa e Viseu. O Sport Clube Cominbricense voltou a derrotar o Calhabé F. C., campeão da II Divisão da A. F. Coimbra, desta vez por 11-2, conservando, portanto, o seu lugar entre os melhores da região.

O Barreirense foi jogar a Évora, nas comemorações das «Bodas de Prata» do Juventude Sport Clube, triunfando por 2-1.

Em virtude de acontecimentos que ultimamente ali se deram, a A. F. L. interdiu o campo do Sport Grupo Sacavenense.

O Ramaldense ganhou o campeonato da II Divisão da A. F. do Porto.

Em Barcelos, o Gil Vicente venceu o Académico, do Porto, por 3-2.

«GOLF» — Começaram ao Estoril os torneios de inverno, verificando-se, nas primeiras provas, vitórias de emadame Ewa Lundquist e de A. Reukine.

«HANDBALL» — Vai disputar-se, em Lisboa, um torneio de Abertura, para o qual se encontram inscritos todos os clubes praticantes da modalidade.

«HOCKEY-EM CAMPO» — No Porto começou a disputar-se o campeonato regional, verificando-se, na primeira jornada, os resultados seguintes: F. C. do Porto-Vilavovense, 3-1; Académico-Estréla e Vigorosa, 2-0; Boavista-Académica de Espinho, 3-0; Leixões-L'Air Lilloise, 5-0; Gaia-Sport, 3-3.

Dos primeiros — vencedores na época passada — muito há a esperar. Os rapazes de Palma fizeram em 1942 uma prova brilhante. Não foram felizes nos jogos de passagem, mas isso não lhes arrefeceu o entusiasmo. Conscios das suas possibilidades, vem este ano para a prova com a melhor das disposições.

O grupo dos Olivais, que ultimamente tem ficado sempre nos lugares de honra, irá trabalhar mais uma vez para a conquista do primeiro pósto com entusiasmo que lhe é peculiar.

E o Arroios, em franco progresso, tentará igualmente a sua chance.

No núcleo de Cascais, este ano com oito clubes, três dos quais estranhos da competição — os horizontes apresentam-se mais cerrados. É ajuda cedo para formular qualquer prognóstico.

O Ginásio Clube

recebeu a imprensa no dia da reabertura das suas classes

MUITO se disse já e não pouco se escreveu sobre a vida e a obra do Ginásio Clube Português — colectividade de passado brilhante no fulcro da actividade ginástica que se desenvolveu em Lisboa nos últimos sessenta annos.

Todavia, por muito que continuei a dizer-se e a escrever-se acerca do notável trabalho produzido pelo clube através de sucessivas gerações, havrá sempre motivos para justificar a produção de novos discursos e a redacção de novos artigos notáveis. É que a sua actividade não pára — nem pode parar, senão episdicamente.

As suas tradições gloriosas, os seus feitos transcendentes, o seu nome aureolado de prestígio, não se coadunam com uma tarefa secundária.

Não faria sentido, nem seria mesmo de admitir, que a mais importante agremiação da especialidade, cuja fama atravessou fronteiras de vários países deixasse de cumprir a sua missão tão bem como está aqui.

O Ginásio tem desempenhado importantíssimo papel no desenvolvimento da cultura física e de-por-tiva, proporcionando a milhares de pessoas a oportunidade de tomarem contacto com os métodos de ginástica mais adiantados e de se dedicarem à prática de interessantes modalidades.

Nelas suas salas, pelo seu campo de jogos a até sobre as águas do Tejo, desfilaram praticantes de inúmeras especialidades: ginástica educativa, artística, olímpica e rítmica; esgrima de espada, sabre e forte; jóg; de pau, pesos e alteres, pugilismo, luta greco-romana, atletismo, remo, «rugby», «basket-ball», «hand-ball», ténis de mesa, motociclismo, tiro e equitação.

O Ginásio é, portanto, um clube ecléctico e, como tal, corresponde sempre às obrigações que assumiu, tendo desempenhado a sua tarefa, através dos tempos, de maneira que mereceu os maiores louvores. E agora, que tem à sua frente a figura prestigiada do sr. dr. Bostorff Silva, advogado notável, homem de acção e de inteligência privilegiada, ainda melhor deverá cumprir a missão para que foi criado.

Na recepção à imprensa, que precedeu a abertura do novo ano lectivo, o ilustre presidente do G. C. P. pediu aos representantes dos jornais que dispensassem o maior «amparo» possível à sua colectividade.

Pelo que diz respeito à «Stadium», apenas uma declaração cumpre exarar: a de que os assuntos relativos ao Ginásio Clube Português serão tratados nestas colunas, como até aqui, com todo o carinho e o maior desenvolvimento possível.

Prestar homenagem ao trabalho do Ginásio constitui um dever para todos aquelles que, de qualquer forma, pugnam pela expansão do desporto nacional.

NATAÇÃO — Celebrou-se a primeira reunião do Torneio de Inverno, promovido pelo Estoril Praia. A equipa da colectividade organizadora collocou-se à frente da classificação — haverá mais três reuniões... com 33 pontos, seguida, respectivamente, do Belenense (12 p.), Nacional (7), Atlético e Sporting (6) e Alhandra (4).

Nas cinco provas disputadas registaram-se vitórias de: José Almeida Figueiredo (E. P.), 27 s. em 33 m. brucos, infantis; Eduardo Câmara e Sousa (E. P.), 8 m. 17 s. em 200 m. brucos, principiantes e juvenis; Mário Simas (E. P.), 1 m. 1 s. 6/10 em 100 m. livres, seniores; Ana Linheiro (Bel.), 1 m. 39 s. 8/10 em 100 m. costas, seniores; Estoril Praia (Salgado, Mira Gomes, Fernando Carmo e Mário Simas), 10 m. 34 s. 8/10 em 400 m. livres, inscrição livre.

Na piscina de Leipzig, a nadadora alemã Westhelle percorreu 100 metros, costas, em 1 m. 15 s., batendo o «record» do seu país.

Em Amesterdão efectuou-se um grande festival em que tomaram parte os melhores especialistas holandeses, como as senhoras Van Chiet, Van Schaike e Koster Van Feggen; Smitsbrugten, De Geest e Molenaar.

TÉNIS DE MESA — As equipas das Associações Académicas da Faculdade de Ciências de Lisboa e da Escola Superior Colonial defrontaram-se num «match» de que a primeira triunfou por 3-0.

Tem prosseguido, com a maior animação, o campeonato infantil de Lisboa, de que é leadeiro o Clube Inter-nacional de Futebol, só com vitórias nos encontros disputados. Hoje, à noite, effectua-se o jogo da segunda volta «Clif-Ateneu Comercial», o de maior importância da competição.

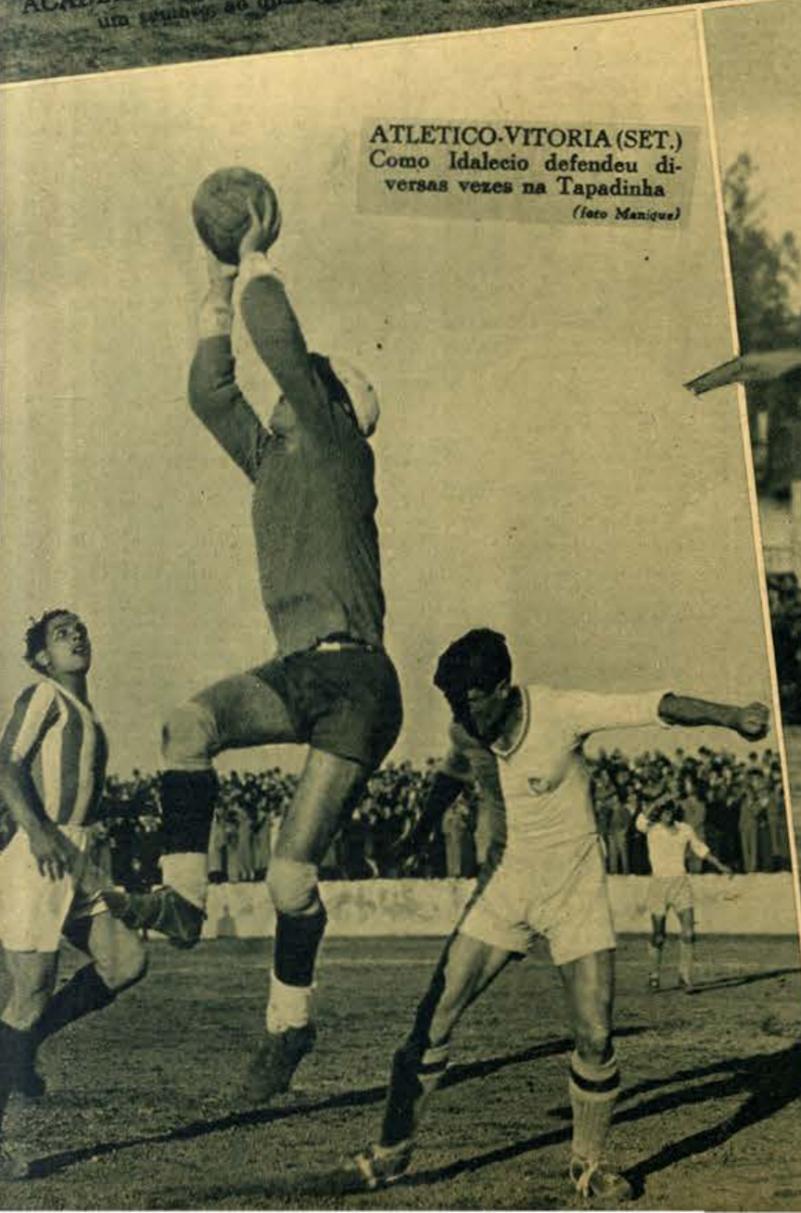


ACADEMICA-SPORTING: Loucos, a despeito do jogo de Coimbra, executa mais um remate ao qual se lança Azevedo com o seu habitual arrojado (foto Cabrita)



BELENENSES-OLHANENSE: O belo estilo de Franklin, num centro primoroso (foto Nunes d'Almeida)

O ATLETICO
Continua em 1.º lugar
NO CAMPEONATO NACIONAL de FUTEBOL



ATLETICO-VITORIA (SET.)
 Como Idalecio defendeu diversas vezes na Tapadinha (foto Manique)



SALGUEIROS-BENFICA: Julinho, a pesar de apertado por um defesa, consegue rematar — mas para fora (foto Hernando)



VITORIA (GUIM.)-F. C. PORTO: Machado defende, carregado por C. Dias (foto Machado)



ACADEMICA-SPORTING: Um ataque dos estudantes ao qual se opõe Cardoso com exito



CAMPEONATO NACIONAL

Os «teams» da província dão rélica aos de Lisboa

Comentários por TAVARES DA SILVA

E cedo ainda para se afirmar categoricamente que está atingido o ideal como competição — o nivelamento das forças concorrentes. Todavia, os sintomas são muito animadores. Os indícios do começo transformaram-se já em esperança porque a segunda jornada, nos seus pontos essenciais, reforça aquilo que sucedeu na primeira. Se as jornadas que se seguem não desmentirem de um facto, ou aos poucos, os factos dos dois primeiros domingos, levando à conta do acaso o que julgamos fruto do aperfeiçoamento da Organização pode afirmar-se estarmos em presença da competição mais séria, a mais verdadeiramente competição que o futebol português nos tem dado. Não se tivesse enveredado a tempo, como realmente aconteceu, por uma representação mais larga do futebol da Província, e ainda hoje teríamos como campeão máximo uma cópia quasi fiel do torneio lisboeta.

Os sintomas do nivelamento de forças vão até o ponto de alguns clubes da província suportarem galhardamente as visitas aos campos de Lisboa (vidé casos do Olhanense e do Vitória-). E ainda a verificação de uma assistência regular nas Salésias. Cabe aqui afirmar, como muitas vezes já temos dito, que o futebol de um *team* e a assistência são coisas que caminham a par.

O sol empalideceu. O balanço técnico da 1.ª jornada apresenta-se animador, e o certo é que o mesmo não se poderá dizer do último domingo. Pelas notícias que nos chegam do Pórt e de Guimarães, a junção à contribuição lisboeta da Tapadinha e das Salésias, o nível técnico baixou sensivelmente, fazendo-se de modo geral, *association* mediocre, ou então de menor quilate do que o que se aguardava. Haja em vista o encontro das Salésias. A partida, aceitável, e tecnicamente melhor, de Coimbra, não chega para inutilizar o apontamento do conjunto, isto é, o panorama geral. Em contrapartida, todos os valores empenhados na luta jogaram como antigamente jogavam os amadores, com os músculos e com a bandeira clubista sempre em frente dos seus olhos. Valha-nos, ao menos, isso.

Com esta 2.ª jornada vinca-se novamente a necessidade de frisar que as lutas do futebol não são guerras, não podendo aproveitar-se para cada um dar largas aos seus maus instintos porventura recalçados. Felizmente, dentro dos terrenos, os jogadores começam a compreender que o árbitro é a única autoridade, cumprindo respeitar o adversário, que o mesmo é que respeitar-se a si próprio.

Fora do campo, porém, algumas pessoas teimam em dar ao futebol o mau aspecto de luta entre regiões ou clubes, prestando, pela sua acção anti-desportiva, péssimo serviço à causa. Por informações que temos como boas alguma coisa se passou em Guimarães que não deve propagar-se. Porque agravo puxa agravo, e assim, ordinariamente, uma ofensa tem repercussões. Desta vez — estamos convencidos — o ofendido esquecerá tudo. Mas uma razão para dizermos que nunca compreendemos a razão por que os agressores, *por palavras e obras*, no expressivo dizer de uma nota emanada da autoridade espanhola que ao futebol respeito, não são chamados à responsabilidade. Aliás, não eram chamados...

A notável segurança da defesa do Sporting. Brilha a linha de ataque da Académica

O Sporting levou para Santa Cruz o mesmo *team* que arranco o empate nas Salésias. Julgamos a ideia acertada. Em grupo que

A 2.ª jornada confirmou a 1.ª Os 5 desafios - Os jogadores

ganha, ou se comporta bem, não se toca. Princípio em que nunca é demais insistir.

O grupo saiu-se excelentemente da tarefa que o aguardava em Coimbra. Porque um acidente, lesão de Canário, transformou o quadro sportinguista, inesperadamente, colocando na asa direita o referido jogador, e passando para a linha do meio Daniel. Pode afirmar-se, em abono da verdade, que o conjunto medular não sofreu com isso mas então deve acrescentar-se que a linha avançada sofreu, e alguma coisa a ter em conta. Revelando notável segurança na defesa, e homogeneidade nas suas linhas restantes, o Sporting decidiu-se a buscar o triunfo, desde o primeiro momento, aceitando de bom grado a toada dura, viva e enérgica dos académicos.

Ao fim da 1.ª parte, o balanço inclinava-se a favor do Sporting. Na 2.ª, a Académica subiu, em prodigioso de energia, conseguindo abalar a justa combinação e homogeneidade dos lisboetas. Mas era tarde para construir a vitória. Em toda a partida, a defesa, tanto Cardoso como Marques, cumprindo ainda destacar esse colossal guard-redes que se chama Azevedo, portou-se à altura de todos os golpes desenvolvidos na área da sua jurisdição, e com atenção inextinguível.

Foi a linha avançada dos *leões* que marcou as quatro bolas mas quem verdadeiramente construiu a vitória lisboeta de Santa Cruz foi a defesa — não consentindo que o ataque da Académica passasse além dos três *goals*.

Porque este ataque da Académica é indiscutivelmente, um caso muito sério. Ha *teams* que vivem a sua vida pela força e poder a que lhes dá o bloco da defesa, ou pela potência técnica das formações médias. Outros, então, como a Académica, vivem agarrados ao ataque, graças ao sopro vivificador que insufla em todo o ser a referida célula.

De Joaquim João a António Maria, a *dian-teira* revela qualidades. É difícil encontrar um jogador de jôgo mais sereno e reflectido, tipo verdadeiro de orientação, do que Alberto Gomes. Mas é então difficilissimo encontrar um jogador da tempera de Leões, na compreensão do *association* e na subtilidade dos seus golpes característicos de intuição e visão. Estamos em presença de um *grande jogador*, com um tipo finissimo de jôgo criador que em muito se afasta da vulgaridade, o tipo da meia bola em força ou do jogador em energia, tão espalhado no nosso futebol.

A Académica só não fará este ano melhores resultados porque a sua *média* se apresenta de fraco nível. Mantem-se Octaviano, preenchendo-se os outros logares com valores novos. Mas é evidente que uma linha média não se faz do pé para a mão. Leva mais tempo a forjar, porventura, do que outras peças da máquina. No funto, a luta Sporting-Académica, com as perspectivas de velocidade, energia e dureza, constituiu a nota destacada da 2.ª jornada.

A essência azul fut-bolística. O aperfeiçoamento algarvio

As primeiras palavras sobre o desafio das Salésias têm de ser firmemente de elogio para o Olhanense, que abandonou o campo nada diminuído apesar de ter conhecido pela segunda vez no torneio, o travo amargo da derrota. O Olhanense aperfeiçoou-se a olhos vistos. Falamos no aspecto técnico. Porque o grupo, aproveitando as qualidades básicas que sempre conhecemos no futebol do Algarve, pratica um jôgo suficientemente estudado nas suas linhas gerais.

Dá-se uma ideia do *team* afirmando que a

defesa é aguerrida, estando sempre em luta, e em lugar de destaque o guarda-redes. Que a linha medular se nos afigurou o comportamento mais frouxo, embora cheio de boa-vontade e de desejos de acerto. Que, ainda, o ataque merece uma boa nota, embora os cinco homens vivam em duas linhas muito distanciadas, e escusadamente distanciadas, lançando os seus ataques à laia de caçadores furtivos, explorando em subtilezas as oportunidades, umas vezes, ou lançando-se a peito descoberto, noutras ocasiões.

Trata-se, além do mais, de homens que não temem os outros homens, fisicamente. Tudo isto classifica bem o *team* que hoje nos parece capaz de dar batalha — vencendo ou morrendo — a qualquer *team*, mesmo fora do seu ambiente, se a prova das Salésias não enganar.

Do Olhanense pode afirmar-se com justiça que perdeu bem. O que não significa que o Belenenses não tenha ganhado igualmente bem — mesmo passando por cima das grandes penalidades, um bom exemplo de fantasia.

Em todo o caso, encarando com boas lentes os factos das Salésias, não deve esquecer-se que o Belenenses realizou — talvez! — a sua pior exibição da época em curso. Assim no-lo obriga a nossa posição de crítico tão modesto quanto sincero, que não regateia louvores mas que também não sabe esconder os defeitos, quando, pelo menos, em seu entender, julga que os há.

Os avançados, os senhores lisboetas do melhor recorte e ligação, desaparam o frasco da essência azul fut-bolística raras vezes, dando-nos, pelo contrário, a lentidão dos movimentos, e a ideia de fragilidade no ataque, o que presuppõe imediatamente força e dureza no campo contrário. Tornou-se também notório o desentendimento entre defesas e avançados pela falta devida de ajustamento na linha vertebral, tudo isto, portanto, um pouco arredio do apogeu belenense.

Talvez que estas observações sejam a resultante da transição que está a passar o jôgo de posição belenense. Transformação que ainda não se aprende nitidamente, a melhor prova de que a lição não está decorada, ou estando-a, não foi compreendida.

O plano de ataque do Vitória de Guimarães. As razões da forma de defesa do Pórt

Foi uma luta seria: dura, animosa um pouco emotiva. O Vitória de Guimarães parecia apostado em não perder nenhum ponto em Benlheval, penitenciando-se da fraca exibição contra o Olhanense. Afinal perdeu um dos dois pontos, dando o empate 2-2.

Julgamos que o desafio não atingiu nível técnico, como em geral sucede quando um dos *teams*, ou os dois, pretende ganhar em linha recta. Porém, do que não há dúvida é de que o Vitória imprimiu ao seu labir, desde o primeiro momento, uma feição decidida de ataque na qual a maneira defensiva do Pórt se encaixou mais ou menos bem.

Dir-se-á: onde está o F. C. do Pórt que se apresenta em Guimarães com uma fórmula de defesa? Responde-se que, além de absolutamente legítimo esse procedimento, é correspondente às realidades. O Pórt, que costuma já formar na linha dos *backs*, o médio-esquerdo, retraiu-se desta vez, um pouco mais, por estrear um novo guarda-redes, Barrigana, cedência sportinguista. Todas as cautelas eram poucas.

Ainda por cima, os acontecimentos à segunda parte vieram acentuar o jôgo defensivo portuense, impondo-o como uma necessidade. Foi o caso que, Camilo, magoado e fora do campo durante dez minutos, se viu coagido a alinhar numa das *asas*, o mesmo acontecendo pouco depois — passava-se isto ao quarto de hora da segunda parte — a Correia Dias, que deu um salto forçado à posição do centro para a extrema esquerda. Passando Pinga para a defesa, o ataque arranjou-se como pôde: Camilo, Araújo, Lourenço, Gomes da Costa e Correia Dias.

Tudo favoreceu, por consequência, a fórmula de ataque do Vitória de Guimarães, da qual não resultou, praticamente, maior proveito por simples acaso. Sem grandes laivos de técnica, mas com uma energia e vontade ímpres ionantes, a equipa caminhou toda inteira para as redes — nem sempre rodeando os obstáculos,

senão de vulto, tratando-se como se trata, de um campo de dimensões pequenas.

Queire isto significar que o Pôrto nunca atacou? Nada disso, Caso contrário — o empate não seria possível. Mas jogando por alto, o abandono da passagem rasteira pela banda do Pôrto é nitida, os avançados portuenses nunca mostraram audácia, preferindo o remate de longe. Talvez com dois objectivos: não descobrir as lacunas do seu campo; e não enfrentar a boa parrelha de backs de Guimarães.

O ponto forte do Vitória parece ser a asa direita formada por Laureta e Miguel. Também o extremo Briosse se distinguiu, assim como o médio José Maria.

Dadas as características do encontro não admira que Anjos e Sarrea fossem os jogadores mais postos à prova, e mais brilhantes. Camilo, Alfredo e Araújo são nomes também de mencionar.

O passe é um melo de chegar ao remate. Falta de audácia no Vitória de Setúbal

O Atlético aproveitou bem a visita do Vitória de Setúbal, colocando-se à cabeça do torneio, coisa que porventura poderá ser efêmera — cremos que deverá sê-lo — que nem por isso deixa de ser agradável para os associados do clube, e até para todos, pelo gosto da novidade.

Já temos dito que o Atlético tem a grande qualidade de não ter *ases* — a categoria de Pratas dilui-se no homogeneidade do conjunto. Resulta daqui que o seu jogo não pode ser feito à base de jogadas pessoais, mas respirar todo êle a saúde do conjunto.

Todavia, há uma coisa que o onze não pode esquecer-se — os esquecimentos pagam-se! — é do sentido prático do jogo. A finalidade não é outra do que marcar *goals*, e não ganha o que joga melhor ou mais, mas o que marca mais bolas. Para isso torna-se indispensável chegar à área de remate — mais rapidamente possível para apanhar o adversário desprevenido, forçando assim as condições de êxito para o remate. Ora isto não se consegue, procedendo como os interiores do Atlético no domingo procederam, dobrando o passe, insistindo na passagem, voltando a dobrar e a insistir, permitindo a entrada das defesas do lado oposto, e emburalhando completamente as coisas, uma confusão diabólica.

É verdade que o Atlético atacou mais — principalmente na 2.ª parte. Fê-lo em geral pelo centro do terreno e nas condições já apontadas, com intervenções finais desastradas dos seus extremos.

Este plano resultou da iniciativa do Atlético, mas também um pouco da vivível preocupação do bom resultado por parte do Vitória. Quando esta preocupação se nota num *team* êle toma insensivelmente a posição de defesa, pondo de lado a ideia da aventura, mesmo que do seu agrado. Os grupos têm a orientação que entenderem, e nada temos que ver com isso a não ser no plano da crítica.

Custa-nos sempre saber que uma equipa que se quer impôr prefe e uma situação passiva a ser portadora de audácia e de espírito de iniciativa. O Vitória conseguiu, ao menos, e não escondemos que tal exerce influência nas camadas associativas e noutros meios, o seu objectivo. E podia mesmo ter ido um pouco mais além. Porque o Atlético, merecendo ganhar, ganhou com seu quê de irregularidade. Mas não vale a pena expôr o lance. Trata-se de matéria de facto — matéria que, pelas Regras, não consegue mudar a face das coisas.

No campo Augusto Leça — jogo desconexo e confuso.

O Salgueiros confirmou a impressão do primeiro dia. Trata-se, possivelmente, da equipa mais fraca do lote dos dez. Mas isso não quer dizer nada. Obriga apenas os dirigentes do clube a tirar dos factos e da sua participação no torneio a devida lição — mais com vista ao futuro do que ao presente.

Porque o Salgueiros foi inferior — apesar do Benfica não ter realizado exibição perfeita, ou sequer uma regular exibição. Pelo contrário, os lisboetas jogaram em toada de acaso, como que em aproveitamento dos deslizes da defesa adversária — número elevado! — resultando daqui que quasi todas as bolas benfiquenses foram marcadas por jogadores que se encontraram em frente das rédeas, nas melhores condições, destacados, sem nada a apoquentá-

OS QUARENTA E UM ANOS DO CLUBE INTERNACIONAL DE FUTEBOL

CELEBRARAM-SE COM UM ANIMADO BANQUETE A QUE PRESIDIU O DIRECTOR GERAL DOS DESPORTOS

FESTA de alegria e de evocações saudosas — constituiu o banquete com que o «Cifs» comemorou o seu 41.º aniversário. A presidir, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, antigo atleta do clube e illustre director geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. Outras figuras de relevo no meio desportivo estiveram presentes. Citam-se algumas: Eduardo Luis Pinto Basto, pioneiro do futebol e presidente da assembleia geral da colectividade; Luis Krusse Comes, presidente da direcção do «Cifs», e os seus colegas Assis Esperança e Anibal Vieira, duas dedicações; Bess-ne Basto, marquês de Mentia, conde de Estarreja, Francisco Duarte e dr. Francisco Catarino; J. M. Serra e Moura, da Federação de Tênis; dr. José Pontes, presidente do C. O. P.; John Horton, do Estoril Praia; eng.º Américo Rodrigues, do Unidos de Lição; Cunha Rosa, do Sporting e da Liga dos Amigos da Caparica; dr. Ayala Boto e cap. António Cardoso, inspectores do desporto. Muita gente, em suma. Cerca de cinquenta convívios... Alegria transbordante, entusiasmo, comunicabilidade, ausência de protocolo — que na emergência se justificava — e, enfim, camaradagem saudável de homens do desporto.

As brinças, falou-se muito do «Cifs» e da sua divisa: — tudo, e do desporto amador! Registraram-se frases de saudação e de amizade, de bom entendimento e de certeza num porvir melhor. D. Francisco Estarreja, antigo presidente do «Cifs» — que se encontra em Lisboa há poucos dias, regressado das colónias, onde esteve catorze anos — disse da sua satisfação íntima por ver ali quasi as mesmas «caras» de out'ora; trouxe aos amigos de sempre um abraço amigo de G. N. dos Santos, o maior atleta que o «Cifs» já teve e que foi uma das glórias do desporto nacional. Bess-ne Basto, Serra e Moura, o nosso camarada de Imprensa Rafael Ferreira, Eduardo Luis Pinto Basto, o dr. José Pontes — espirito sempre vivo e coração aberto a todas estas manifestações de solidariedade desportiva — Anibal Vieira e Honório Barbosa disseram também, com entusiasmo, palavras de muita fé nos destinos da colectividade. Luis Krusse Gomes, o actual presidente do «Cifs», recebeu e agradeceu provas in-

quivocas de amizade, em especial do director geral dos desportos, que dêle fez elogio rasgado.

E o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, numa síntese perfeita do espirito de Krusse Gomes, disse, a certa altura do seu magnifico discurso: «...reservo para mim a recordação pormenorizada dos entusiasmos, das ardeuras e esforços produzidos em honra da bandeira do «Cifs» e volvo o meu pensamento para a estrada larga de promessas que iluminam a sua rota por esforço de todos os seus actuais amigos e dirigentes de que occupa o lugar de honra no clube e no meu coração o tipo acabado de desportista português que se chama Luis Krusse Gomes. O que êle quer queremos-lo todos: reconstituição do espirito desportivo em toda a sua pureza e através do qual mais facilmente alcançaremos o alto objectivo de redimir a raça portuguesa das faltas cometidas contra o seu próprio progresso fisico. Nada se fará neste capítulo que não parta da compreensão desse espirito emmenalmente amador, pobre de meios, sim, mas rico de vontade. E o «Cifs» é bem um dos poucos centros de actividades físicas hoje onde poderia criar-se e vinjar por meio de vontades juvenis o abnejoado renascimento»

Registem-se ainda, para fecho desta notícia simples — que não dá, sequer, pátida ideia do que foi a festa dos quarenta e um anos do «Cifs» — as palavras seguintes, com que o director geral dos desportos esmaltou o seu brilhantissimo discurso e que merecem ficar aqui arquivadas:

«Não há que temer as exigências da lei, há que compreendê-las, confiar-las em que na sua rigidez está já uma parte do triunfo final mas que só será completa se com ela colaborarmos os que sabem e querem ver estas coisas, estas grandes coisas da educação física. Proclamemos todos a campanha da gymnástica, do desporto, de todos os exercicios físicos, convençamo-nos todos das belezas do ar livre e da vida de campanha, integremo-nos na intelligência destas práticas em vista de objectivos mais altos do que os narcisismos individuais — e resolveremos o problema da saúde dos portugueses».

Ao encetar mais uma nova etapa da sua vida, «Stadium» saúda os seus estimados leitores, colegas da Imprensa e dedicados colaboradores

los, pois todos os obstáculos tinham desaparecido, havendo apenas um único obstáculo — o *keeper* — e esse mesmo, impotente, como se compreende, ante as condições que rodeavam a sua intervenção nêstes golpes decisivos do jogo. O jogo de *association* praticado no campo Augusto Leça foi aquêlle que se caracteriza por movimentos desconexos e desligados, aos repeões, uma fúria para logo a seguir o abrandamento.

O Salgueiros foi sempre dominado — de um modo geral. Quando, porém, atacou, embora sem convicção, conseguiu fazer ressaltar o desentendimento da defesa benfiquense (um aviso para a equipa quando tiver de defrontar *team* seu par), e pôr em relevo a falta que faz Albino no eixo do grupo. O melhor homem em campo, Francisco Ferreira, supriu, porém, todas as deficiências. E a vitória surge como natural resultante de uma superioridade que os factos revelaram.

Números cantam...

Na sua simplicidade, os números da *classificação geral* atraem, por varias razões, e até pela grande qualidade de permitirem toda a casta de interpretações. O volume dos pontos e dos *goals* engrossa nuns casos, noutros diminuindo. Assim acontece aos intérpretes: em-

quanto uns cantam, outros choram. É a vida ainal. Mas vamos à cantiga da semana.

Com 4 pontos — Atlético (2 vitórias, 7-2 em bolas).

Com 3 pontos — Benfica (7-2 em bolas); Vitória de Guimarães (4-3); Belenenses (4-3). F. C. Pôrto (5-4). Sporting (5-4 em bolas). Todos, e cada um, com 1 vitória e 1 empate.

Com 1 ponto — Vitória de Setúbal (1 empate, 1 derrota, 3-4 em bolas).

Com 0 pontos — Académica, (5-7). Olhanense (3-5). Salgueiros (1-10 em bolas). Cada um destes clubes com 2 derrotas.

Marcadores da 2.ª Jornada: Lemos (Académica) 3; Moreira (Olhanense) 1; Elói (Belenense) 2; Teixeira (Benfica) 2; Albano (Sporting) 1; A. Ferreira (Sporting) 1; A. Marques (Sporting) 1; Peyroteo (Sporting) 1; Correia (Porto) 1; Araújo (Pôrto) 1; Miguel (Vit. Guimarães) 1; Brioco (Vit. Guimarães) 1; Feliciano (Belenenses) 1; Pratas (Atlético) 1; Salvador (Olhanense) 1; Catrinana (Atlético) 1; F. Rodrigues (Vit. Setúbal) 1; Figueiredo (Vit. Set.) 1; Viana (Salgueiros) 1; M. da Costa (Benfica) 1; Júlio (Benfica) 1; Valadas (Benfica) 1; Montês (Vit. Setúbal) faz um *goal* nas suas redes.

O jogador Lemos, da Académica, segue à cabeça dos marcadores, com 4 bolas.

NA 2ª JORNADA
DO TORNEIO MÁXIMO DO
Futebol Nacional



BELENENSES-OLHANENSE: Salvador quis fazer "segunda" com o Dado. Mas o extremo direito algarvio arrebatou-lhe com uma "pedrada" oportuna e o esférico voltou saltitante nas redondezas.
(foto Nunes d'Almeida)



BELENENSES-OLHANENSE: A máscara de Abraão numa das suas arrojadas defesas de domingo *(foto Nunes d'Almeida)*



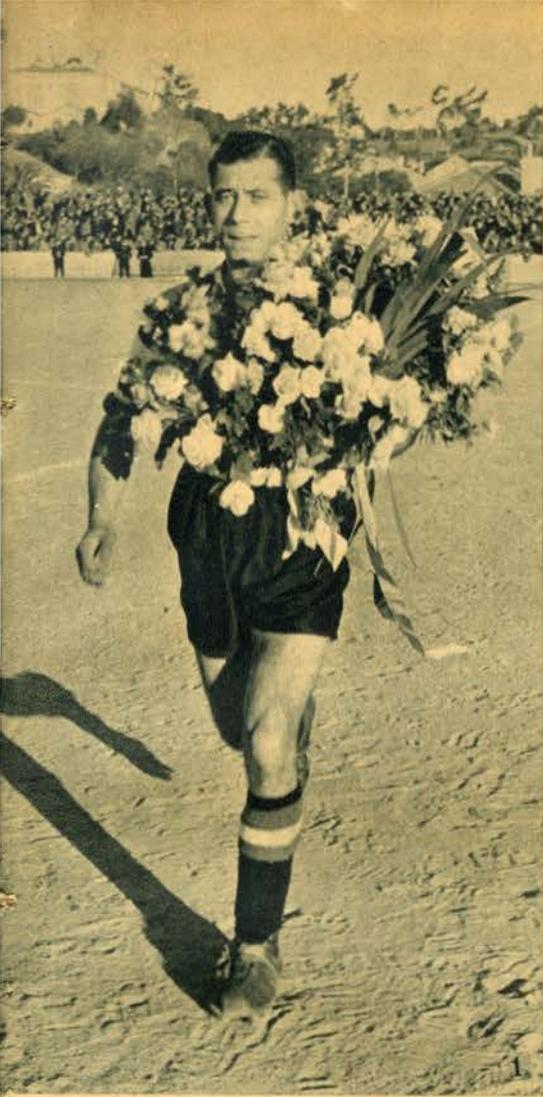
VITÓRIA (GUIM)-F. C. PORTO
Barrigana, novo "keeper" português, defendendo com acerto.
(foto Magalhães)



SALGUEIROS-BENFICA: A eterna energia de Teixeira *(foto Hermann)*



ATLÉTICO VITÓRIA (SET): Uma arrojada



A DESPEDIDA DE SOEIRO

A festa de despedida de Manuel Soeiro Vasques foi o acontecimento de maior interesse da última semana. As fotografias mostram o conhecido jogador (1) vindo do peão depois de agradecer os aplausos do público; as equipas do Luso e do Barreirense (2) que tomaram parte no festival; os abraços dos jogadores do Benfica (3) no momento de Soeiro deixar o terreno; a evocação dos seus tempos de atleta — a equipa de “Os Treze”, com Domingos Pinto, Helder Cunha, e Jacinto Duarte (4); os grupos alinhados em parada, com Soeiro à frente (5); o esforçado desportista recebendo as homenagens de pequenos admiradores (6).

(fotos Nunes d'Almeida)



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



A PÓS 52 semanas de incansável luta, de afadigosa tenacidade, a nova série de «STADIUM» entra no 2.º ano da sua existência como revista desportiva, feita por desportistas e para desportistas.

Não nos compete — nem o pretendemos — focar o que foi e o que representa o ano que decorreu na vida do nosso semanário. Outrém o fará, com mais direito, com mais conhecimentos.

Escrevemos pelo Pôrto, em nome desta cidade de trabalho, que recebeu «STADIUM» de braços abertos, que lhe concedeu as suas primazias, o seu carinho, através de palavras amáveis vindas de todos os sectores do desporto portuense — incluindo as dos nossos dedicados camaradas da imprensa cidadina e regional, aos quais queremos especialmente agradecer as amáveis referências que nos dirigiram várias vezes nas suas colunas.

São tôdas aquelas manifestações de simpatia que nos levaram a deixar aqui estas linhas, com as quais nada mais pretendemos do que concretizar o nosso agradecimento.

«STADIUM», revista feita para todos os desportistas — não é nunca demais dizê-lo vai prosseguir nas mesmas pisadas do ano findo, continuando a sua delegação no Pôrto a conceder ao desporto da nossa terra a mesma atenção que lhe tem dedicado até agora — porque batalha porfiada e desinteressadamente pela sua causa.

Seja-nos permitido também — no cumprimento de elementar dever imposto pela consciência — agradecer as inúmeras atenções e gentilezas que temos recebido dos nossos camaradas de trabalho da capital, da direcção e gerência desta casa, que constituindo um todo de homogeneidade indestrutível, são o exemplo límpido da mais sã e lídima camaradagem.

A todos, sem excepção — sem citar um nome só porque todos foram bons, sinceros e leais amigos — aos camaradas de Lisboa e Pôrto, às associações regionais, clubes e outras entidades a quem nos temos dirigido em serviço, e de quem guardamos impercível reconhecimento de gratidão, um muito forte e afectuoso **OBRIGADO!**

E. Reünidos, L. da

Rua Passos Manuel, 73

Telefone 4353 PORTO

R. S. João da Mata, 97

LISBOA

Ouvindo Alberto de Brito

activo presidente da Associação de Futebol do Pôrto
numa oportuna entrevista

QUANDO deixámos o sr. Alberto de Brito, activo presidente da Associação de Futebol do Pôrto, depois da entrevista que com ele tivemos, é que compreendemos bem o alcance das palavras que, a propósito da sua reeleição para tão alto cargo, nos disse Tavares da Silva, pelo telefone, de Lisboa, quando lhe transmitimos o resultado das votações.

«Continuador de uma dinastia de dirigentes», disse nos aquêlo nosso estimado camarada com tóla a prioriedade. De facto não sabemos de outra pessoa que, com mais tacto administrativo — e político — tenha ocupado a cadeira de presidente da A. F. P. Igual, sim, em determinada feição; melhor, não acreditamos.

Dizem o que tem sido a sua actualção vários aspectos da vida da colectividade de dirigente do futebol regional: financeiro, disciplinar, colaboracionista, etc.

Ouvimos o sr. Alberto de Brito a respeito de vários assuntos. Mantendo a sua figura de «gentleman», sustentando a conversa com afabilidade e lhaezna, sem hiperbolismos ilógicos, com apuro, inteireza de conhecimentos e justas apreciações, o presidente da A. F. P. «preendeu» o jornalista durante hora e meia, sem que de tal nos houvessemos apercebido.

Impunha-se ouvi-lo, por muitas razões. Entre ellas, como mais poderosa, a unanimidade de vistas dos delegados clubistas na recondução do nosso entrevistado para o mais elevado cargo do futebol distrital.

Do que ouvimos e dissemos, aí ficam, a largos traços, as passagens principais, uma vez que nos é impossível, por exigibilidade de espaço, desenvolver tudo que escutámos, tal qual desejariamos todos — leitores e jornalista.

Ao abordarmos o entendimento entre ele, presidente, e os seus restantes colegas disse:

— Não sou um presidente de gabinete, dos que só aparecem para recolher louros. Mas também não ofusco o trabalho dos meus colegas de gerência, escondendo o que muito de útil têm executado. Entre todos — manda a justiça que o diga — devo destacar Orlando de Sousa, estôdo perfeito e definido do secretário conhecedor, inteligente, criterioso e trabalhador. A Associação e os clubes devem-lhe muito do que de bom se fez na época transacta. Esquecer a actualção do eng.º Fernando Gaspar — o nosso financeiro — também seria erro grave. Bons camaradas ambos, diligentes como poucos. Verdade que temos tido a ajuda dos funcionários, homens de «tirar o casaco», quando é preciso desde o Leonel ao Fernando.

— Das relações entre a Associação com a Federação e Direcção Geral, que nos diz?

— As mais amistosas possíveis. Colhi acerca do dr. Vergílio Paula ótima impressão. Tenho recebido do secretário geral da A. F. P. as mais inequívocas demonstrações de estima. Devo afirmar o mesmo do delegado da C. G. D., sr. Mário de Carvalho, com quem tenho estado em contacto por várias vezes, continuamente bem e com o melhor acolhimento da sua parte. Além disso, somos eminentemente disciplinados. Acho que a D. G. D. veio preencher uma lacuna que se fazia notar enormemente no desporto nacional.

— A situação financeira mantem-se?

— Indubitavelmente. Penso até que, no final da época, teremos resultados muito animadores, mais expressivos em números do que os da gerência finda. Tanto assim que penso adquirir, êste ano, um ficheiro que nos deve custar um bom par de contos...

— E sobre o aspecto disciplinar nos campeonatos?

— Muito bom. A título meramente informativo, devo acentuar que, até hoje, não obstante estarmos a disputar ainda um campeonato — o

da 3.ª divisão — e com dois já completados, ainda não entrou na secretaria um único protesto.

Abordámos, em seguida, a circular da F. P. F. sobre a assistência médica aos jogadores. Ouvimos a sua opinião e anotámos:

— Há tempos, em conversa com Jorge Vieira, sugeri a transformação do Congresso da Federação numa espécie de «Câmara do Futebol Nacional». Nela teria ingresso um representante dos jogadores, que defenderia os seus interesses, pugnando pela sua protecção, em especial com a criação de uma «Caixa de Previdência» que garantisse o jogador contra as consequências de acidentes sobrevindos em campo. Como eleger esse representante? Isso seria assunto a regular, por legislação especial.

— Evitar-se-iam muitos «esquecimentos» — interrompemos.

... aquêles que resultam do desaparecimento do jogador dos rectângulos. Quantos, após tantos anos de glória, de serem apregoados aos quatro ventos, conhecem, depois, o amargor do olvido dos seus sacrifícios, alguns «tocados» para toda a vida...

— E quem julgaria apto para desempenhar êsse papel de defensor dos jogadores?

— Sem hesitar apontaria um nome: Ribeiro dos Reis. Ninguém como êle está mais indicado para êsse fim.

E a concluir preguntámos ainda:

— Há mais alguma coisa em organização?

— Temos o campeonato regional de juniores. A F. P. F. atendeu o nosso pedido, quanto à data das inscrições. Vamos, portanto, abrir a admissão dos concorrentes, para pôr mãos à obra.

Sabemos que o nosso entrevistado está na direcção da A. F. P. como representante do F. C. do Pôrto. Por isso inquirimos.

— Que pensa do grupo campeão do Pôrto?

A resposta sai um pouco iludida — e assim ouvimos:

— Camilo é um grande defensor. Soube há dias os anos que tem: 28... É pena, porque arriscaria um prognóstico...

— Internacional?...

— Possivelmente... Por que não? Daqui a duas épocas... — disse, sorrindo.

Claro que mais coisas se disseram. Mas essas ficam entre os dois amigos, porque foram para amigos...

MÁRIO AFONSO

NOTAS... SEM VALOR

MAIS uma etapa da «Stadium»! É acontecimento de muito júbilo, de contentamento festivo para a «família» da casa e muito especialmente para o «bloco» da equipa redactorial. Um modesto colaborador do norte, sente — e muito — não estar presente na reunião da «gente» da revista. Cumpre apenas, neste simples comentário, que serve, por assim dizer, de abertura, testemunhar a sua simpatia à boa camaradagem de Mário Afonso, um companheiro de longos anos — dos primeiros passos da minha «iniciação» no jornalismo desportivo.

— Não cafu bem, pelo menos nos representantes da 2.ª Divisão da Associação de Futebol do Pôrto no campeonato nacional, a «sugestão» do ingresso do Sport Clube de Vila Real.

A «discordância» dos portuenses, nas várias modalidades, foi unânime...

— Nos três projectos discutidos, não houve «possibilidade» de encaixar o campeão de Trás-os-Montes. A 1.ª Divisão, unida, por conveniência clubista, bateu o «pé» — procurou afastar, por tôdas as maneiras, a sua perma-

ANTÓNIO SOARES, o internacional gaiense

[fale para a «STADIUM»]

O tempo lança no olvido, ano após ano, nomes que retumbaram através das páginas dos jornais, nomes feitos no desporto e que lhe deram todo o vigor da mocidade, todo o alento do seu coração moço.

Assim, como que obedecendo a um dogma, pers-nagens que viveram uma época de glória, e tiveram passado valioso, são, um a um postos à margem, esquecidos, e dêtes nada mais resta senão a lembrança—para êles—de uma vida de luta e emoções, de canceiras e anciedade.

Entre os desportistas nortenhos que mais nome deram à sua terra—Vila Nova de Gaia—um existe que, até o dia de hoje, não teve quem o igualasse em valor futebolístico: António Soares.

Quis o acaso que tivéssemos encontrado êste simpático desportista, adregando de falar no estado actual do no-so desporto.

Eis-nos a falar também dos seus tempos, «desses belos tempos» de há alguns anos, quando o «eu nome corria em paralelo com outros de subido valor no futebol português.

E, ao recordar a sua carreira brilhante, António Soares confidenciou-nos:

—Desde 1922 a 1941 espalhei a minha actividade por diversas modalidades desportivas. Numa brilhei mais do que noutras... Entretanto, pratiquei, com vontade e dedicação, atletismo—que todos os praticantes de futebol deveriam cultivar—«basket-ball», ténis de mesa e, está bem de ver, para não fugir ao hábito da época, a bola...

—Quantos anos tinha quando começou a sua carreira desportiva!

—Era «miúdo», talvez 13 anos, no antigo Grémio Prosperidade do Candal, hoje, como sabe, Clube Desportivo do Candal. O meu único clube porque eu sou, neste capítulo, como alguns dos meus camaradas—conservador!... Tinha 16 anos quando, pela primeira vez, me exhibi em categorias de honra. Que alegria a minha!

—Em que lugar gostava mais de jogar?

—O mais adequado ao meu feito era o de avançado centro; no entanto, passei por todos os da linha de ataque.

nência nas suas séries do Pôrto. O representante do Leixões, A. Guerreiro, foi mais longo; com uma proposta, aprovada pelas duas divisões, deixu o terreno livre à direcção da Associação de Futebol do Pôrto.

—A crise do Futebol Clube do Pôrto, na sua equipa de honra, no lugar de guarda-redes, é evidente... Mal servido pelos dois mais cotados—Bernardo e Soares dos Reis 2.º—o F. C. do Pôrto, por informações particulares, «descobriu» o «furo»—mandou vir de Luanda, para fazer um «exame» completo, um jogador africano...

—Foi o próprio treinador do Salmgueiros, Maria Silva, que revelou o «epi-ódio» a possível deslocação de Barcelona para Portugal de um dos cinco argentinos que estão em Espanha, em regime de «estágio». Sem os compromissos desportivos impostos pela regulamentação do país vizinho, podem jogar no Salmgueiros...

—O «célebre» árbitro do Académico—Ramaldense, Avelino Lourenço, não teve a menor responsabilidade na «brincadeira» do campo da Constituição, num dia bastante festivo no burgo tripeiro—dia de S. João A Comissão Distrital dos Árbitros, agora «timonada» por Manuel Monteiro e Crispim dos Santos Pinto, liquidou o incidente do seu filho.

—Muita «poeira» no desporto-rei com o «desejo» do reaparelamento de um jogador de primeiro plano, muito «causticado» nas mexas do centro de cavaco... A «vontade» é muita—de uma das facções clubistas...

—O Pôrto Académica de Coimbra foi um bom «prato» para os portuenses—como espectáculo desportivo. O estádio do Lima tinha, de facto, uma coisa fora do «hábito» futebolístico—muito público, sem dificuldades de lugares. A «cifra» é agradável para as duas colectividade...

—E um dia, internacional, não foi assim? —preguntámos.

—Foi contra a Itália, em 12 Abril de 1931, no campo do Lima. Por sinal perdemos por 2-0. O resultado aborreceu-me, como se compreende. Gostaria mais que tivéssemos ganho... A nossa selecção alinhou, primitivamente, com Artur Augusto, Carlos Alves, Avelino Martins, Camarão, João de Oliveira, Álvaro Pereira, Waldemar, Pinga, Vitor Silva, A. Martins e Nazaré. Na segunda parte, João dos Santos substituiu Armando Martins, por



ANTÓNIO SOARES

êste se ter magoado. Camarão e Nazaré, que estavam dando pouco rendimento, foram também substituídos, por José da Silva e por mim.

—Gostou do conjunto italiano?

—Grande grupo! Mas os que mais me impressionaram foram Calligaris, defesa direita—com quem batalhei—Ferraris, médio centro, e o veloz Orsi, o perigosíssimo extremo esquerdo.

—E seleccionado?

—Fui escolhido para jogar contra Setubal, Lisboa, Coimbra, quer em jogos civis, quer militares, e até mesmo contra Madrid. Também joguei pela selecção portuense contra o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Encontro que se efectuou na Povoa do Varzim.

—Dias felizes, a par de tardes aborrecidas que também conta...

—Como todos os jogadores. O mais alegre dia para mim foi aquele em que o Candal ingressu na 1.ª divisão, batendo o Boavista, no campo do Ameal, por 3-2; a tarde mais triste—aquela em que descemos, do novo, à II divisão vencidos pelo mesmo clube...

Um olhar perdido, fitando o passado, e uma

O campo de jogos

do F. C. PÔRTO

DATA de há uma boa meia dúzia de anos a ideia posta em marcha para a construção do parque de jogos do campeão portuense.

Acolhida sob os mais ardentes auspícios e embalada pelas melhores esperanças, essa ideia tem prosseguido quasi só com aspecto místico, pois a dura realidade dos factos não permitiu ainda materializar o pensamento dos seus autores.

Embora haja sido constituída uma comissão destinada a dar realidade a êste sonho, o tempo tem decorrido, e, a não ser a aquisição do terreno para o futuro campo, feito em condições que não pretendemos discutir, especialmente sob o aspecto local, pouco mais tem progredido, mantendo-se no mesmo arrendário, entravada a sua efectivação por diversos motivos.

Dadas as contingências especiais da hora presente, em que tudo nega as possibilidades da obtenção do que poderemos chamar decisivo factor na vida do F. C. Pôrto, o clube «azul-branco» vê-se na obrigação de recorrer a campos estranhos para poder efectuar os chamados «jogos grandes» do campeonato máximo ou da «Taça de Portugal», em virtude das péssimas condições de acomodação de público no seu actual terreno.

No entanto, quando se pensou dotar o F. C. Pôrto com um parque de jogos digno da sua categoria e da cidade da qual usa o nome, as condições da vida eram muito outras e as facilidades diferentes. Pena foi que a sua realização não passasse das circulares de propaganda para o campo das certezas.

Teve e tem o F. C. Pôrto condições como nenhum outro para possuir um terreno de jogos de categoria; dentro da sua falange de associados existem pessoas com disponibilidades para o fazer, tanto mais que o capital empenhado na obra poderia ser garantido por qualquer forma, sem prejuízo até dos naturais interesses do dinheiro empenhado.

Se, em vez de se andar com comissões, se entrasse na prática, adquirindo terreno em sítio próprio, ou comprando algum já mais ou menos adaptado, as «desões» teriam aparecido, atraídas pela consubstanciação de um sonho, que seria então uma realidade.

Não havia quem se abalancasse à sua construção? Certamente que sim. Por que não se

(Conclui na pág. 35)

emoção, indicam-nos que a pena ainda existe latente.

—E agora?

—Agora, procuro fazer, como dirigente, tudo quanto me seja possível para não desmentir o meu amor pelo Candal, o clube que tenho defendido como se fosse qualquer coisa de íntimo, um pedaço de mim mesmo...

Temperamento de atleta voluntarioso, António Soares, que foi um ídolo nos campos de futebol, continua agora, mais na sombra, lutando, perseverante, pelo seu clube, o mesmo de sempre!

GABARDINES

EM TÓDAS AS QUALIDADES E MEDIDAS

POR MENOS 30 A 50 %.

O MAIOR DE TODOS OS SORTIDOS

CASA INGLESA

No PÔRTO:

Rua de Santa Catarina, 84
(Esquina da Rua Pessos Manuel)

Em LISBOA

Rua de Santa Justa, 95-1.º
(Esquina da Rua do Ouro)

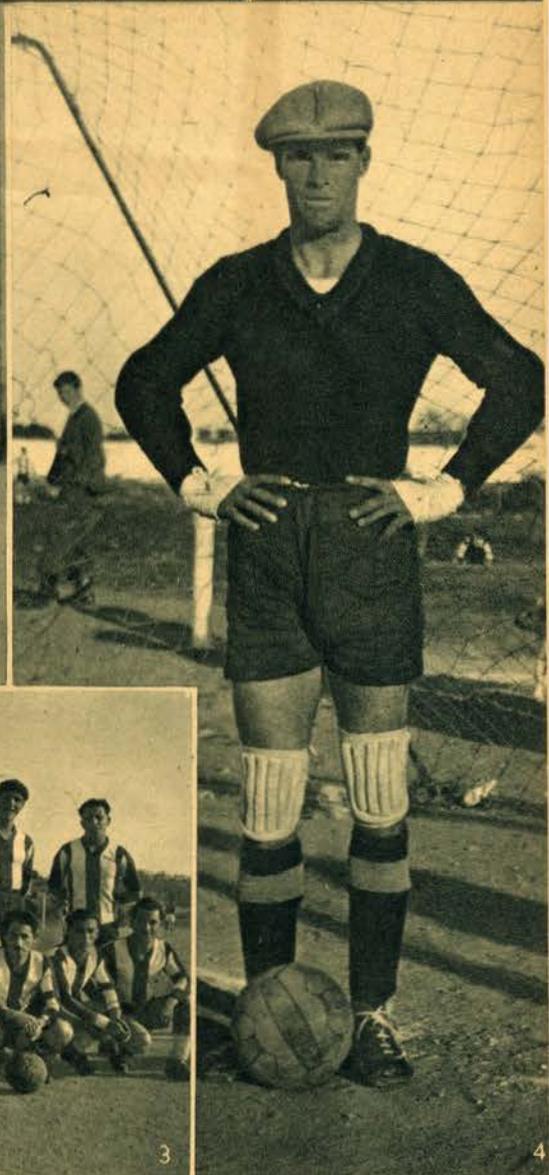
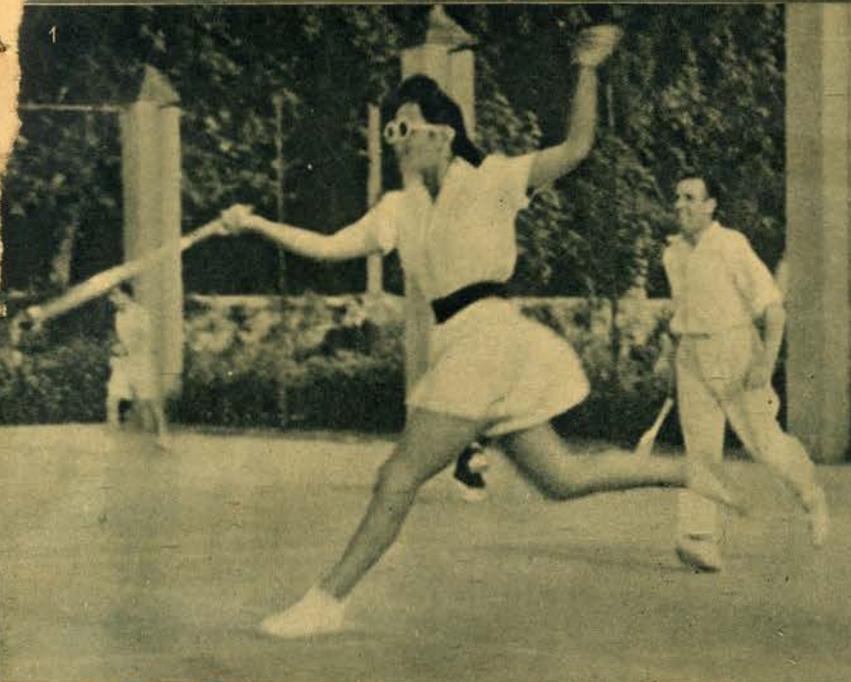
Stadium na Capital do Norte



1 — O presidente da Associação de Futebol do Porto, sr. Alberto Brito, fala à "Stadium", (ler entrevista na habitual página do Porto); 2 — Alexandrina Pinto, instrutora de natação do Feminino A. C., que nos concedeu igualmente uma entrevista, publicada noutro lugar; 4 e 5 — A actividade do ginásio "Armando Tschopp", do Sport Clube do Porto; 5 — No campeonato do bilhar de 1.ª categoria: a partir da esquerda, António Teixeira, Alvaro S. Carvalho (árbitro) e Joaquim Rebelo; no 2.º plano, eng. Abel Lehman, presidente do júri, e dr. Raúl Gonçalves, presidente do Club Portuense dos Amadores de Bilhar; 6 — Durante a partida entre Rebelo e Teixeira; 7 — Campeões de bilhar: a partir da esquerda, J. Ferreira Alves (3.ª cat.), Francisco Soares (4.ª cat.) Alexandre Urbano (5.ª cat.) e Manuel Braga (2.ª cat.) (fotos Hermann)



PORTUGAL DESPORTIVO



1 — Mika Botez e J. Pinto Basto, o par que mais se distinguiu nos últimos torneios de tennis das Caldas da Rainha; 2 — A equipa do Sport Lisboa e Faro; 3 — A equipa do Louletano Desportos Clube; 4 — O guarda-redes do Louletano, Duarte, considerado um dos melhores do Algarve; 5 — O "team", de futebol da União Resineira Portuguesa (Ermeziñde), constituído por empregados e operários da aquela sua fábrica, acompanhado de A. Vasco Miranda, seu grande animador



(Conclusão da pág. 12)

CARMEN RODRIGUES

LUIS HOWORTH

Todos a estimam, como apreciam a sua grande amizade pelos caspianos. Por isso os caspianos lhe dedicaram uma festa de homenagem durante a qual, a par de sinceras e amigas palavras de agradecimento, descerraram o seu retrato numa das salas da sede e a envolveram em flores — gentileza simples, buscando premiar as suas consecutivas provas da dedicação e puro entusiasmo pelo Casa Pia.

Carmen Rodrigues permitiu que a entrevitássemos. Palavras rápidas que ficam a assinalar a homenagem prestada a uma grande entusiasta do desporto.

— A minha simpatia pelo Casa Pia? É muito antiga. Sócia do clube há 19 anos, sigo a sua vida há uns 22. Ainda menina, a mão de meu padrinho levava-me a ver jogar o Casa Pia. Desde então nunca mais abandonei o meu clube preferido. Com ele vivo todos os seus momentos felizes e de incerteza. Recordo com saudade os tempos aureos que o clube disputou no desporto nacional e jogou res como Pinho, Guedes, os Grahs — e tantos outros!

— O Casa Pia de hoje?

— Sofre as consequências de um período de menos interesse que ao clube votaram os caspianos. Mas há de re surgir e voltar a ser o antigo Casa Pia, de tão honro as tradições no desporto português. É preciso que volte à 1.ª divisão da A. F. L. — o lugar que merece, pelo seu passado. Que o ajudem todos os caspianos e o seu clube responderá com firmeza!

— Mas, mesmo assim, considera que a situação do Casa Pia A. C. melhorou nos últimos tempos?

— Absolutamente. Os novos dirigentes estão empenhados em dar ao Casa Pia tudo quanto ele require para ser o grande clube que tem direito a ser. A secção de futebol já se ressentiu da nova orientação. Não quero isto dizer que os anteriores dirigentes se desinteressassem da sua missão, mas, talvez mais bem escolhidos, os actuais estão melhor preparados para ampararem o Casa Pia no momento em que é de todo preciso arrancá-lo à inércia em que o temos visto.

— Para o futebol, o Casa Pia tem belos elementos. Pode-me dizer se que possui matéria excelente para fazer jogadores?

— A posição do clube no campeonato?

— É infeliz. Merecíamos melhor situação. Pelo que temos feito no decorrer da prova, o 3.º lugar era o indicado.

— Qual a sua opinião sobre as medidas a adoptar para auxiliar o C. P. A. C.?

— A principal é interessar todos os antigos alunos da Casa Pia na vida do clube. Oxalá que cada um dêles, em relação aos outros, tome a seu cargo esta missão. Além disso o Casa Pia não serve só para jogar a bola. Pode-se atribuir-lhe missão tão útil! Porque não há-de todos os caspianos auxiliar o seu clube, ajudá-lo a viver existência desportiva e social que traduz todo o valor e prestígio da Casa Pia? A família caspiana deve unir-se em volta do seu clube. Conseguir-se-á então juntar o útil ao agradável: o útil pela acção benéfica que pode resultar da união de todos os antigos alunos; o agradável pela vida desportiva e associativa que o clube pode proporcionar.

Carmen Rodrigues é uma desportista praticante. Jogou «basket-ball» no 1.º team feminino do Benfica e actualmente representa o Casa Pia no tiro reduzido, modalidade em que tem obtido excelentes classificações.

Sobre a homenagem que lhe promoveram os jogadores do clube, diz-nos:

— Uma amabilidade que muito agradeço. São belos rapazes, que muito estimo. No entanto, a melhor prova da sua amizade foi responderem ao pedido que lhes fiz antes do jogo com o Marvilense: conseguiram a necessária vitória... Os 21 d'este jogo foram o melhor prémio que me podiam ter oferecido!

sante seria por isso arquivar a sua opinião quanto às características das duas modalidades.

— Em minha opinião, o tiro reduzido é a melhor escola, a mais perfeita que o atirador pode frequentar. São tantos os pormenores que o atirador tem de observar, desde que se instala na banqueta até ao primeiro disparo, que, estudando-os, terá conseguido o necessário para se fazer um bom atirador. Essas dificuldades, aumentadas pelo tamanho do alvo, obrigam-nos a um treino completo.

«Por isso, encontrei mais dificuldade no tiro reduzido do que na arma de guerra», onde simplesmente senti a necessidade da adaptação em face da diferença de calibre da arma.

«O tiro reduzido considero-o como a magnífica escola de formação. Dela podem e devem sair bons atiradores civis portugueses. O que aprendi nesta modalidade foi mais do que suficiente para praticar o tiro de guerra.

Luis Howorth, que continúa a representar o Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo, treina-se agora com entusiasmo no tiro de pistola. De facto, os bons resultados obtidos na prova a que concorreu por ocasião das festas do 50.º aniversário da S. T. n.º 2, foram tentadores...

Confessando-se-nos da mesma forma dedicado às provas de tiro reduzido, Luis Howorth deu-nos uma opinião sobre as nossas carreiras, que merece ser reproduzida:

— Seria interessante que as provas de tiro reduzido se efectuassem de dia, ou em carreiras absolutamente iluminadas, de forma a evitar a dificuldade que o atirador encontra quando se instala na banqueta. No recinto das nossas carreiras a escuridão é completa. Luminado — só o alvo. Por isso o atirador, ao iniciar a prova, fica com a vista prejudicada quando recebe o forte jacto de luz que vem do alvo e se projecta na escuridão. Os nossos olhos são massacrados, dificultando-nos de começo a prova.

«Os dirigentes devem ter sempre presente a questão da luz nas carreiras de tiro reduzido, luminando-as suficientemente, arrancando-as ao negro em que actualmente são envolvidas e fornecendo-lhe luz suave e bem distribuída. É isto para evitar que os atiradores se formem por um lado e se prejudiquem por outro... Por mim, evito tanto quanto possível o tiro feito em tais circunstâncias».

Pedi-nos ao esforçado atirador outra opinião: a necessidade de se fundar a associação regional da modalidade de...

— É absolutamente necessária e útil, portanto, que ela se consiga. O desenvolvimento da modalidade impõe cada vez mais que surja uma entidade oficial para orientar o tiro reduzido. Por agora, este desporto está unicamente entregue à boa vontade dos clubes que o praticam. Devia pensar-se a sério na sua regulamentação. E quanto antes, para evitar que se enverede por mau caminho... Até agora, o entusiasmo dos praticantes tudo tem facilitado. Mas convém pensar no futuro...

Para fechar, Luis Howorth fornece ainda duas opiniões, a nosso pedido:

— Entre os atiradores que mais admiro destaco Joaquim Ramalho Sampaio, da S. T. n.º 2; Antero Lopes e Guilherme Guedes, do Benfica, e D. Maria Aquino de Brito, do Sporting, que já apreciava antes de os acompanhar na disputa de torneios. Mas há, evidentemente, ainda outros, que considero tão bons como estes...

«As duas modalidades de tiro, o reduzido e o de guerra, têm agora conjuntamente a minha simpatia. Em qualquer delas procurarei manter o que sei — e fazer melhor, dentro das minhas possibilidades. É o meu desporto predilecto, ao qual me entrego com prazer!

Estava satisfeita a nossa curiosidade — com a certeza de que o tiro nacional conta com mais um elemento de real valor.

FERNANDO SA

Homens de amanhã

OS CONCURSOS E CAMPEONATOS DA M. P.

na época 1943-44

AO dar início à actividade que vai desenvolver durante o ano lectivo de 1943/44, a «Mocidade Portuguesa» tem já os seus trabalhos elaborados com a costumada meticolosidade.

Nada é improvável ou resolvido à última hora. Pelo contrário. Tudo segue o programa traçado de antemão, tudo tem desde já, com maior ou menor precisão, a sua data marcada.

A «Mocidade Portuguesa» organiza duss espécies de competições: os concursos e os campeonatos. Os primeiros, que são seis, compõem-se:

Distintivo colectivo de gymnastica — destinado a estimular o gosto pela gymnastica nos diferentes Centros e nas várias escolas e que será concedido a todo o filiado que, fazendo parte de uma classe de qualquer Centro, execute perante o juri um esquema traduzindo possibilidades físicas normais, de acordo com a idade dos elementos que constituem a referida classe.

Distintivo de gymnastica especial — destinado a premiar os filiados vanguardistas e cadetes cujas possibilidades físicas gymnastas ultrapassam as normais.

Concurso de gymnastica da «M. P.» — que compreende duas fases: a primeira para a selecção das melhores classes, uma por cada escola das várias provincias; a segunda destinada a apuramento da melhor classe em cada um dos escalões de todo o país.

Provas de Insignia Desportiva — que têm por objectivo desenvolver o gosto pelos exercícios físicos desportivos nos filiados e dirigentes, segundo a orientação doutrinária da educação física praticada na «M. P.» Nelas podem tomar parte duas categorias de concorrentes (filiados com mais de 16 annos e dirigentes), constando de diversas provas de natação, atletismo, tiro, etc.

Provas de Insignia Desportiva Especializada — natur l consequência e progressão da «Insignia Desportiva», só poderão concorrer os filiados ou dirigentes que possuam aquela «Insignia» há mais de três meses. Compreende quatro categorias — de ferro, bronze, prata e ouro — e pode ser disputada no mesmo ano lectivo numa ou mais modalidades.

Pentallo da «M. P.» — cri do para os filiados do escalão de cadetes, como meio de propaganda da educação física e de práticas tidas como indicadas na preparação pre-militar da juventude. Compreende a disputa obrigatória das seguintes prova: Natação — 100 metros, estilo livre; Tiro — 20 tiros, de pé, a 10 metros com a arma adoptada na «M. P.»; em 4 séries de 5 tiros; Marcha de orientação — 5 quilómetros; Lançamento da granada de mão; Corrida — 1.000 metros.

Como facilmente se compreende, cada um destes concursos tem a regulá-los um conjunto de disposições regulamentares próprias, cuja referência pormenorizada se nos torna impossível. O que fica é, no entanto, suficiente para se aquilatar da actividade da «M. P.» neste aspecto do seu labor.

Indiquemos agora os campeonatos: Em Março, os de futebol e «hand-ball»; em Abril, o de esgrima; em Maio, os de atletismo, hipismo, ténis, tiro, «volley» e «basket-ball»; em pleno estio, o de natação.

As datas serão oportunamente designadas em cada ano. E, claro está, cada um destes campeonatos tem também o seu regulamento próprio.

Dada, em dois trechos, esta vista de conjunto pelo programa dos concursos e campeonatos da «M. P.» — que acompanharemos tão de perto quanto possível — lembremos que para néles se participar é necessário possuir robustez e aptidão física julgadas satisfatórias pelo «Centro de Medicina Desportiva da M. P.», ou pelo médico da Ala, em conformidade com as directivas deste Centro.

MONTUFAR BARREIROS E A ESGRIMA EM PORTUGAL

AOS nossos escritores, regra geral, não interessam — ou interessam pouco! — as questões ligadas ao desporto. Por isso, quando aparece qualquer coisa no género, é sempre com alvoroço que os desportistas a recebem.

Ultimamente, o ilustre filólogo prof. dr. Agostinho de Campos — mestre consagrado em assuntos de linguística — tem desenvolvido, nas colunas do «Diário de Notícias», temas verdadeiramente interessantes á-cérca da maneira de dizer-se algumas expressões usadas no desporto, e que, a-pesar de importadas do estrangeiro — como o «ping-pong», o «tennis» e o «basket-ball» — podem e devem mesmo ter adaptação melhor em língua portuguesa. É natural que alguns dos seus leitores estejam em desacôrdo com as palavras do mestre; mas a verdade é que constituem preciosas e algo proveitosas lições...

De resto, não é este o assunto que interessa de momento, mas sim outro de mais valia, ao qual vamos reportar-nos. Trata-se de um trecho de um livro do dr. Bettencourt Rodrigues, da Academia de Ciências e do Instituto de Coimbra, nosso antigo embaixador no Rio de Janeiro e escritor ilustre. O dr. Bettencourt Rodrigues, contemporâneo de João Penha, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Bernardino Machado, Cândido de Figueiredo, Magalhães Lima, conde de Monsanto, Gomes Leal, Garcia Redondo e outros — que todos foram seus discípulos em Coimbra — apresenta-nos, em um dos seus inúmeros livros, «Por estradas e atalhos», um capítulo curiosíssimo de referência á prática de desportos, em especial á prática da esgrima.

E porque, realmente, esse trecho escrito há treze anos tem, a-pesar de tudo, actualidade e interesse, transcrevemo-lo na íntegra.

Eduardo Montufar Barreiros foi um dos vultos mais em destaque de uma brilhante pleiade de rapazes muito em evidência na sociedade portuguesa do último quartel do século XIX, pelo seu mundanismo elegante e cortês e pela nobre maneira como praticamente mostravam não serem os exercícios físicos incompatíveis com o mais esmerado cultivo da inteligência.

Se a diplomacia portuguesa e o Estado, que por tantos anos serviu, muito sentiram, ao vê-lo baixar ao túmulo, a perda de um dos seus mais prestimosos funcionários, não foi menos sentida a sua falta nas nossas salas de armas, onde, empunhando o florete ou a espada, como atirador exímio, mais do que nenhum outro contribuiu para o desenvolvimento da esgrima em Portugal.

Como funcionário público, foi secretário geral do ministério dos estrangeiros e director geral dos negócios comerciais e consulares, tendo prestado ao país, no desempenho desses dois altos cargos, os mais relevantes serviços. Mas em nada as suas funções burocráticas prejudicaram as suas tendências e aptidões desportivas.

Caçador emérito, com justiça lhe poderiam ter sido outorgadas as honras da cruz, numa célebre caçada, na Tapada da Ajuda, oferecida por el-rei D. Luis ao marechal MacMahon.

Tendo percorrido quasi toda a nossa provincia, batendo o vale e a serra, em frequentes e extensas excursões venatórias, publicou um livro — «A caça» — onde as qualidades do escritor, no descritivo da paisagem, ou na narrativa de uma anedota, vão de par com a arte e a ciência do atirador, revelada em valiosos conselhos e preceitos, resultantes de uma bem aproveitada experiência.

Esgrimista, foi-o, e dos mais destros e seguros. Por muito tempo se falou em Madrid no seu famoso assalto com o marquês de Heredia, e não menos brilhante foi o que realizou em Lisboa, no salão do Grémio Literário, com o insigne pintor francês e notável esgrimista Carolus Duran.

Alto, desempenado e forte, caminhando sempre de cabeça erguida e a passo largo, não havia em Lisboa quem o não conhecesse, porque era uma dessas figuras de distincção e realce, que logo nos prendem o olhar quando as vemos atravessar a rua, por entre a multidão incarcacterística.

Foi Montufar Barreiros, como discípulo do mestre de armas francês Henry Petit, o principal fundador do Centro Nacional de

Esgrima e o que mais eficazmente contribuiu para o renascimento da esgrima em Portugal, que tão descuidada e esquecida ia sendo, em contraste com o ardor e brilho que por vezes se exerceu, não já em épocas pouco remotas, mas em afastados tempos, bem distantes, como nos fins do século XV e começos do século XVI.

Consultando a interessante documentação coligida por Sousa Viterbo no seu belo livro sobre a «Esgrima em Portugal», vemos que, em princípios do século XVI, já a ela aludia, em uma interessantíssima página, que bem pode servir para a história da especialidade, o nosso grande Gil Vicente.

É no «Auto da Barca do Inferno», e é, nada mais, nada menos, do que uma lição de esgrima.

«Quem é o professor? Um frade; frei Capacete, que eruz a sua espada com o diabo, arrais da barca do inferno. Gil Vicente, o exímio caricaturista do frade, que tantas vezes exhibe a sua figura grotesca para o ridicularizar — oh suprema ironia! — perante uma corte que ainda supomos devota e fanática, apresenta-nos desta vez o tonsurado, não palaciano e mesureiro, mas brigão e esgrimista. — (a) Sousa Viterbo.

Vejamos agora o mestre e a lição:

DIABO — Ó padre Frei Capacete
Cuidei que tihieis barrete.
FRADE — Nabei que fui da pessoa
Esta espada é roloa
E este brequel roloa.
DIABO — De vossa reverência lição
De esgrima, que é coisa boa.
FRADE — Que me praç demos caçada (Esgrima)
Estão logo em contra faz,
Um pendente, ora sus;
Este é a primeira levada.
Alevantai a espada;
Metei o diabo na cruz,
Como o su agora puz.
Sai é a espada rasgada
E que fique anteparada.
Talho largo, um revés;
E logo colhér os pés,
Que todo o al não é nada.
Quando o recolher a tarda
O ferir não é prudente,
Eia, sus, mui largamente
Cortai na segunda guarda,
Guarde-me Deus de espargarda,
Ou de varão denodado;
Mas, aqui estou guardado
Como a palha na alabarda.

Gil Vicente dá-nos ainda outro tipo do espadachim provocador e gabarola, no «Ferão Brigoso», da farça do «Juiz da Beira».

É ele mesmo quem nos refere, chio de basófia, as suas extraordinárias proezas:

Rem basta a um homem só
Saltarem com ele cinco
Mas quatorze! — não é brinco!
Porém sacudi-lhes eu o pé,
Como soio quando arrinco,
Seis deles não escaparam,
Que vão muito acutilados;
Os cinco vinham armados,
Feitos malha de Milão,
Os três traziam rellouças
E o coração de S. Leão,
Dizia eu dando chão:
Oh! braço, quão baixo ficas.

E digam-me se não há, neste espadachim fanfarrão, algumas acentuadas parências com esse outro Ferrabraz, brigão e poeta, Cirano de Bergerac?

Mais tarde, já no século XVII, ainda nos aparece a figura do mestre de esgrima, no «Auto do Fidalgo Aprendiz», de D. Francisco Manuel de Melo, que no-lo pinta com «grandes guedelhas, colete de anta, espada muito comprida e embuçado como valente».

MESTRE — Seja a primeira lição
que desta arte se vos dá,
que andeis ligeiro de pé
muito mais do que da mão.
GIL — Tá! tá! escutai a prosa
que eu sei que sois de primor.
MESTRE — Logo os pés hav'reis de pôr...
GIL — Já sei...
MESTRE — Onde?...
GIL — Em polvorosa.
MESTRE — Depois dessa entendi logo
que em vos chegando a puxar
ao ponto, haveis de tomar...
GIL — Já sei... as-de-vila-Diogo!
MESTRE — Dai dois talhos ao giolho
como quem faz redemoinho,
GIL — Mestre, jogai de mansinho,
que me vasareis um olho.

E aqui vemos, no século XVII, D. Francisco Manuel de Melo, precedendo Edmond Rostand, no arranjo e efeitos teatrais de uma cena, que muito nos lembra a do duelo, no primeiro acto do «Cirano».

São igualmente dignos de nota, como atestado o gosto pela esgrima em Portugal, os seguintes livros da especialidade, mencionados por Viterbo:

«Memorial da prática do montante», por Diogo Gomes de Figueiredo, «mestre na ciência das armas do Sereníssimo príncipe D. João IV. A edição é de 1651.

«Tratado das lições da espada preta», Tomás Luis, rei de armas, 1685.

«Espada firme, ou firme Tratado para o jôgo da espada preta, e branca», por Manuel Martins Firme. Ano de 1744.

Há ainda, entre outros, os de Rodrigues de Carvalho — «Breve resumo do jôgo do florete, em diálogo» — 1804, e o de Nandim de Carvalho — «Manejo e esgrima de sabre naval» — 1878.

O último em data é o do actual e festejado mestre de armas António Martins — «Manual de esgrima para uso do exército», com illustrações de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro. Lisboa, 1895.

E já que falando de António Martins, o destro e perito professor, que formou toda uma geração de esgrimistas, e justo não esquecermos os nomes dos dois mestres de armas franceses, Capon e Petit, que o precederam na carreira e que, formando escola, muito contribuíram, em fins do século XIX, para o desenvolvimento da esgrima em Portugal. Desde então até hoje, a bela e nobre arte das armas atingiu, entre nós, um tal grau de cultura e progresso que a coloca a um nível, se não igual, não muito inferior aos dos principais centros de esgrima do estrangeiro. O florete, a arma académica, foi cultivado por amadores distintos, entre os quais se destacaram M. Gustavo Bordallo Pinheiro e Sebastião Heredia, para apenas citar os mais antigos. No campo dos mestres, António Martins, Carlos May, Carlos Gonçalves, Remédios da Fonseca, Luis Martins, Sousa Magalhães e Veiga Ventura. Muitos destes honraram a esgrima portuguesa, cruzando o ferro com celebridades como Mérignac, Kirchoffer, Pini e Comte.

Modernamente, em que o florete parece ter sido definitivamente e vantajosamente substituído pela espada, arma de combate e não de simples torneio, a esgrima ainda mais se desenvolveu, por ser mais prática, de mais fácil aprendizagem e não exigir, como a esgrima de florete, condições especiais. Nos campeonatos, que anualmente se realizam e que são ardentemente disputados, já os nossos esgrimistas têm por vezes conquistado, com gallardia, os primeiros lugares.

Mas não se julgue que, com este desenvolvimento da esgrima e sobretudo da esgrima de combate — a espada, — tenha aumentado em Portugal o número dos espadachins brigões e petulantes, que procuram com insolência um pretexto para se exibirem no terreno e verem no dia seguinte o nome nos jornais...

A bravura, que se adquire na prática e manejo das armas, não exclui, em Portugal, a cortezia e a delicadeza no trato, e, como bem diz um velho ditado francês: *Qui porte épée porte paix!*

NÁUTICA

Escolas de remo da Associação Naval

Tal como nos anos anteriores, a Associação Naval de Lisboa vai abrir as suas escolas de remo, para a instrução de novos praticantes.

Para facilitar a admissão de associados, a direcção da prestante colectividade determinou um período de isenção de jóia, que durará até ao 30 de Dezembro corrente.

As aulas, dirigidas obsequiosamente por antigos remadores da A. N. L., funcionarão todos os dias úteis, de manhã e à tarde, segundo o horário que se encontra afixado no pósto náutico da doca de Santo Amaro.

O CAMPISMO EM PORTUGAL

ACTUALMENTE, o campismo é uma realidade, no nosso país. Embora há muito tempo se praticasse em Portugal, só em 1940 começou a interessar largamente os portugueses — e em especial a juventude. Desde então, mercê de boa propaganda, o campismo atingiu a justa divulgação de todos os seus benefícios físicos e morais.

O movimento de interesse por esta modalidade encontrou, entre nós, magnífico acolhimento, demonstrando que o nosso povo aprecia de facto o prazer de se afastar do bulício da cidade e passar um dia no campo, no alto de um monte, sabendo escolher a sombra de uma árvore amiga, o local próximo de um ribeiro, gosar, enfim, as deliciosas paisagens que num ambiente de sossego, em magnífico á-vontade, lhe oferece a vida em contacto puro com a natureza.

O período de iniciação, que podemos assim fixar em 1940, atingiu nesse ano actividade entusiástica, podendo afirmar-se que o campismo teve então o necessário ambiente de simpatia.

O campista já não é tido hoje por qualquer «exótico» que abandone o conforto e as comodidades caseiras para ir viver um ou mais dias em desconfortável tenda de campanha.

É que o nosso país tem excelentes condições para facilitar a prática e o desenvolvimento do «camping». A riqueza de todas as nossas províncias em panoramas encantadores satisfaz qualquer preferência. Se se desejar a floresta, as margens dos rios, a praia ou a montanha, encontrar-se-á sempre um sítio ideal para acampar, gosando momentos inesquecíveis de vida simples, alegre e saudável. Respirar-se-á ar puro, fortificando o corpo, acalmado os nervos e preparando-os magnificamente para as mais duras tarefas que a vida lhe reserva.

Presentemente, podemos dizer que o campismo entrou na ordem do dia das nossas coisas desportivas e educativas.

A expansão e o movimento campista em Portugal é animado por dois clubes da especialidade: o Clube Nacional de Campismo e o Camping Clube do Porto. Mais 230 grupos e 10 secções anexas a clubes desportivos, fixam em cerca de 2.000 os praticantes.

O ano campista deve ser classificado de excelente.

Todos os sábados se efectuaram fins de semana, organizados por um ou mais grupos. Os locais preferidos foram Sintra Arrábida, Costa da Caparica, Forte da Telha, Belas, Rio de Mouro, Lagoa da Albufeira e Arneiro.

A Serra da Estrela e o norte da provincia da Extremadura foram também muito frequentados pelos campistas.

Os acampamentos da «Cidade Portuguesa» constituiram igualmente um dos aspectos mais animados da modalidade.

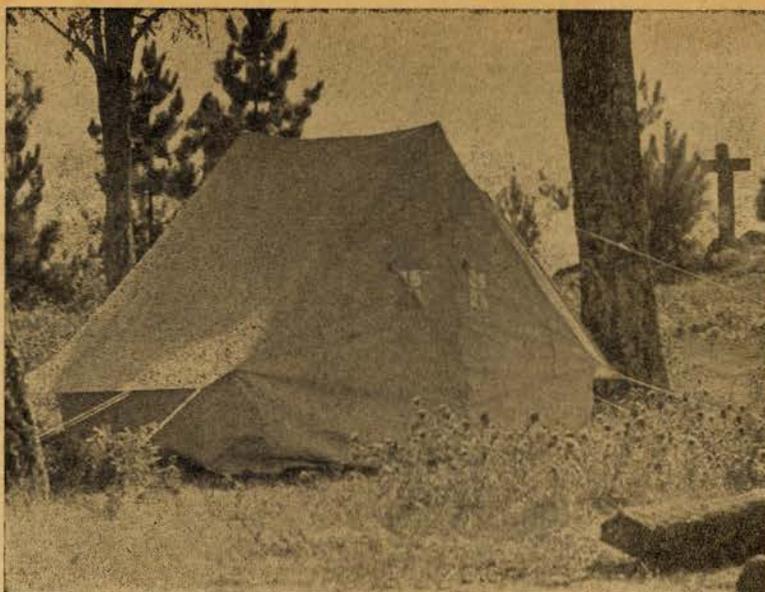
Efectuaram-se três exposições, nas quais se divulgaram publicamente as actividades e os elementos necessários do campismo, servindo assim de bela propaganda: a organizada pela Ateneu Comercial de Lisboa e as duas do Clube Nacional de Campismo, em Lisboa, na Casa do Alentejo, e no Porto, no Palácio das Belas Artes.

«O Volante»

ENCONTRA-SE publicado mais um número do jornal «O Volante», relativo ao mês de Novembro último. Além de variada colaboração técnica e noticiosa sobre automobilismo, insere também uma página de divulgação da aviação e a habitual secção de turismo

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

Nesta antiga e conhecida colectividade encontra-se aberta a inscrição para os seus sócios que desejem praticar luta, cuja classe, dirigida pelo antigo campeão, António Pereira, funciona todas as 3.^{as}, 5.^{as} e sábados, das 18,30 às 20,30 horas.



O ambiente em que o campista vive a poesia de uma paisagem

O campismo-náutico teve também boa actividade, como a descida do Douro em «kayaks», desde a Fronteira até ao Porto, percorrendo 204 quilómetros, e outros percursos efectuados no Tejo.

O ciclo-campismo desenvolveu-se muitíssimo.

Registe-se a actividade no norte do país, especialmente no Porto, onde a par de outras manifestações de desenvolvimento — como a realização da «2.ª Aldeia Campista do Norte» — teve especial relevo o circuito do Alentejo e Algarve, feito por campistas portugueses, componentes da «Tribu Alpino Campista».

De maneira geral pode dizer-se que este

ano foi aquêl em que se deve ter praticado mais campismo no nosso país. Espera-se, por isso, avaliando pelo entusiasmo e interesse manifestados, que o próximo ano acuse ainda maior desenvolvimento, tanto mais que a modalidade, entrando na organização nacional desportiva, beneficiará do interesse que por todos os assuntos campistas tem demonstrado o sr. Director Geral dos Desportos.

A campanha de divulgação das vantagens da vida ao ar livre está ganha. O campismo, como complexo das modalidades desportivas, triunfou em Portugal — grandioso parque de campismo!

FERNANDO SA

AUTOMOBILISMO

A 593 QUILÓMETROS À HORA...

QUE velocidade teria já alcançado o inglês John Cobb, rival e vencedor de Eyston, «recordman» mundial, se as dificuldades ocasionadas pela guerra não tivessem imposto um interregno na sua brilhantíssima carreira de famoso automobilista?

Esta é a pergunta que ocorre quando lembramos a série de proezas cometidas por Cobb, que, depois de ter atingido a velocidade horária de 593 quilómetros, não escondia a sua aspiração de chegar à casa dos seiscentos quilómetros horários.

A conquista de «records» «sobre records» tornaram John Cobb mundialmente conhecido. A rivalidade mantida com Eyston tornou célebre o seu nome. Vale, portanto, a pena revelar aos leitores a figura inconfundível deste «as» do automobilismo.

John Cobb nasceu no Condado de Surrey, em Inglaterra, no ano de 1902. Pertencendo a uma família da classe média, fez os seus estudos nas escolas primárias passando depois às «Public Schools», sem que, até então, revelasse qualquer inclinação para os desportos.

O seu interesse pelo automobilismo surgiu tardiamente. Cobb só aos trinta anos de idade conduziu um carro de corrida.

Um ano depois, adquirindo a indispensável experiência, John logrou uma série de «records» nacionais, de tal modo que passou a ser conhecido por «automobilista inspirado». Ainda em 1933, em Brookland, estabeleceu novo máximo de «arranque», fazendo a média de 193 quilómetros à hora. No mesmo ano, no seu «palmarés» registavam-se as seguintes médias: uma milha (arranque em 35,115 segundos; 102,520 milhas, ou seja 164,990 quilómetros, numa hora; um quilómetro (arranque) em 25,384 segundos; 88,140 milhas, ou seja 141,384 quilómetros numa

hora; um quilómetro, lançado, em 15,77 segundo, o que dá a média de 231,120 quilómetros à hora. Com este triunfo, Cobb fechou brilhantemente a época de 1933.

Cometidos estes feitos, o famoso automobilista dedicou-se, por alguns meses, à caça a outro desporto da sua predilecção e ao comércio de peles.

Veio a temporada seguinte e John Cobb perdeu a sua paixão pelo automobilismo. Mas tentou, mesmo assim, a conquista de «records» sensacionais, gastando rios de dinheiro na construção do seu bólido «Ráfaga». Dois homens célebres no mundo da mecânica ficaram então ligados aos projectos de John Cobb: A. Railton e Ken Taylor, construtor. A montagem dos motores foi uma autentica revolução...

O ano de 1935 é de glória para John Cobb. Foram seis «records» mundiais e a queda de 98 «máximos» ingleses e 18 mundiais, incluindo o das 24 horas, com 5.190 quilómetros, que vieram valorizar o seu «palmarés».

O «records» estabelecido em Utah foi derribado em 1948 por John Cobb, que nessa pista alcançou a velocidade de 363,580 quilómetros à hora. O campeão julgou-se, nessa altura, imbatível. Mas, no dia seguinte, Eyston demitiu o valor da proeza do seu rival, pois atingiu 575 570 quilómetros horários, o que equivale a 160 metros por segundo ou um quilómetro em 6,25 segundos.

O desejo de desforra passou a dominar John Cobb, que não descansou senão quando, em 1939, na mesma pista de Utah, logrou fazer 593,360 quilómetros à hora. Uma coincidência: Cobb alcançou esta velocidade precisamente no dia em que se completavam 40 anos que Jenatzy atingira a média de 105 quilómetros...

O BELENENSES DE HOJE!

(Conclusão da pág. 11)

E muitos mais que de momento não recordam. Que todos nos perdão o involuntário lapso de memória justificado, aliás, pela circunstância de serem tantos numa «família» tão vasta como é a do Belenenses.

O clube tem em actividade permanente mais de três centenas de atletas! Disseminados pelas suas dez secções — nove de desportos e uma de ginástica, cuja prática é obrigatória para os atletas praticantes. Vejam-se quais são essas secções, quem as orienta tecnicamente e as dirige:

ATLETISMO — Comissão técnica e treinadores: Luís Teixeira e Barcino Pinto. Praticantes oficiais: 35, dez dos quais pertencem ao sexo feminino.

«BASKETBALL» — Comissão técnica: Rómulo Trindade e José Luís. Em função oficial: 5 «teams» (1 feminino) de que é treinador Acácio Rosa. Em actividade: 45 atletas (9 raparigas) e uma escola de aprendizagem — para rapazes dos 15 aos 18 anos — com a frequência de cerca de 40 praticantes sob a direcção de José d. Almeida.

FUTEBOL — Treinador: Alexandre Pécis, Delegado da direcção: Carlos Florêncio. Quatro categorias e uma equipa de júniores. Não se sabe ao certo o número de praticantes (deve andar à roda dos sessenta! porque todos os dias aparece gente nova...

GINNÁSTICA — Frequência às aulas de cerca de cem atletas. É a única secção obrigatória do clube — para praticantes do desporto — porque a escolha da modalidade é com eles...

«HANDBALL» — Comissão: Fernando Lago, Adriano Natividade, Acácio Rosa e Barcino Pinto. Não há treinadores! Praticantes: 36

«HOCKEY» EM CAMPO — Reapareceu em 1942 esta única secção que nunca conquistou um campeonato para o clube, o que não admira, dado o «reinado» do Futebol Benfica! Praticantes: 25. Director e treinador: Marques Sérgio de colaboração com Acácio Rosa.

NATAÇÃO — A mais progressiva das secções do Belenenses. Praticantes: cerca de uma centena, metade dos quais frequentava com assiduidade a escola de aprendizagem que funciona no tanque-piscina do Jardim Colonial, em Belém. Comissão: Aires Ferreira, Joaquim Pinheiro e Carlos Costa. Professor: José Rosa.

«RUGBY» — Comissão: Jacinto Duarte, Machado da Costa, Acácio Rosa e Cabral de Matos. Praticantes: cerca de 25.

TÊNIS DE MESA — Também reapareceu em 1942. Comissão: Acácio Rosa, João Gouveia, Carlos Vagueiro e António Esteves. Praticantes: 20. Tem em organização um torneio inter-sócios com a participação de 45 novos «ping-punguistas», talvez os «ases» de amanhã...

«VOLLEYBALL» — O Belenenses é sócio fundador da Associação de Lisboa e tem ali um director, desde o princípio: Fernando Lago. Comissão: Acácio Rosa, Feliciano Marques e Fernando Mendes. Praticantes: 30.

Há mais, ainda: o Belenenses tem 27 filiais e 7 delegações. Filiais em: Alcácer do Sal (Barrosinhas), Armação de Pêra, Barreiro, Bom João (Faro), Castelo Branco, Chamusca, Covilhã, Elvas, Estômbar, Funchal (Madeira), Galveias (Ponte-de-Só), Gouveia, Guimarães, Lagos, Lourenço Marques (África Oriental), Macau (Oriente), Mértola, Montemor-o-Novo, O hão, Pinhel, Pórtico, Repreças (Viseu), Romeiras, Santa Comba Dão, Serpa, Tomar e Travanca da Bodiosa (Viseu). Delegações em: Casa Branca Chaves, Luanda (África Ocidental), Setúbal, Sousel, Tomar e Vila Franca de Xira.

Ilustram as «vitrines» das suas salas de troféus mais de meio milhão de prémios: taças e outros objectos de arte (salva, bronzes, etc.). — documentário preciosíssimo e real da vida gloriosa do clube. A taça «Mutilado da Guerra», é, para o Belenenses, a mais grata recordação das suas actividades; mas os tro-

féus ganhos em campeonatos — tantos, que o conto se lhes perde... — constituem os prémios de mais valia. Diga-se aqui que cerca de quatrocentos troféus foram conquistados pelos desportos a que se convencionou chamar de «pobres».

O comandante Reis Gonçalves, em conversa simples, fornecêra-nos elementos para uma reportagem — mais tarde coligidos de colaboração com Miguel Buttler e Acácio Rosa, duas dedicações consagradas aos belenenses e que os belenenses não esquecem! — e o suficiente para darmos ao leitor uma idêia do que é o Belenenses de hoje. O homem que actualmente está à testa dos destinos da colectividade, por decisão imperiosa, é um antigo jornalista, dos mais distintos e competentes em matéria de desporto. Foi já presidente da direcção, em 1930/31. Arquive-se, pois, algumas das palavras do engenheiro Reis Gonçalves — um belenense de alma e coração... sucessor, agora transitório, de Octávio Pinto da Rocha (o primeiro presidente do clube), de Luís Vieira, José António Silva, coronel João Luís de Moura, comandante António Maria Ribeiro, José Rosa, comandante Eduardo Scarlatti, Francisco Méga, dr. Coelho da Fonseca Salvador do Carmo e dr. Constantino Fernandes.

— O Belenenses é um clube em franco progresso. Negá-lo seria um disparate... Por isso mesmo sabe o que quer!

«Marchará em frente, com os olhos postos num porvir sempre melhor, compensação, alás, do seu trabalho de vinte e quatro anos. À beira de festejar as suas «Bodas de Prata!» Mais não devo dizer... Que o momento não o com-



Da esquerda para a direita: Hermengarda, Natália, Maria Júlia, Judite, Isaurita, Lucinda, Cremilda, Maria Helena e Antonieta, raparigas belenenses, campeãs de Lisboa em «basketball»

porta — pois encontro-me «por acaso» à frente do clube. E digo-o porque entendo que a situação não pode manter-se indefinidamente.

«Mas sei — sabemo-lo todos — o que o Belenenses quer! Baluarte do desporto e expressão máxima de vida sã em prol do revigoramento físico da raça, o meu clube há-de continuar a triunfar, como até aqui, marcando a sua personalidade de maneira categórica e positiva. Como sempre... Estamos a caminho de quatro milheiros e meio de sócios — há cerca de quatro mil contribuintes! — e isto, por si, diz tudo quanto quereria dizer e não devo, mas sinto intimamente que belenense...»

PIONEIROS DO AR

PASSOU há dias o 40.º aniversário do desaparecimento do balão «Lusitano», no qual perderam a vida três arrojados aeronautas, seus tripulantes, cujos nomes passaram à posteridade após crua e tragédia.

Não cabe aqui dizer o que foram essas longas horas de espera, de incerteza, de informações contraditórias — tão depressa esperanças como rapidamente desanimadoras — que fizeram pulsar ansiosamente o coração dos portugueses.

Crêem-se que foram os primeiros nomes inscritos no martirológico da conquista do espaço na história pátria. Mas se assim não suceder, são sem dúvida os que a nossa memória recorda com mais facilidade, talvez porque o facto se passou já em nossos dias, transmitido depois a duas gerações em relatos que o mantêm vivo no nosso espírito.

Então, como outrora, o espírito aventureiro da raça atirava para o espaço, na ância do seu domínio, a gente moça da nação, que si se «pre homens de posição social, alguns de famílias ricas, a quem emocionava a luta com o elemento mais indomável que o próprio mar: o ar!

Nomes que ficaram impressos a letras de ouro nos anais da Pátria, almas que tudo sacrificavam pela glória de Portugal, família, dinheiro, amigos, noivas — tudo era dominado pelo supremo interesse da causa nacional, pela vontade firme de aureolar o nome desta terra que foi berço de uma civilização e da qual haviam partido os audaciosos descobridores das terras de além mar, desvendando os segredos do tenebroso desconhecido.

Era, já em nossos dias, o culto daquilo que mais tarde haveria de ser baptizado como o nome de desporto. Porque eram desportistas, na mais sã e completa acepção do termo, aqueles que a bordo de um aerostato, construído a suas expensas, percorriam o espaço, sem mira de qualquer lucro financeiro, sem qualquer outro interesse que não fosse dominar o ar, gosando momentos de vida especial.

Era a infância da aviação. E Portugal, tal como séculos para traz, dava os primeiros passos nessa senda nova, concorria para a perfeição da navegação aérea, estimulava a ideia nova, que, dezenas de anos depois, viria dar ao mundo novas possibilidades.

Portugal estava, então como hoje, na senda do progresso, embora pagando com a vida dos seus filhos a inclusão do seu nome na epopeia do ar...

Margarida Salazar Carreira

vai casar... e deixar o desporto!



Gimnasta

A educação física é hoje universalmente considerada indispensável à mulher, para quem por igual se aconselha — dentro de certos limites de orientação e intensidade — a prática do desporto.

A mulher portuguesa, sem por isso perder a sua graciosidade feminina ou desvirtuar os objectivos da sua missão social dentro das nossas tradições seculares de família e de religião, cuida hoje da sua preparação física com a consciência de cumprir uma necessidade. O desporto possui também inúmeras culturas — e desta falange algumas se celebrizaram pelo mérito das suas aptidões.

Margarida Salazar Carreira, que herdou um dos mais consagrados nomes do desporto nacional, conquistou justificadamente

adepta da patinagem e da bicicleta, tenista sem pretensões e jogadora de «basket» e de «volley-ball».

Há um ano, porém, que a Guida desapareceu da actividade desportiva e os jornais noticiaram agora o seu próximo casamento. A vida prossegue com todos os seus direitos: o rumo dos acontecimentos subordina-se a leis imperecíveis da natureza. Não mudou com o noivado, a Margarida. Encontramo-la com o mesmo sorriso acolhedor, a mesma alegria feliz — talvez até mais feliz... — a iluminar-lhe o olhar. O jornalista é conhecido de longa data e a conversa decorre em tom de intimidade, recordando tempos antigos, quando ela era apenas uma graciosa promessa de mulher. As primeiras frases foram de diálogo, mas depois quasi bastou ouvir, só com uma ou outra pergunta a encaminhar a conversação.

— Meu pai ensinou-me a ginástica desde pequenina e habituou-me ao ar livre e ao exercício, levando-nos, a mim e a meu irmão, com ele para o campo do Sporting, nas tardes de treino. Tinha cinco anos quando recebi as primeiras lições de ginástica na classe que o professor Rui da Cunha dirigia no Campo Grande. Depois frequentei durante alguns anos as classes do Gimnásio Clube, onde o meu pai era médico inspector, e passei de novo para o Sporting quando se instalou o ginásio nos Restauradores. Foi então meu mestre o professor Ferreira da Costa, o grande amigo que nos preparou para os celebrados concursos do Gimnásio — e nunca pude esquecer o contentamento de todas nós depois da exibição de 1938, preparada com o maior entusiasmo e que nos valeu o título de campeãs! Nas últimas épocas, porque nunca deixei de frequentar a classe, foi o professor Herculano Cunha que nos dirigiu.

— E o desporto?...

— ... foi para mim um passatempo saudável. Comecei a fazer

atletismo em 1937 e durante quatro épocas conquistei oito campeonatos de Lisboa e uma vez o nacional do salto em comprimento — a minha prova favorita. Venci ainda, em 1940, os campeonatos regionais de ténis de mesa, por equipas e em pares mistos. Pode crer que as melhores recordações desportivas não são as vitórias... É a satisfação do movimento, o bem-estar provocado pelo exercício, a amizade das companheiras de equipa...

— Tudo isso acaba agora para si... Não sente saudades?

— Não... Não fico saudável porque o desporto que me importava não era a competição — e o exercício saudável, a vida ao ar livre, espero que não acabem... A ginástica posso continuar a fazê-la por conta própria, em minha casa, e os domingos, os fins de semana, aproveitam-se para arejar... Já ando a aprender a velejar no barquinho do Fernando!

O leitor supõe, certamente, quem seja o Fernando... É o noivo — o dr. Fernando da Silva Almeida, sportinguista como Margarida Salazar Carreira, ginasta como ela e apaixonado do campismo, da praia, do mar.

Dois destinos que se unem — dois desportistas a quem «Stadium» deseja e augura sucessivas vitórias no campeonato da felicidade comum!...



Nadadora

apreço em em todos os meios e popularidade que se traduziu, há poucos anos, pela sua vitória no concurso de «desportista mais simpática», que «Stadium» promoveu por votação entre os seus leitores. Gimnasta perfeita antes de ser eclética, a Guida — como é conhecida entre as amigas e camaradas — apontou-se como exemplo de equilibrada cultura física e intelectual, que deve ser a característica da rapariga contemporânea.

De alegria comunicativa e dinamismo infatigável, foi sempre a animadora do atletismo feminino no Sporting e a aluna mais entusiasta da famosa classe de ginástica das «leões». Brilhou ainda nas competições de ténis de mesa, nadadora nas provas organizadas pelo seu clube.



Campeã nacional do salto em comprimento



Velejadora... e noiva...

FRANCISCO FERREIRA

a alegria do futebol português!



HÁ rapazes que gostam de jogar o futebol e fazem dêle a sua maior paixão. Como este Francisco Ferreira, o "chico" do Benfica, ídolo do público e jogador do tipo daqueles que empolgam multidões e as galvanizam, comunicando-lhes tôdas as emoções do jogo. Ferreira é verdadeiramente um apaixonado pela bola redonda, e, sempre que joga, fá-lo com alegria. Houve um dia quem dissesse que êle só enchia todo o campo... É realmente verdade, porque Francisco Ferreira personifica a alegria — um jogador que dá gosto vê-se. Multiplica-se, ocorre sempre aonde é preciso estar, nunca regateia energias e dá generosamente o seu esforço — que pa-ece não ter limites! Em suma: um elemento indispensável no "team" do Benfica, um jogador cheio de vivacidade e dinamismo, alegre por temperamento e que apetece vêr em campo. Se todos assim fôsem... Mas Francisco Ferreira não é sômente a «alegria do futebol português» — pois é também um excelente jogador, um dos melhores *halves* que Portugal tem tido. No lugar outrora desempenhado por Cândido de Oliveira, Henrique Portela, César de Matos e Gaspar Pinto — êle firmou personalidade e adquiriu fama que atingiu celebridade e correu quilômetros, indo até além-fronteiras... Quando pela primeira vez jogou em Espanha — Francisco Ferreira foi citado pela critica como um jogador que convinha ao público espanhol... É que, em Espanha, joga-se com alegria e movimentação, com vivacidade tal, como o "Chico" tem por hábito fazer.

Francisco Ferreira nasceu em Guimarães, aos vinte e três dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e dezanove, contando, por conseguinte, vinte e quatro anos. Joga futebol desde os dezasseis — há oito, portanto — mas, apesar do pouco tempo que possui de prática, mereceu já a honra de ser seleccionado por quinze vezes: a primeira pela Associação do Pôrto, ao tempo em que era, ainda, jogador do F. C. do Pôrto; quatro pelo «team» nacional; e as dez restantes como representante da Associação de Lisboa. Principiou a sua carreira, de triunfo em triunfo com o pé direito... Embora se diga que não tem êsse pé! Porque Francisco Ferreira é muito "esquerdino" de seu natural, um homem que joga, de preferencia, à esquerda e com o pé esquerdo! Em 1935 (aos 16 anos) jogou no infantil do F. C. Pôrto, estreando-se contra o Boavista, num "team" de que também faziam parte o saudoso Angelo — mais tarde jogador do Unidos de Lisboa, Castro II (sobrinho do antigo "internacional" Francisco de Castro), Alfredo, actualmente no grupo principal do Salgueiros — o Benfica do norte... Ganhou êsse jogo e o seu primeiro campeonato. Na época seguinte (1936/37) Francisco Ferreira subiu à categoria de honra, voltando a estrear-se contra o Boavista, na Constituição, num desafio em que os "portistas" triunfaram difficilmente por 2-1. E, claro está, novo titulo de campeão... Mas os ares de Lisboa seduziram-no e a miragem de jogar no Benfica tentava-o. Veio então, para cá: em boa hora, pois a personalidade do jogador afirmou-se mais, e a "classe" apurou-se no contacto permanente com "teams" de mais valia. Entretanto, fôra já seleccionado pela A. F. Pôrto, contra Lisboa. Quere dizer, aos 17 anos era jogador de 1.ª categoria — e com dezoito, incompletos, foi seleccionado pela primeira vez...

Depois que veio para Lisboa e para o Benfica, a já triunfante carreira de Francisco Ferreira foi, a bem dizer, uma ascensão rápida. A sua popularidade firmou-se mais ainda e a sua auroreola de fama teve altim, o merecimento devido. Jogou os últimos nove desafios Pôrto-Lisboa, oito pela A. F. L., e foi chamado, também, para os últimos encontros do "onze de Portugal". No "team" do seu clube tem feito tôdas as épocas (5) sem interrupção. É um elemento consagrado do futebol português!

Arquivem-se, entretanto, as declarações do "astro" do desporto nacional — um "astro" de primeira grandeza e que, no firmamento do futebol português, brilha com intenso fulgor.

— Oficialmente, apenas "pratica" o futebol. É o único desporto que me interessa. Acima de tudo... Jogadores que aprecio? Aqueles com quem tenho privado mais, como companheiros e amigos, são, especialmente, Albino e Valadas, Amaro, Mourão — quando jogava! — Azevedo, Carlos Pereira e o dr. Alberto Gomes. Com respeito a árbitros? Canuto e Manuel Alexandre são, para mim, os mais habilitados! Gostei de jogar contra Epi o melhor estrangeiro que vi em campo — e Herrarita, a famosa "asa" espanhola que tive de guardar em Bilbao; dos outros que defrontei distingo os suíços Balabio e Minelli e o espanhol Campos, prodigios de virtuosismo. Quanto ao campeonato dêste ano — foi um aborrecimento... O Belenenses ganhou bem e o seu triunfo justifica-se plenamente, porque os "azues" demostraram pussuir o "team" mais regular. Fique-nos ao menos consolação de ganhar o "nacional" ou a Taça... O Benfica vai trabalhar para isso — e por minha parte farei quanto puder!

Francisco Ferreira conquistou, até agora, sete campeonatos: quatro pelo F. C. do Pôrto e os restantes como representante do Benfica. Vejamos quais foram: três campeonatos do Pôrto (um infantil, o primeiro) e o outro "nacional", pelo F. C. do P.; um de Lisboa e dois de Portugal, pelos «encarnados». Conquistou também duas «Taças de Portugal» e foi finalista noutra: no célebre jogo Benfica-Associação Académica, disputado nas Salésias, que os estudantes ganharam.

Para concluir, anotem-se as selecções de Francisco Ferreira que foram as catorze seguintes. 34.º Pôrto-Lisboa (11-Julho-37, no Pôrto) — Lisboa, 3-2. Neste desafio, Francisco Ferreira, representou a Associação portuense. Pela única vez — até agora... — 3.º Sevilha-Lisboa (7-Maio-39, em Sevilha) — Sevilha, 5-1. Francisco Ferreira era, nessa altura, já jogador do Benfica. — 3.º Lisboa-Sevilha (2-Julho-39, em Lisboa) — Lisboa ganhou por 9-2. — 35.º Pôrto-Lisboa (17-Dezembro-39) — Lisboa, 4-0. — 36.º Lisboa-Pôrto (7-Janeiro-40, em Lisboa) — Lisboa, 13-2. — 6.º França-Portugal — (28-Janeiro-40, em Paris) — França, 3-2. — 37.º Pôrto-Lisboa (22-Dezembro-40, no Pôrto) — Lisboa, 6-3. — 38.º Lisboa-Pôrto (22-Dezembro-40, em Lisboa) — Lisboa, 4-3. — 13.º Portugal-Espanha (12-Janeiro-41, em Lisboa — Empate de 2-2. — 14.º Espanha-Portugal (16-Março-41, em Bilbao) — Espanha, 5-1. — 39.º Pôrto-Lisboa (21-Dezembro-41, no Pôrto) — Lisboa, 5-2. — 4.º Portugal-Sulça (1-Janeiro-42, em Lisboa) — Portugal, 3-0. — 40.º Lisboa-Pôrto (11-Janeiro-42, em Lisboa) — Lisboa, 4-0. — 4.º Pôrto-Lisboa (20-Dezembro-42, no Pôrto) — Pôrto, 4-2. — 42.º Lisboa-Pôrto (3-Janeiro-43, em Lisboa) — Lisboa, 5-4.

XADREZ - Desporto intelectual

É um facto estarmos assistindo no nosso país a um movimento de simpatia pelo Xadrez, o científico jogo que triunfou em todas as gerações, e que hoje, praticado em todo o mundo, é senhor de bibliografia jamais conseguida por qualquer outro jogo.

É talvez um pouco tardiamente que se abandona a absurda crença de que o Xadrez é jogo de velhas — suposição esta que pode muito bem ser interpretada como despeito da impotência!...

Mas mais vale tarde que nunca... Hoje, possivelmente com os olhos postos no mundo de amanhã — uma promessa de paz e cultura ante a intelectualidade lerda, talvez mais do que nunca, a primeira — os portugueses, dominando o temperamento da raça e caracterizando um estilo, compreendem em entim que o Xadrez é mais do que passatempo — e mais do que jogo... Analizando o problema sob certos prismas somos levados a crer que o Xadrez, inegavelmente fonte de beleza, arte e complexidade, evidenciará num Mundo reconstruído e tranqüilo, melhor do que qualquer outro modo, o progresso intelectual de uma nação; será, por assim dizer, magnífico barómetro da mentalidade de um povo!

Enjôgo? Talvez... O entusiasmo é indubitavelmente um adversário sério para a expansão do desporto da inteligência!

Num dos últimos números da «Stadium» expusimos já o nosso ponto de vista quanto à população do Xadrez. Declarámos então que teríamos de nos patrocinar uma campanha com esse fim — ou seja de facilitar a prática do nobilíssimo jogo a indivíduos que, por insuficiências de cultura e condição social, estão naturalmente afastados de toda a actividade xadrezista.

Proporcionar aos nossos trabalhadores um jogo que pelas suas características e floarantes propriedades reputamos de salutar exercício para o raciocínio, educando e dignificando — é o objectivo que visamos ao lançarmo-nos neste empreendimento. Não será tarefa fácil conseguir o que aspiramos; teremos provavelmente de esbarrar com mil e uma contrariedades — mas confiamos no bom êxito dos nossos esforços. «Stadium» está, por enquanto, só. Ójalá que o não esteja sempre — para maior brevidade do triunfo...

É dos overários que depende principalmente o almejado êxito da nossa campanha. Esperamos que eles compreendam o alcance desta ideia — e que colaborem também na empreza, prestando o melhor da sua boa vontade.

Desejamos pôr de contar com um aliado que com idéias impressionantes: a F. N. A. T. O nosso objectivo alcançaria muito mais expressão, e, decerto, a causa seria nossa. Estamos certos de que a «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho» aceitará a colaborar conosco na gloriosa empresa de pugnar pelo desenvolvimento intelectual dos trabalhadores portugueses.

Podemos resumir o nosso plano de acção em quatro capítulos, que julgamos essenciais para a boa progressão da nossa ideia:

1.º — Para conhecimento de todos os interessados, tornar difusas as Leis que regem o Jogo do Xadrez, procurando retirar as más interpretações a que se pôde estar sujeito, principalmente nos locais menos populosos, mas onde se encontram muitos amadores isolados, que talvez desconhecem ainda as regras.

2.º — Angariar o maior número possível de adeptos, recrutados de preferência nas classes operárias, e mostrar-lhes as práticas — uma vez criado o «curso livre de Xadrez», como é nosso objectivo.

3.º — Facilitar aos interessados a aquisição do material de jogo.

4.º — Pr-mover, à semelhança do que se dá com os campeonatos corporativos de futebol, torneios de xadrez que estimulem os novos xadrezistas, incubindo-lhes sempre o espirito da competição desportiva e proporcionando-lhes a oportunidade magnífica de se libertarem de seletariedade mental perniciosas — sendo incompatível com a sua vida de trabalho.

O primeiro capítulo, que supomos ser de grande utilidade para todos, é de mais fácil execução que qualquer outro: «Stadium» começa muito brevemente a publicação, na íntegra, do Regulamento Internacional do Jogo de Xadrez. Serão também publicados amuade, pequenos artigos versando o tema que tratamos a popularidade do nobre jogo.

Contrariamente, o segundo capítulo do nosso projecto deve ser mais difícil de pôr em prática. Criar uma escola de xadrez é ideia que exige o carinho de todos, inclusive dos próprios trabalhadores, que são afinal os mais interessados nesta campanha. É um assunto que estamos estudando e que esperamos resolver satisfatoriamente, aceitando toda a colaboração bem intencionada que se nos oferecer.

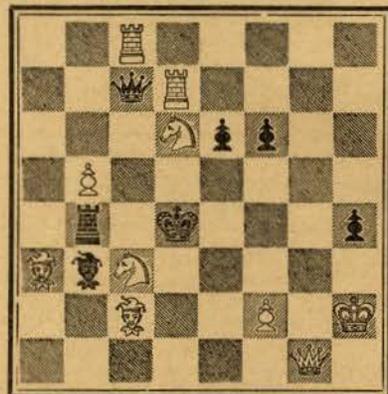
Não sabemos se é fácil realizar o terceiro mas consideramo-lo essencial ao bom êxito do nosso projecto, pelo que lhe dedicaremos a especial atenção que merece.

O quarto capítulo será a coroação do nosso trabalho. Desejamos que depressa chegue o dia em que possamos presenciar o magnifico espectáculo de um grupo de homens a exhibir-se na mais leal das lutas — bastante diferente de muitas outras que sustentam todos os dias: a luta da inteligência!

PROBLEMA N.º 8

Magasinet, 924

H. V. Tuxen



1.º prémio

Mate em 2 lances

XADREZ

Solução do Problema n.º 6 — I. Dal-a-3

Solucionistas: Orlando Casimiro dos Santos, Alberto Mesquita, Hans Schneider, José Lopes Correia, Fernando Alves Pires, José Manuel Henriques e A. David, de Lisboa; Daniel de S. usa, Eduardo Silva, e Diamantino Viegas, do Pôrto; Artur Pinto Neves, da Figueira da Foz; «Latino», de Alcobaça; M. Sousa, Carlos Castro, José Pinto e A. Câmara, de Coimbra; Joaquim Oliveira, de Santarém; M. A. Silva, João Costa e M. M. Silva Santos, de Braga; Artur Silva, de Vi-eu; Carlos Cunha, de Bragança; e M. Matos, Guimarães.

PARTIDA N.º 5

Jogada no II Torneio inter-grupos, por correspondência.

Branças: Gencsi Dezsö (Pôrto)

Pretas: João Santana (Setúbal)

P. R. — Gambito do Rei (defesa Falkbeer)

1.e2—e4, e7—e5; 2.f2—f4 — Este é o lance precursor do velho gambito do Rei, que tanto ataques, fogosos e belos, proporciona nos tempos aure s de Philidor, La Bourdonais, Anderssen e outros. Hoje, acco sado pelas implacáveis análises da teoria moderna, com princípios básicos muito diferentes dos de então, este sistema está já um tanto desacreditado, se bem que conte ainda inúmeros e impenitentes adeptos. As diligências do campeão da E-tónia, Paul Keres, e do falecido Spielmann, feitas no sentido de ressurgir esta velha linha de jogo, não obtiveram resultados convincentes. Recorde-se o recente torneio de S. Izburgo, em que o primeiro daqueles «meestres», aplicando a famosa abertura na sua partida contra o campeão do Mundo, dr. Alekhine, se viu forçado a «depôr armas», após cinquenta e um lances de jogo bem disputado. — 2...d5; — a defesa moderna, a que demole o famoso gambito, segundo muitos... A terminologia do Xadrez deu a denominação de contra-gambito Falkbeer ao lance jogado. Na citada partida Keres-Alekhine, o campeão mundial aceitou o gambito, jogando, depois de 3. Cf3, um lance que possivelmente surpreendeu o estoniano: 3...Cf6. Se bem que a teoria considere esta jogada inferior a 3.d5 ou g5, as pretas, nesta partida, lograram obter vantagem decisiva, o que prova, mais uma vez, que não se pronunciou ainda a última palavra sobre o gambito do C. R. — 3.e4×d5, e5—e4; 4.d2—d3, D×d5e 5.De2, Cf6; 8. Cc3 — O inconveniente da saída da dama para o meio do tabuleiro vai ser explorado imediatamente: 6...Bb4; 7.Bd2, — Assegurando a vantagem posicional das brancas. — 7...B×c3; 8.B×c3, Bc4; — Não cremos que exista melhor em posição tão delicada. — 9.d3×e4, D×e4; — As perspectivas das pret s pouco melhor seriam na seguinte continuação: 9.B×c2; 10.e4×d5 B×f1; 11.R×f1, C×d5; 12.B×g7; Tg8; 13.Te1, ou bem, 12...Ce3; 13.Rf2, C×e2; 14. Tc1, etc. — 10.D×D C×e4; 11.B×a7, Tc8; 12.Be5, c6. Mais enérgico seria 12...C—d7. Se 13.B×c7, Ta c8, com esplêndidas probabilidades de resistência. — 13.Bd3, f5; 14.B×e4, f5×e4; 15.B×f8 — Destruindo a última «chance» — um final de bispos de casa de cor contrária. — 15...T×h8; 16.h2-h3, Be6; 17.g2-g4, — a infantaria avança vitoriosamente. O final que se segue está nitidamente a favor das brancas. — 17...Td8; 18.Re2 Rf7; 19.Re3 h7-h5; As pretas tentam um desesperado contra-ataque, que a final apenas vem agravar ainda mais a sua já destróada posição. — 20.g4-g5, Bf5; 21. Ce2, h5-h4; — Defendendo g3. As fraquezas, porém, são tantas, que as pretas não podem acudir a todas... — 22. Td1, Rg6; 23.T×d8, T×d8; 24.Cd4, c5; 25.C×f5, R×f5; 26. Tg1, b7-b6; 27. g5-g6, Tg8; 28.g6-g7, Rf6; 29.R×e4, abandonam, porque, se 29...T×f7; 30.T×g7, R×g7; 31.Re5, e as pretas estariam irremediavelmente batidas. Uma boa partida de Gencsi Dezsö, o conhecido treinador de futebol e xadrezista distinto.

Pela sua evidente compreensibilidade e singularidade, recomendamos-lhe aos nossos leitores menos versados na técnica de bem conduzir uma partida, certos de que bastos ensinamentos poderão colher do seu estudo.

CORRESPONDÊNCIA

J. M. (?) Portimão — Congratulamo-nos sinceramente com o interesse que manifesta e somos os primeiros a lamentar a pouca regularidade desta secção. A falta de espaço é «inimigo» implacável da nossa revista... Esperamos, todavia, resolver brevemente essa contrariedade, passando a publicá-la quinzenalmente. Comunicamos-lhe também que o seu pedido foi já satisfeito. O endereço que citou é: Grupo de Xadrez de Lisboa (Sociedade de Geografia), Rua Eugénio dos Santos, 100.

VIDA ASSOCIATIVA

Novos corpos gerentes

Comunicamos-nos mais a posse das seguintes novas direcções: no Sport Clube Intendente, constituída por Celestino José Silva, Mário P. Guerra, António Cairaia, José Lopes Ramalho, Vítor M. de Carvalho, Radl da Graça Franco, Fernando V. Veiga, Afonso Mendes, Eduardo Rodrigues e José Bernardo; no Leixões Sport Clube (Matosinhos), formada por Hernani Botelho Gomes, Augusto J. Guerreiro, Ernesto Reis, Carlos E. Gonçalves Garrido, Murilo T. Nogueira, José L. de Amorim e Aristides P. Dias, efectivos, e Damião Aguiar, João R. Fernandes, António J. Correia, Manuel D. Fernandes e António F. Sousa, suplentes; no Grupo Desportivo Estoril Praia, dr. Joaquim Canas Cardim, Frederico Bandoira, João Correia, Ernesto S. Reis, Miguel R. Fazenda, António G. C. da Mota, Radl L. Tomás, Oswaldo Faria e Manuel Dyson dos Santos; no Ateneu Esportivo, Mário J. Sousa Diniz, Duarte A. S. Matos, Vítor M. Amorim Pinto, José A. Costa Martins, Radl M. Sena Magalhães, José Pinto e António Gomes Jr., efectivos, e Carlos Pina Cabral, Fernando S. Lopes, José L. Sousa e Radl C. Costa Passos, suplentes.

SILVA LOPES

(Conclusão da pág. 12)

porto; q'nto ao mais, é secundário. Não basta querer praticar a modalidade; é preciso, antes de mais nada, ter a noção do que ela é, nas suas linhas gerais. Tem-se, em regra, trabalhado no contrário! Quero dizer: sem uma ideia firme de realização prática, antes procurando levar o iniciado para campo onde não convém que apareça ou figure sem a preparação conveniente. Ideia errada, que importa esclarecer. Mas isso não me compete, mim, no momento — pois não desempenho funções directivas, a não ser no meu clube: o Lisgás. Compete, sim, a outros poderes mais altos...

— Sabemos que o Silva Lopes, porque é um estudioso, que se interessa por quanto diga respeito a «boxing», tem um pr.grama. Gostaríamos, pois, que o expusesse publicamente. — É uma simples maneira de vêr as coisas. Seria pretenciosíssimo querer ditar leis num meio onde sobram os «técnicos». Já que insiste, porém, peço que tome nota.

«Pódiã dizer, em síntese: como eu entendo que deve praticar-se o «boxing» amador. É uma exposição de ideias úteis, a meu vêr, pois ainda não as vi na prática. O pugilismo tem muitos espinhos e não é desporto para toda a gente! Esse — o grande erro... É preciso que o indivíduo reúna, realmente, um conjunto de qualidades tais, capazes de fazerem vingar o seu desejo, para não fracassar as primeiras tentativas, ou, a é, inutilizar tudo à nascença... Vamos por partes.

«Ponto preliminar: inspecção médica cuidada, que o praticante não deve deixar, nunca, no seguimento da sua carreira. Regime alimentar também cuidadoso (o «boxeur» não pode comer de tudo nem de mais) e normas de vida regrada. Ao princípio, cultura física adequada, simultaneamente com o ensino dos golpes principais e a maneira de os aplicar. É a teoria. Estudo das regras e prática de «plastrons», então mais tarde. Logo que o praticante tenha conhecimento do emprêgo dos golpes (e seus efeitos nas regiões principais a atingir: o racão, fígado, ponta do queixo, baco, estômago, carótidas — todo o sistema nervoso, em suma — frontais, etc.) começa-se, por meio de desenhos em quadros apropriados, a esquematisar os pontos vulneráveis do corpo humano em mapas anatómicos, a fim de industrializá-lo sobre a forma de atingir o adversário com êxito. Só depois disso virá a praticar com outros, de preferência do mesmo peso e conhecimento. É sempre prejudicial vêr o iniciado — sem nada saber de «boxing»! — diante de quem tenha mais experiência, o possa massacrar e tirar-lhe, de entrada, todas as ilusões...

«Desde que adquira conhecimento técnico do que é pugilismo, o praticante vai para as aulas de conjunto; então inicia-se com luvas (cumprido o período de preparação preliminar), passando a fazer saco de areia, «sprusing», salto à corda, «shadow-boxing» — de preferência na frente de espelhos, como fazem os bons «boxeurs» — «footings», etc. Todos os exercícios complementares, em sua sala. Só então irá a torneios, primeiro entre praticantes da mesma sala, e, mais tarde, só muito mais tarde — que o «boxing» exige longa aprendizagem e adaptação — aparecerá em público. O contrário (tem-se feito isso em regra) é errada noção do desporto. Não esquecer, nunca, a cultura física, acompanhada, sempre, da indispensável observação clínica. O f.cheiro biométrico (para mensurações e pesagem) é, também, indispensável companheiro do atleta em embrião! Como vê, a ideias não são minhas, tão singelas na aparência — deviam ser de todos, porque só assim se compreende a prática do desporto: metodizada, com regras a que é preciso submeter o praticante, a fim de o disciplinar e pôr apto a encarar o futuro se, naturalmente, quer fazer desporto de competição.

— Diga-nos, Silva Lopes, que pensa do estado actual do pugilismo amador?

— Mal! Muito mal! O «boxing» está decadente e através um período perigoso. É preciso acudir-lhe, se ainda é tempo... É neces-

TOME NOTA

Talvez não saiba que...

O primeiro professor português de gymnastica sueca em Portugal foi Luiz Maria da Costa Monteiro, que deu as suas primeiras aulas, em 1862, no Instituto Industrial de Lisboa, mais tarde no Colégio Militar, criando em seguida — juntamente com o célebre mestre de armas António Martins — o Ginnásio Clube Português, em 1875.

— O primeiro torneio de futebol realizado no Pôrto — sendo contado como campeonato regional — foi a «Taça Monteiro da Costa», em 1910-11, ganha pelo F. C. Pôrto.

— No primeiro campeonato sul-americano de lance livre («baskets») — Maio de 1939 — o Brasil classificou-se em 3.º lugar, por nações, com 58 pontos, devido a Martinho Frota (6.º na classificação individual) e Júlio Crelo (8.º na mesma classificação). O vencedor foi o argentino José Biggi.

— No primeiro campeonato mundial de futebol, disputado em 1930, em Montevideo, realizou-se, para o apuramento do vencedor, dezito jogos. O Uruguai ganhou, na final, contra a Argentina, por 4-2.

— O primeiro «record» do mundo em automóvel, registado oficialmente, foi estabelecido pelo conde de Chasselong-Loubat, em 1898, à média horaria de 63 quilómetros e 157 metros.

— O primeiro corredor que estabeleceu o «record» mundial de milha foi o inglês Chinery, em 1868, no tempo de 4 m e 29 s.

— Max Baer ganhou o título de campeão do mundo de pesos em 14 de Julho de 1934, em Garden Bowl, Long Island, batendo por K-O, ao décimo primeiro assalto, o gigante Primo Carnera. Arbitrou o combate Artur Donovan.

— O primeiro campeonato escolar de Lisboa de «rugby» disputou-se em 1934, tendo sido vencedor o Instituto Industrial de Lisboa.

— O primeiro Pôrto-Lisboa em ciclismo correu-se em 1911, vencendo Charles George, do Lusitano Clube Ciclista, em 17 h. 52 m. 34 s.

— O primeiro campeonato mundial de tennis disputou-se na vila de Wimbledon (arredores de Londres), no ano de 1877, organizado pelo «All England Cricket and Lawn Tennis Club», tendo sido ganho por Spencer W. Gore, que no jogo decisivo venceu W. Marshall.

— O primeiro Pôrto-Lisboa em motociclismo — 730 quilómetros — foi organizado pelo Moto Clube de Portugal, em Outubro de 1928, sendo vencedor Salgado Guimarães.

— O primeiro campeão «recordman» dos 400 metros barreiras, em Portugal, foi o dr. José Salazar Carreira, do Sporting, com o tempo de 66 s., no dia 6 de Agosto de 1922.

RUI NAZARÉ

sária propaganda pela acção. As salas têm papel importante a desempenhar neste capítulo. E a Imprensa pode ajudar, se quiser, a fomentar a campanha. Acho que deviam criar-se núcleos regionais noutros pontos do país. Lisboa e Pôrto não bastam: é preciso mais! E os grandes clubes (o Sporting, o Benfica e o Belenenses, por exemplo) podiam criar salas de «boxing»! Isso seria o ideal, atendendo ao número de adeptos que essas actividades «regimentam». Também seria da maior utilidade criar um colégio de árbitro, com lições teóricas (tal como preconizo para os praticantes) e práticas, industrializando-as na maneira de «vêr» e de «julgar» os golpes, como ensinando os seus efeitos. Compilar regras, unificando-se o critério de julgamento, a fim de evitar-se a dualidade na sua aplicação.

«Tudo tão simples, afinal, que não se torna difícil pôr em prática. O que é preciso é vontade daqueles que orientam e ensinam a modalidade — para que o «boxing» triunfe. É necessário olhar-se com mais interesse pelo «amador» — tendo em mira que ele será o campeão de amanhã, o profissional que o público aprecia como ídolo. E, evidentemente, tudo precisa de renovação — porque um «boxeur» não se faz em dois dias (passe o termo!) nem um ídolo se cria num momento de exaltação...

Assim falou Silva Lopes — com indiscutível critério, reconheça-se...

JORGE MONTEIRO

MAIS UMA VEZ...

A GRAVE SITUAÇÃO do atletismo português

A PESAR DA maneira insistente como temos abordado a lamentável situação em que se encontra o atletismo português, ainda nada conseguimos de útil para a salutar modalidade, pois a situação da A. P. A. — base, afinal, de todo o problema — continua à espera de melhores dias...

Pergunta-se: Quando resolverão os clubes começar a trabalhar?

E lamentável, verdadeiramente lamentável o que está a suceder na nossa terra — cidade que dispõe de uma das melhores pistas de cinz do país e onde o atletismo teve já popularidade apreciável.

Mas a verdade é que este estado de coisas não pode continuar por mais tempo. Acima do desinteresse dos homens que no momento estão à frente dos nossos clubes, está o prestígio de uma região e o progresso de uma modalidade que pelas suas condições, altamente salutar, não deve continuar a viver desamparada, como até aqui.

Por isso mesmo, apelamos para a Federação Portuguesa de Atletismo, a quem compete solucionar prontamente o problema. E certos estamos de que a sua acção se fará sentir rapidamente.

Lremos passar mais esta época sem uma prova de «cross»? Só teremos uma comissão administrativa na A. P. A. quando a época de pista for já adiantada?

Pelo caminho que as coisas estão a seguir, parece-nos que vamos ter a segunda edição das tristes realidades da última temporada. E como consequência de todo este ambiente, os bracarense pensam organizar a sua Associação de Atletismo, a fim de se libertarem dos «desastres» sucessivos que por cá se vão registando. Isto é, para já, o atletismo português sofre um rude «golpe», mercê da má orientação de que tem sido vítima nestes últimos anos. A fuga dos bracarense significa que querem fazer atletismo e não estão dispostos (e muito bem) a continuar sujeitos ao nosso pobre ambiente de improvisações...

Não poderia a Direcção Geral dos Desportos solucionar o grave e tristíssimo caso do atletismo português?

IDUARDO SOARES

O CAMPO DE JOGOS

DO F. C. PÔRTO

(Conclusão da pág. 35)

deixou agir quem queria? Por que se deixaram perder as possibilidades que surgiram por várias vezes?

Mas não é de coisas passadas que se pretende escrever. Olhemos para o futuro.

Não há possibilidade de se fazer nada enquanto a guerra dura. Fazer agora qualquer coisa acanhada, sem condições, para depois ter de se construir, mais uma vez, obra nova, será erro crasso.

Por enquanto, o F. C. Pôrto terá de continuar a viver de «empréstimos», para poder juntar em redor a sua numerosíssima falange de simpatizantes, sócios ou não. Depois, deixem agir quem quiser, subordinando os interesses ou vaidades de alguns aos interesses e vontades de todos.

Entre-se na preparação de terreno, começasse a construir, e os auxílios choverão de toda a parte. O campo do F. C. Pôrto é um sonho para já, mas não deve representar, mercê de errada orientação, o emprêgo de um capital que nunca mais encontra justa compensação, quando a vida se modifica.

E isto de perder é coisa da qual ninguém gosta...

Roberto
42



FLECHA
a bicicleta que triunfou lançada pela
'A ILUMINANTE'

AVENIDA ALMIRANTE REIS 6